

Supl. I: 170 L

01 a 53

66, 67

SLMG
50 ANOS

Belo Horizonte, Outubro/2016 | Edição Especial | Secretaria de Estado de Cultura

APRESENTAÇÃO

Cumprindo mais uma etapa de seu atual programa de renovação, o «Minas Gerais» lança hoje o «Suplemento Literário», de publicação semanal e que circulará regularmente com a edição de sábado. A função precípua de «Órgão Oficial dos Poderes do Estado» em nada contraria o propósito de apresentar este jornal caráter mais amplamente informativo como os outros. Essa foi a orientação mantida durante vários decênios da história do «Minas Gerais», tradição interrompida temporariamente e que ora se procura retomar. Melhor ainda se insere na presente fase renovadora o lançamento de um suplemento dedicado à literatura e à arte em geral, providência que se compreende também no plano cultural do governo. Justo, portanto, que neste primeiro número se faça menção dos nomes do Governador Israel Pinheiro e do seu digno auxiliar, o jornalista Raul, Bernardo Nelson de Senna, ex-Diretor da Imprensa Oficial que, na

sua profícua gestão, teve a esclarecida iniciativa de criar o «Suplemento Literário».

Na sua simplicidade, o título escolhido para esta nova secção do «Minas Gerais» contém o essencial de um programa consciente. Delibramos reivindicar a importância da literatura, frequentemente negada ou discutida. Para começar, tomamos o termo na acepção mais ampla.

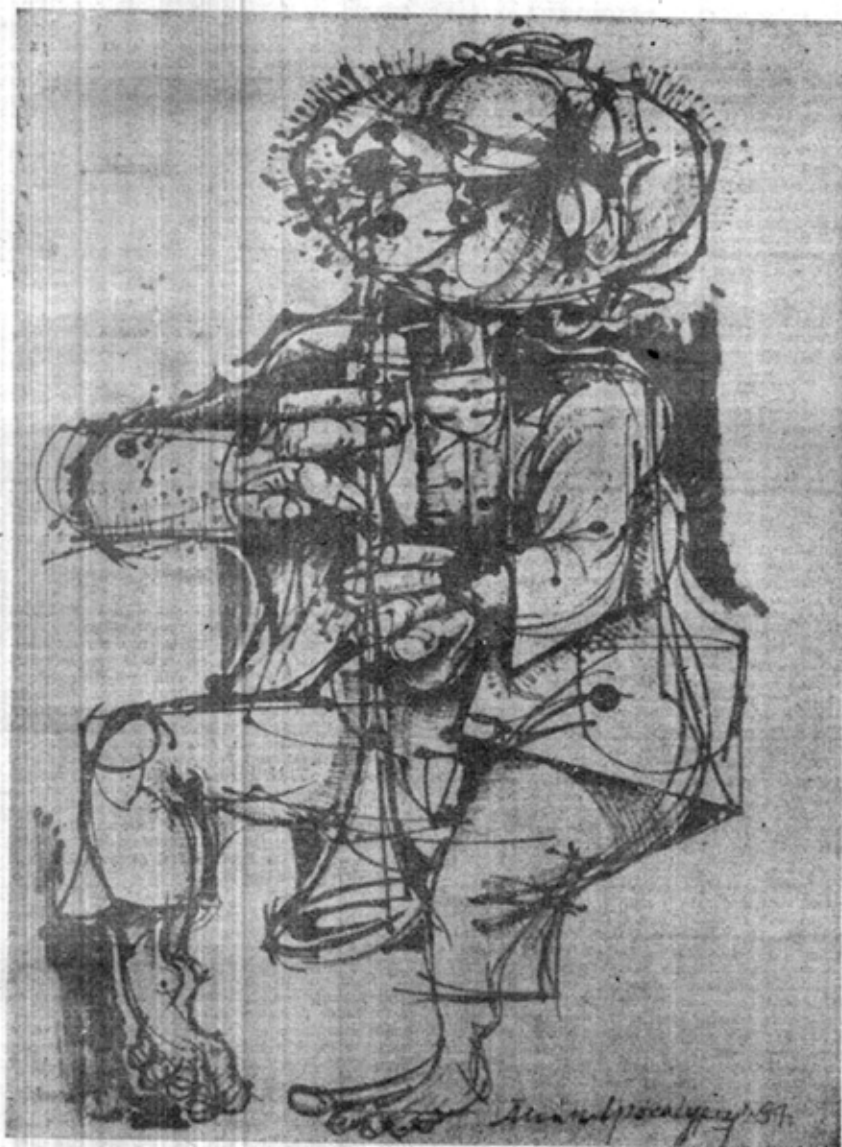
Nessa ordem de idéias, o «Suplemento Literário» vai inserir não só poesia, ensaio e ficção em prosa, mas também a crítica literária, a de artes plásticas, a de música. Sem negligenciarmos os aspectos universais da cultura, queremos imprimir a estas colunas feição predominantemente mineira, assim no estilo de julgar e escrever, como na escolha da matéria publicável. A fidelidade à Província nos termos que a situamos, até conjura o perigo do provincianismo.

O anseio de atingir a esquiua perfeição configura a chamada mineiridade, na opinião de

alguns. Porque cientes e conscientes dos laços negativo e positivo de semelhante intenção, permitimo-nos a coragem de aspirar ao melhor que nos seja possível. Para tanto, a Comissão de Redação dará o máximo de si mesmo, para poder exigir igual esforço dos demais escritores da equipe responsável. O trabalho solidário há de superar fraquezas e deficiências.

Esperamos reviver significativa tradição deste jornal, que a história das letras em Minas não deixou de registrar. Alguns entre os mais influentes escritores de hoje publicaram no «Minas Gerais» as primeiras manifestações de seu talento, em poesia e prosa. Ombreamos então com autores já consagrados pela crítica e pelo público. De maneira idêntica procederemos agora, em relação a novos e a colaboradores de conceito firmado.

Valham as intenções deste programa. Assim nos seja dado cumpri-lo.



ÁLVARO APOCALYPSE: do folclore ao surrealismo

Depois de pesquisar muitos temas, principalmente folclóricos, Alvaro Apocalypse — primeiro prêmio de desenho no último Salão da Prefeitura e professor de desenho no Curso de Belas Artes da UFMG — dedica-se agora a uma fase surrealista, que é mais uma consequência de seus trabalhos anteriores do que propriamente uma descoberta de hoje.

Nos seus mais recentes trabalhos, notamos um artista participante, intelectual e inventivo; um profundo conhecedor da técnica do desenho que a domina e a usa para uma melhor comunicação. Em Alvaro Apocalypse, há o gosto pela fábula do futuro que se mescla com uma leve ironia e notações de grande sutileza.

MINAS GERAIS

suplemento literário

BELO HORIZONTE — SÁBADO, 3 DE SETEMBRO DE 1966

ANO I

N. 1 — Preço Cr\$ 150

O PAÍS DOS LATICÍNIOS

Bueno de RIVERA

O país dos úberes,
região da paz bovina!

Aqui as árvores amamentam
aves, bichos e crianças.

A nossa lua é um seio branco:
chove leite sobre os campos.

Verdes vales
longos pastos
onde os trilhos
dão no córrego.

Mansas casas
de varandas
açucenas
e quintais.

Muro de rosas
juritis
tardes de aboio
laranjais.

Aguadas de sol e sombra,
porteiras da solidão.

Neste descampado reina a vaca
mãe do touro
mãe do ouro
mãe dos homens.

Neste descampado sofre o boi
boi de carro
boi de corte
sonso boi.

SUPRIMENTO PARA A TRAVESSIA

ANGELO OSWALDO DE ARAÚJO SANTOS

S*uprimento Literato*. Era o nome da máquina do mundo, que o poeta Márcio Sampaio instalou, no meio da redação do Suplemento Literário do “Minas Gerais”, sobre uma velha Remington, no horário de almoço. Que razão era aquela? De *ratio* não tinha nada, até porque funcionários da Imprensa Oficial consideravam uma irracionalidade tudo que saísse da tribo mantida por Murilo Rubião na antiga sala dos redatores do “Minas”. Mas, em termos alimentares, foi um novo banquete antropofágico, à moda de Oswald de Andrade.

O futuro prócer do Senado, Milton Campos, ao saudar Carlos Drummond de Andrade pelo aparecimento do primeiro livro, “Alguma Poesia”, em 1930, em pleno salão dourado do Automóvel Clube, disse que nada seria melhor, em matéria de antropofagia, que a sua de um senador. Quarenta anos depois, os jovens do Suplemento Literário queriam canibalizar a literatura, roer as costelas dos acadêmicos e dos generais, implodir a mesmice e reinventar o mundo pela poesia nossa de cada dia.

O Suplemento Literário descende dos “suelos” estampados no “Minas Gerais” de antigamente, nos quais se revelavam jovens escritores e poetas. Drummond, ainda moço, trabalhou na redação do diário oficial e se fez cúmplice dessa aliança entre os novos e o egrégio jornal dos poderes constituídos do Estado. Mas foi no governo Israel Pinheiro que se criou o caderno semanal dedicado inteiramente às letras e as artes, comprometido, porém, com a inovação e as diversas formas de experimentalismo.

Saído da eleição derradeira de 3 de outubro de 1965 e empossado, sob graves tensões, em 31 de janeiro de 1966, o governador autorizou Murilo Rubião a fazer o Suplemento Literário. Iria circular aos sábados, no ventre da baleia burocrática, de modo a alcançar, pela capilaridade do jornal do

governo, as escolas, os cartórios, as delegacias, os fóruns e demais repartições espalhadas por todo o território mineiro. Pelo menos um Suplemento em cada município, como as namoradas do poema de Drummond.

Imediatamente, a iniciativa atingiu estupenda repercussão, para o bem e para o mal. Colaborações vinham de Belém do Pará, onde viviam o ensaísta Benedito Nunes e o poeta Max Martins, de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, enviadas por Caio Fernando Abreu e Tânia Faillace, ou de São Paulo, remetidas pelos irmãos poetas Haroldo e Augusto de Campos. Da Europa, da África, dos Estados Unidos e dos países hispano-americanos. Antonio Candido sublinhou a qualidade das edições. Drummond, Murilo Mendes, Pedro Nava, Emílio Moura, Henriqueta Lisboa, Eduardo Frieiro e Francisco Iglésias se fizeram presentes.

Enquanto era aplaudida Brasil afora, sobretudo no Rio de Janeiro e em São Paulo, cercava-se da ojeriza dos meios conservadores, indignava sonetistas e verborrágicos letrados, escandalizava desavisados servidores públicos e intrigava os órgãos da repressão. Murilo Rubião procurava, por todos os meios, proteger o Suplemento dos detratores sequiosos de vê-lo repleto de parlapatices e anacronismos. Paulo Campos Guimarães, sobrinho do ministro Chico Campos, udenista da Arena e orador de recursos e efeitos ainda naquele tempo admirados, era um esteio firme. Diretor da Imprensa Oficial, gostava de acalmar os ânimos, com seu vozeirão: “Estou trabalhando feito um leão para manter o Suplemento!”. Mas outros trabalhavam como lobos.

Que história é essa, no jornal do governo, desse governo que é contra a Revolução de 1964? Foi essa indagação que levou o comandante da ID/4, maior autoridade do Exército no Estado, a exigir a saída do escritor Rui Mourão da editoria do Suplemento, sob o argumento de que fora

ele um dos signatários do subversivo protesto contra a invasão da Universidade de Brasília, na qual lecionava. Na verdade, tudo no semanário seria pura subversão. Sem se distanciar, Rubião havia deixado a editoria, convocado pelo governador Israel Pinheiro para várias missões, que o caracterizaram como um secretário de Cultura “avant la lettre”. Coube-lhe criar a Fundação Escola Guignard e a Fundação de Arte de Ouro Preto, bem como a Galeria Mineiriana do Palácio da Liberdade, embrião do Museu Mineiro, além de ter reorganizado a Rádio Inconfidência.

Com a saída de Rui Mourão, o contista Ildeu Brandão, antigo redator do Palácio da Liberdade, assumiu o cargo, avisando que não pretendia ali permanecer por muito tempo. Murilo Rubião escolheu Humberto Werneck e tentava convencê-lo, quando o jovem escritor recebeu o convite para integrar a equipe do “Jornal da Tarde”, que surgia em São Paulo como uma grande novidade na imprensa brasileira. Cumpru-se a sentença de Otto Lara Resende: “Minas exporta minérios e mineiros”. Chamado por Murilo ao gabinete de Paulo Campos, já com o beneplácito de Affonso Ávila, Laís Correia de Araújo e Aires da Mata Machado, entre surpreso e entusiasmado, aceitei a tarefa, que cumpri, com prazer, do início de 1971 ao meado de 73.

À volta do Suplemento, agrupou-se uma das últimas gerações literárias articuladas em Belo Horizonte, na sequência daquelas assinaladas por suas publicações: “A Revista”, “Leite Crioulo”, “Edifício”, “Tendência”, “Complemento”, “Ptyx”, “Estória”. A safra do Suplemento consagrou Luiz Vilela e gravitou ao redor de Sérgio Sant’Anna, como acontece em todo grupo literário. A presença diária de escritores e artistas na redação era facilitada por sua localização no centro de Belo Horizonte, entre o “Lua Nova” e o “Lucas”, no edifício Maletta, e o “Saloon”, na rua Rio de Janeiro. Bares e cafés são pontos fundamentais para unir uma geração, como foi o “Estrela” da rua da Bahia para os modernistas dos anos 20.

No governo Aureliano Chaves, sendo Wander Piroli o editor, houve o empastelamento de uma edição, nas oficinas da Imprensa Oficial. Piroli se demitiu e o Suplemento entrou em crise. Não foi extinto, graças ao empenho dos poucos lúcidos que o defenderam, na difícil circunstância, mas passou a sofrer incontornáveis constrangimentos. Um grupo de escritores levou um manifesto ao governador Francelino Pereira, pedindo a revitalização do Suplemento, sem as amarras que aqueles tempos de abertura política pareciam pretender eliminar. O governo de Tancredo Neves, ao entregar a direção da Imprensa Oficial a Murilo Rubião, ensejou o renascimento sonhado. Pouco tempo depois, novas crises irromperam, pelo que, no segundo governo Hélio Garcia, se fabricou a fórmula

Murilo Rubião tinha
cinquenta anos quando
criou o Suplemento. Hoje,
essa idade rejuvenesceu,
em relação ao que então
significava, pois a
longevidade se estende e
altera os tabus etários.
Mas um século é um século,
e um cinquentenário,
conquista que também pede
celebração. Há uma aura
de encantamento em
torno dos cem anos.

da sobrevivência. Não seria mais o Suplemento Literário do “Minas Gerais”, mas de Minas Gerais, uma publicação mensal da Secretaria de Estado de Cultura, atualmente de novo inserida numa edição do diário oficial, além da tiragem própria.

O Suplemento completa meio século, em momento de extinção ou drástica redução dos cadernos de cultura na imprensa brasileira, não os segundos cadernos diariamente dedicados a artes e diversões, mas aqueles hebdomadários (teriam virado dromedários) inteiramente consagrados ao ensaísmo crítico e à apresentação de novos autores e ideias. Raros veículos culturais têm uma vida tão longa e ostentam a trajetória que aqui se cumpriu, de maneira esplêndida. Percorrer suas milhares de páginas é desfrutar, invariavelmente, o prazer da leitura. O “Suprimento” farta os seus leitores do bom e do melhor. Escritores brasileiros e estrangeiros o prestigiaram, conscientes da importância da realização. “Foi no Suplemento que eu me li pela primeira vez em português” – disse-me Julio Cortázar. Em suas páginas, inúmeros criadores estrearam, tanto em literatura como em

arte, já que sempre foram convidados artistas novos ou consagrados para a ilustração das matérias ou apresentação de trabalhos. Teatro, cinema, artes plásticas e fotografia igualmente mereceram a atenção dos editores.

Murilo Rubião tinha cinquenta anos quando criou o Suplemento. Hoje, essa idade rejuvenesceu, em relação ao que então significava, pois a longevidade se estende e altera os tabus etários. Mas um século é um século, e um cinquentenário, conquista que também pede celebração. Há uma aura de encantamento em torno dos cem anos. Dedicamos assim nossas homenagens a Murilo Rubião, o fantástico escritor reescritor, o gestor cultural pioneiro, a personalidade que enriqueceu a literatura e o inventor do Suplemento, que nele concentra a sua síntese e o seu significado.

ANGELO OSWALDO DE ARAÚJO SANTOS

mineiro de Belo Horizonte, dirigiu o Suplemento Literário no período 1971/1973. Atualmente é o Secretário de Estado da Cultura.



De cima para baixo, da esquerda para a direita: Humberto Werneck, Valdimir Diniz, José Alberto Nemer, Adão Ventura, Sérgio Danilo, Milton Gontijo e Luiz Vilela, 1968. Adão Ventura e Jaime Prado Gouvêa, 1970. Humberto Werneck e Clarice Lispector, 1968. Angelo Oswaldo, Murilo Rubião, Pedro Nava e Aogar Renault, nos anos 1970.

Literatura é vida?

ENEIDA MARIA DE SOUZA

O ano de 1966 marca, entre vários acontecimentos de importância no país, a criação do Suplemento Literário do "Minas Gerais", com a assinatura de Murilo Rubião. Nesse mesmo ano, na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, situada à rua Carangola, 266, a turma de formandos em letras, dividida entre o entusiasmo e a descrença, apostava na literatura como destino e na aventura deliberada da vida. Nos corredores e nas salas de aula, a convivência com as letras impressas nos livros assumia o tom mágico da descoberta e o voo incessante da imaginação. O espírito reinante nos formandos não acreditava no fim de um ciclo, mas na continuidade da chama inaugurada pelo amor às artes, na crença de perenidade de um ideal que deveria se expandir e frutificar.

Por coincidência, no ainda precário sistema de divulgação da produção literária da cidade e do Estado, a fundação do Suplemento significou a abertura para a participação de jovens escritores pertencentes à classe universitária, com o apoio de intelectuais renomados. Por sua vez, a formatura em letras deixava de ser mero registro burocrático para se tornar parte integrante de uma confraria de adeptos e amigos da literatura, atividade inscrita na própria existência. O caminho aberto para o exercício da crítica, da produção literária e artística teve, no período inicial do Suplemento, incentivo necessário para a divulgação do trabalho realizado em Minas e no Brasil. Recém admitida como professora de Teoria da Literatura na Faculdade, tive a oportunidade de cedo colaborar com artigos acadêmicos e de encaminhar para publicação ensaios de colegas e pesquisadores de outras instituições.

O jovem inventor do Suplemento tinha na ocasião cinquenta anos e ainda fabricava brinquedos inusitados de papel, rasgava e colava pedaços de frases e de personagens, recolhia restos de palavras e não se contentava em possuir o brinquedo completo. Sua poética consistia no obsessivo processo de fazer/desfazer da criação, gesto lúdico que se mesclava ao estilo igualmente mágico do escritor. Esta montagem/desmontagem literária o transformaria num dos mais brilhantes escritores de literatura fantástica de sua época, embora tenha sido reconhecido tardiamente pela crítica. Na direção do periódico revelava, ao contrário, comportamento sisudo e extremo cuidado com as regras de publicação, além de se manter enérgico e cumpridor dos prazos. O grande mérito do diretor foi o diálogo mantido com a classe intelectual no país e no exterior, transformando a então tímida cidade de Belo Horizonte em espaço cosmopolita e de vanguarda.

A década de 1960, com o desenrolar iminente do golpe militar e da censura aos meios de comunicação, conseguiu se impor como resistência política e criar nichos de produções artísticas de valor inestimável. Na redação, Murilo se cercou da rapaziada universitária, possibilitou o surgimento da Geração Suplemento, composta de contistas e entusiastas de outras artes, com os quais ampliou o debate literário entre nós. Com a colaboração de escritores de sua geração, como Laís Corrêa de Araújo, Fábio Lucas, Rui Mourão, Affonso Ávila, entre outros, o periódico ia ganhando prestígio e notoriedade, embora experimentando momentos de censura e repressão política.

A relação de cumplicidade que mantenho com o Suplemento, dos anos de 1970 até hoje, quando integro o

corpo do Conselho Editorial, sempre atendeu à divulgação de artigos sobre pesquisas envolvendo trabalhos resultantes da experiência docente e de outras atividades, na maioria centrada na obra de escritores brasileiros, como Guimarães Rosa, Autran Dourado, além da análise da correspondência entre Mário de Andrade e os mineiros. Pedro Nava, memorialista tardio, mereceu ensaios de natureza arquivística, por estar concluindo a edição crítica de Beira-mar- memórias 4 para a Coleção Archivos. Na década de 1980, ao voltar do curso de doutorado na França, Murilo havia reassumido a direção da Imprensa Oficial e me convida para preparar a edição especial sobre Autran Dourado, recebendo o título de “As Minas de Autran Dourado”. Lançado em 1985, o número compunha-se de artigos de seus contemporâneos e de representantes da crítica brasileira do momento. A publicação de números especiais sobre autores ou temas tornou-se marca registrada da pauta editorial do Suplemento desde seus primeiros anos, o que confirma a necessidade de sistematização e arquivamento da memória de gerações e gerações de escritores.

O diálogo mais extenso mantido com o Suplemento teve início com a criação do Acervo de Escritores Mineiros, por docentes da Faculdade de Letras da UFMG e a doação, em 1991, do arquivo de Murilo Rubião. A colaboração entre pesquisadores torna-se, a partir daí, mais institucional, não só pelo fato de ser a troca de informações e documentos regida pelo compromisso com a divulgação do material existente, como pelo interesse despertado pela obra de Murilo, o que naturalmente vai acontecer com os arquivos posteriormente doados à universidade. Entre as preciosidades do arquivo, a coleção encadernada do Suplemento veio na bagagem do escritor, um dos legados significativos de sua trajetória intelectual, ao lado da biblioteca e dos manuscritos. O Suplemento encontra, desse modo, espaço próprio para se expandir no meio acadêmico e torna-se objeto de estudo para futuros leitores. Dissertações e teses de doutorado são defendidas na instituição, consultas ao acervo realizam-se em grande escala por pesquisadores locais e de outras regiões, o que comprova a sobrevivência da obra de Murilo e sua importância como escritor, intelectual e homem público. A continuidade da publicação confirma a persistência de um projeto que vence obstáculos e supera dificuldades de toda ordem, ao conferir à literatura e à crítica literária dimensão saudável de reflexão e debate.

O Acervo de Escritores Mineiros, sediando hoje uma dezena de autores, como Cyro dos Anjos, Henriqueta Lisboa, Abgar Renault, Wander Piroli, Oswaldo França Júnior, Lúcia Machado de Almeida, Fernando Sabino, Carlos Herculano Lopes entre outros, responde pela recriação, em simulacro, das personagens com as quais Murilo construiu a imagem

literária de uma época. Permanecem conversando entre si, trocam figurinhas e sobrevivem pela força mágica do tempo, da imaginação e da pesquisa. O espírito arquivístico é revigorado pelo diálogo entre fantasmas que saltam das prateleiras, associações entre falas e escritas ecoadas entre as frestas dos armários, revitalizando-se a galeria de autores pela nova inserção de leitores e espectadores. Mas não se trata de um cenário cristalizado, pois os frutos dessas conversas resultam na divulgação de textos desconhecidos pelo público, publicação de originais, ilustração de fac-símiles de manuscritos, fotos de escritores, rascunhos de livros, esboços de futuras criações. Este trânsito entre arquivo e Suplemento tem gerado um conjunto considerável de produções entre pesquisadores do Acervo e de outras instituições. Números especiais publicados pelo periódico como os de Cyro dos Anjos, Oswaldo França Júnior, Lúcia Machado de Almeida, Murilo Rubião, Wander Piroli, entre tantos outros, incentivam a consolidação da memória literária brasileira, assim como a valorização do arquivo na sua função aglutinadora e cultural.

Os cinquenta anos do Suplemento coincidem com os de minha formatura e o centenário de Murilo Rubião, seu mágico-criador. Data redonda assim dá para desconfiar, de cruzar os dedos ou bater na madeira. 1966, ano de euforia e de compromisso de minha geração com os problemas do mundo, proporcionava a dimensão utópica de um presente que estava sendo embalado pela *Banda* de Chico Buarque, *Disparada*, de Geraldo Vandré e leituras de Guimarães Rosa e Clarice Lispector. Entre os sonhos da juventude, à literatura era reservado lugar de destaque e culto diário. Não foi gratuita a escolha da teoria literária como instrumento capaz de refletir sobre o heterogêneo estatuto da literatura, o que justifica a razão de sua persistência, nos dias atuais, em busca de saberes que a ultrapassem. O Suplemento, leitura obrigatória naqueles tempos e até hoje, insiste, com seus altos e baixos, a me fazer acreditar no empenho de uma geração que consegue manter viva a imagem de Murilo Rubião e a render tributo à literatura feita pelos novos de ontem e de hoje.

ENEIDA MARIA DE SOUZA

mineira de Manhuaçu, é Professora Emérita de Literatura da UFMG e conselheira do Suplemento Literário de Minas Gerais

MURILO RUBIÃO E A GERAÇÃO SUPLEMENTO

VERA LÚCIA ANDRADE

Era o ano graça de 1966... Murilo Rubião já havia publicado grande parte de sua obra, como o *Ex-Mágico* (1947), *A Estrela Vermelha* (1953) e *Os Dragões e outros contos* (1965), mas não era ainda conhecido pelo grande público, o que só ocorrerá a partir de 1974, quando o editor Jiro Takahashi, da Ática, de São Paulo, aconselhado por Antonio Candido, transformou o quase desconhecido Murilo Rubião num fenômeno de livrarias, com o lançamento de *O Pirotécnico Zacarias*, uma coletânea de oito contos, todos republicações, extraídos de seus livros anteriores.

Funcionário estadual licenciado, que optara pela Imprensa Oficial, quando de seu regresso, em 1960, de Madrid, onde fora adido cultural durante quatro anos, Murilo Rubião, 1966, trabalhava na redação do *Minas Gerais*, pouco tendo o que fazer num jornal que se limitava a publicar leis, decretos e atos administrativos. A situação mudará, sensivelmente, para Murilo, quando



Sentados: Humberto Werneck, Sérgio Sant'Anna, Luís Gonzaga Vieira e Luiz Vilela.
Em pé: José Renato Pimentel, Gilberto Mansur e José Márcio Penido. Final dos anos 1960.

Eram todos eles muitos
jovens, alguns deles
estudantes e outros recém-

o então governador de Minas, Israel Pinheiro, atento ao fato de que duzentas localidades do Norte de Minas estavam virtualmente ilhadas, sem receber jornais e informações do resto do país, a não ser o que lhes chegava pelo órgão oficial, e portanto obrigatório em repartições públicas, decide encomendar ao diretor da Imprensa Oficial, Raul Bernardo de Senna, que preparasse uma seção noticiosa e uma página de Literatura, revivendo uma antiga tradição do *Minas Gerais* que, por algum motivo se perdera.

Havia, nessa ocasião, três intelectuais trabalhando na redação do jornal, Murilo Rubião, Aires da Mata Machado Filho e Bueno de Rivera, a quem a ideia foi levada. Murilo sugeriu, então, que em lugar de apenas uma página de literatura fosse feito um Suplemento, ideia que agradou a seu diretor. O projeto foi levado adiante, apesar da intelectualidade belo-horizontina que duvidava quanto à existência de material de boa qualidade que pudesse ser publicado semanalmente. Encarregado de ser secretário da publicação, compondo com os outros dois colegas a comissão de redação, Murilo se vale da sábia lição de Mário de Andrade aos rapazes de *A Revista*, em 1625, e mistura autores novos e consagrados, numa fórmula que agrada a todos. Por outro lado, resolve fazer um Suplemento que, apesar do nome, não fosse exclusivamente literário, mas se incluísse matérias de teatro, cinema e artes plásticas.

Em 3 de setembro de 1966, com Paulo Campos Guimarães na direção da Imprensa Oficial, vinha a público o primeiro número do *Suplemento Literário do Minas Gerais*, que estampava em sua primeira página um poema de Bueno de Rivera, ilustrado por Álvaro Apocalypse, e contou com nomes como Afonso Ávila, Murilo Rubião, Zilá Corrêa de Araújo, Ildeu Brandão, Paulo Saraiva, Laís Corrêa de Araújo – convidada para integrar à comissão de redação –, Libério Neves, Fábio Lucas, J. D'Angelo, João Camilo de Oliveira Torres, Márcio Sampaio, Flávio Márcio, Luís Gonzaga Vieira e outros.

Estava plantada, assim, a semente do que serviria de veículo de expressão de toda uma geração de jovens escritores mineiros, que passaram a ser conhecidos como “Geração

formados, em sua maioria
advindos da Faculdade
de Direito da UFMG, que
trabalhavam na equipe de
redação do jornal ou nele
colaboravam e que se reuniam
todas as tardes na sala
de redação do Suplemento,
oficialmente Sala Carlos
Drummond de Andrade

Suplemento”. Logo alguns deles foram convocados para compor a equipe de redação, como Humberto Werneck, o primeiro a ser convidado por Murilo, Carlos Roberto Pellegrino, José Márcio Penido, Adão Ventura e João Paulo Gonçalves da Costa. Dela fariam parte mais tarde, entre outros, Valdimir Diniz, Jaime Prado Gouvêa e Paulinho Assunção. As artes plásticas ficaram por conta de Márcio Sampaio e, para dar feição moderna ao jornal, foi dada toda liberdade ao diagramador Lucas Raposo. As ilustrações ficaram a cargo de Álvaro Apocalypse, Chanina, Jarbas Juarez e Eduardo de Paula, todos já bastante conhecidos, e de novo que vinham surgindo, como Madu, Pompéia Brito da Rocha, Liliane Dardot, José Alberto Nemer, Carlos Wolney e José Márcio Brandão.

Eram todos eles muitos jovens (numa faixa de idade que variava entre 19 e 26 anos), alguns deles estudantes e outros recém-formados, em sua maioria advindos da Faculdade de Direito da UFMG que trabalhavam na equipe de redação do jornal ou nele colaboravam e que se reuniam todas as tardes na sala de redação do Suplemento, oficialmente Sala Carlos Drummond de Andrade, nome que lhe fora dado em homenagem ao já famoso escritor mineiro que, quando jovem, fora redator do *Minas Gerais*. Desaguadouro de todas as forças

em movimento, existentes na época – como os jornais e revistas locais, que também reuniam jovens, como *Ptyx*, *Vereda*, *Estória* e *Texto*, por exemplo –, o Suplemento Literário do Minas Gerais, liderado por Murilo Rubião e aberto a todo iniciante, acabou se transformando numa quase oficina de redação, em que as colaborações eram criticadas e discutidas e, e num instrumento de divulgação de rara eficiência, com significativa penetração inclusive no exterior.

Na verdade, o suplemento era o ponto de encontro dessa rapaziada, um ponto de encontro que ninguém tivera e que serviu para reunir essa turma nova que, “talvez, se não existisse o Suplemento, não teria nem existido”, depõe Jaime Prado Gouvêa, em entrevista a ele realizada por mim. “Era um ponto de encontro onde a turma convivia com o pessoal mais velho e fazia uma bagunça terrível, era uma molecagem terrível”, continua Jaime. De fato, não só o pessoal da redação ali se reunia; a eles iam juntar-se, nos finais de tarde, muitos outros aspirantes à literatura. Humberto Werneck, em *O desatino da rapaziada* (Werneck, 1992), declara que “o papo vespertino na redação do Suplemento era animado, também, por escritores de outras gerações. Emílio Moura com sua conversa mansa, deliciosa. Bueno de Rivera, malicioso e lisonjeiro, não raro uma coisa e outra, com divertidas farpas nas entrelinhas. O ensaísta Ayres da Mata Machado Filho, quase inteiramente cego mais perito em cruzar a atravancada redação sem esbarrar numa só mesa, para dependurar seu chapelão numa estatueta de bronze ao fundo da sala. Mais raramente, Affonso Ávila, não só autor de uma obra importante como, cada vez mais, influenciado de sucessivas safras de poetas novos.” (Werneck, 1992, p. 181)

Da sala de redação, eles saíam para bares como o Pelicano e o Lucas, no Edifício Maletta, ou para o Saloon, localizado ali perto também da Imprensa Oficial, para continuarem seus papos animados e suas noites de boemia, ajudados pelo pessoal da música, sob o comando de Fernando Brant. Livraria, para a geração Suplemento, era a Livraria do Estudante, numa galeria da rua Espírito Santo, esquina com Tupis, “Lugar de reverenciar visitantes

ilustres, como Clarice Lispector. Ou o psicanalista Roberto Freire, sucesso, em 1966, com o romance *Cléo e Daniel*, e que arrastou a Belo Horizonte, de Kombi, para ilustrar uma palestra sobre música, um moço de olhos verdes ainda escassamente conhecido, Chico Buarque de Hollanda.” (Werneck, 1992, p. 181)

O Suplemento Literário continuava sua caminhada, para comemorar seu primeiro aniversário, uma edição especial reuniu nomes como Drummond, Benedito Nunes, Francisco Iglésias, Dalton Trevisan, Emílio Moura, Haroldo de Campos. Tornou-se um hábito, aliás, publicar edições especiais, e não só de aniversário. Nesses casos, além da tiragem em papel jornal, circulavam cópias mais caprichadas, em papel de melhor qualidade e, quase sempre, em cores. Em 1968, os jovens escritores e artistas plásticos de Minas mereceram um desses especiais, com o qual Murilo Rubião prestou “um serviço sem preço à nova geração, que chegava desordenadamente à cena: deu-lhe aquele eixo sem o qual uma geração corre o risco de nem sequer se constituir como um corpo. O *Suplemento Literário do Minas Gerais* já vinha, desde o início, desempenhando essa tarefa, na medida em que dava acolhida à produção de jovens autores de variada procedência. Com o “especial” de 1968, panorâmica abrangente, ele deu existência não a um grupo literário, mas a uma federação de grupos – a qual, sem prejuízo das diferenças, ficou conhecida como geração Suplemento.” (Werneck, 1992, p. 180)

Esse especial, intitulado “Arte e Literatura: Os Novos”, desdobrados em duas semanas (27 de janeiro de 68 e 3 de fevereiro do mesmo ano), contém um riquíssimo material para se conhecer essa geração. O número I traz em sua primeira página um desenho de Jarbas Juarez, com balões que lembram os quadrinhos, contendo dizeres e pensamentos dessa turma, tais como: “Somos os sobreviventes do desesperado (Henry C. de Araújo); “Para que criam os concretistas? Para quem? (Pellegrino); “E eu não vejo saída” (José Luiz); “Nouveau Roman?” Ora, porque gastar 100 páginas descrevendo uma cafeteria? (Sérgio Sant’Anna); “Escrever é uma forma de testemunho” (Adão Ventura); “O concretismo parou na soleira, nós é que temos

de abrir a porta” (Márcio Sampaio); “Nossa geração é a de um tempo que ainda não houve” (José Márcio); “não vejo a quem destruir, tudo está superado” (Luís Gonzaga Vieira); “Não perdemos tempo em chutar o cão morto” (Luiz Vilela); “Queremos é entender o mundo” (Humberto Werneck) e “A crise não é da poesia, é do Poeta” (Libério Neves).

Desfalcado de teóricos o grupo não chegou a equacionar em termos próprios os seus anseios e perplexidades, ainda que arriscassem alguns pensamentos litero-político-filosóficos, como os citados acima, proferidos durante uma mesa-redonda de que participaram, reproduzida às páginas 6,7 e 8 desse número, sob o título “Os caminhos e os descaminhos da literatura: falam os novos de Minas”, quando então discutem por que escrevem, para que, para quem, contra que lutam e o que desejam provar, documento de incontestável importância para quem quer conhecê-los mais de perto. Longe de manifestarem uma atitude de contestação, o que se nota é apenas um ceticismo com relação às proposições teóricas e um apego à prática objetiva.

O número I traz ainda em suas páginas um ensaio de Luís Gonzaga Vieira (“Aparte à literatura dos novos”), e um de Victor de Almeida (“Cinema mineiro: a última safra”), contos de José Márcio Penido (“O séquito”), de Marilda Bernardino (“Me deixem só”), de José Francisco Rezek (“Os últimos anos”), de Carlos Roberto Pellegrino (“Finado Cocó”) e de Humberto Werneck (“Febre aos trinta e novo graus”), além de poemas de Adão Ventura (“Procissão”), de Valdimir Diniz (“Ouro Preto II”), de Fernando Rios (“Poema”), de Márcio Sampaio (“Cegocêntrico: três fases do poema”) e de Marco Antônio de Campos Guimarães (“Tiradentes: a igreja”).

O número II dessa edição vai trazer também em sua primeira página os mesmos dizeres e pensamentos constantes do número I, agora dispostos de maneira diferente, também num desenho de Jarbas Juarez. Dele constam ainda um ensaio de José Renato de Pimentel e Medeiros (“Também o surrealismo”), poemas de Elmo de Abreu Rosa (“O fantasma mineiro [atributos gerais]”), de representantes da jovem poesia de Cataguases, como Joaquim

Branco (“Maralto”), P. J. Ribeiro (“Epopéia ou revolução”), Plínio Filho (“Trilogia do cavaleiro andante”) e Ronaldo Werneck (“Amada: flash-back”), além de poemas de Henry C. de Araújo (“Analogias”), de Ubirassu Carneiro da Cunha (“Poema Mossoró, sol e sal”), de Libério Neves (“Descobrimento”), de Sebastião Nunes (“Algum jogo floral sobre a natureza íntima da poesia – poema sentimental para Gertrude Stein”), de Dirceu Xavier (“Claro motivo”), de Márcio Almeida (“Exercício n.1”), de José Luiz de Andrade (“Máquina”), de Mauro Márcio (“Poema 1”), de João Paulo Gonçalves (“Cemitério”) e de Luiz Márcio Ribeiro Vianna (“Ofício de pesca”) como também os contos de Gilberto Mansur (“Meia volta”), de Sérgio Sant’Anna (“Lassidão”) e de Luiz Vilela (“Olhos verdes”). À página 10 vemos enumerados de 1 a 33 “Os jovens poetas e prosadores”, com uma pequena nota biográfica de cada um deles, e à página 11, enumerados de 1 a 11, “Artes plásticas: os novos”, também com uma pequena nota biográfica, ficando assim caracterizados os novos escritores e artistas plásticos de Minas.

Os jovens contistas mineiros mereceram ainda uma publicação, no ano de 1971, denominada Contos Gerais – antologia de novos contistas mineiros, editada pelas Edições Oficina, nome que Humberto Werneck, segundo Jaime Prado Gouvêa, inventara, para tirar aquele ranço de coisa oficial das publicações que saíam pela Imprensa Oficial e que levavam o nome de I.P (Imprensa Publicações). Essa coletânea, com apresentação de Rui Mourão, reúne os jovens contistas mineiros que atuavam no Suplemento Literário e que foram lançados por esse jornal, por *Estória* e *Texto*, constituindo-se no panorama mais ou menos completo de quase uma década de tentativas de renovação do gênero. Na apresentação, assim se expressa Rui Mourão, ao falar da obra desses jovens com que convivera de muito perto:

Sente-se um esforço geral de procura de caminhos, mas a maioria busca se descartar dos princípios fundamentais da estética inspirada pelo formalismo russo. O intento de quase todos é o de realizar uma ficção em termos modernos, com

a utilização dos processos mais atuais, sem que a missão de artista esteja centrada na obstinação de, a todo custo, renová-los. (Mourão, s.d., p.7)

Em 1968, Murilo Rubião saiu do comando do Suplemento, para assumir outras funções na Imprensa Oficial, e nunca mais cuidaria diretamente do semanário, embora estivesse sempre de passagem por ali, nos finais de tarde, para ver o que se tinha feito e levar para casa, dando sua opinião. Quis deixar em seu lugar o escritor Rui Mourão que, no entanto, não pôde assumir o cargo, devido a razões de ordem política. Assumiu, então o poeta Libério Neves, substituído pouco depois por Ildeu Brandão. A seguir, veio Angelo Oswaldo, talento da novíssima geração, e que deu vida nova ao Suplemento. Era uma época em que o jornal teve de enfrentar sérios problemas, que continuaram durante a gestão de Mário Garcia de Paiva, seu sucessor. Eram tempos difíceis para o Suplemento, que nessa altura, perdeu praticamente toda a sua importância. Novo alento, porém, veio com a nomeação de Wander Piroli; em janeiro de 1975, mas durou pouco tempo. Tempos melhores só vieram, realmente, em 1982, quando Murilo tornou-se diretor da Imprensa Oficial e nomeou Duílio Gomes secretário do suplemento. Formou-se uma ótima equipe de redação, e encomendou-se ao poeta e artista gráfico Sebastião Nunes uma nova cara para o semanário, realizando-se ali um bom trabalho, durante alguns anos. Mas, sem sombra de

dúvida, a época áurea do Suplemento Literário já estava muito distante. Segundo Humberto Werneck, “para o poeta Affonso “Ávila, por exemplo, o ouro está ali naqueles primeiros anos-1966, 1967, 1968. Se lhe pedirem que mostre a sua coleção do Suplemento Literário do *Minas Gerais*, ele exhibirá uma pilha de jornais onde a data mais recente é 17 de maio de 1975. Nesse dia circulou a edição n. 454 – a última feita por Wander Piroli. Foi nesse momento preciso que, para Affonso Ávila, o jornal criado por Murilo Rubião deixou de ser relevante.” (Werneck, 1992, p. 184)

Era o fim também da última geração literária articulada que surgiu em Belo Horizonte, geração essa que durou, praticamente, uma década. Sua contribuição para a literatura e as artes plásticas de Minas e do Brasil é incontestável e será sempre lembrada com saudade, pelos ótimos frutos que produziu. Basta pensar nos prêmios nacionais que essa turma arrematou...

A importância que Murilo Rubião teve para essa gente foi resumida por Jaime Prado Gouvêa, em sua entrevista, com uma simples frase: “Murilo foi tudo!”, que bem expressa a admiração, o carinho e a amizade que dispensavam ao mestre, companheiro e amigo. A esse respeito também é bastante significativo um documento que encontrei no acervo, misto de carta e abaixo-assinado, datado de 27 de junho de 1967, onde se lê:

*Murilo:
os seus amigos fazem aqui um apelo*

de coração para que continue à frente do suplemento literário, criação sua, filho seu, que você, com seu prestígio projetou nacional e internacionalmente, projetando com ele também a literatura e arte de Minas. O suplemento é você e sem você não será o mesmo. (22 assinaturas no total, entre elas, as mais legíveis: Affonso Ávila, Márcio Sampaio, Humberto Werneck, Luiz Vilela, Carlos Roberto Pellegrino, Sérgio Sant’Anna e Silva, Luís Gonzaga Vieira, Adão Ventura, Laís Corrêa de Araújo, Heitor Martins e Gilberto Mansur).

Quanto ao que pensavam da cidade de Belo Horizonte, a maioria dos jovens de Minas deixou-se contaminar pelas ideias antigas que circulavam por aqui, segundo as quais “essa cidade não é para gente de talento não. Para formar gente de talento, sim, ela é boa, mas depois é preciso sair. Quem fica está perdido: a cidade devora suas crias. É um círculo fatal, historicamente comprovado. O círculo está traçado desde o início. É preciso uma violência para rompê-lo. E isso tem de ser feito agora, quando se é jovem. Depois será tarde”. (*Suplemento Literário do Minas Gerais*, 1972, p. 10)

Assim, a grande maioria dos jovens deixou Belo Horizonte, à procura de outros caminhos. Murilo Rubião, o guru daquela geração, porém, não se intimidou. Aqui ficou e... fez história.

REFERÊNCIAS:

- MINAS GERAIS, Belo Horizonte, n. 279, 1º jan. 1972. Suplemento Literário, p. 10.
MOURÃO, Rui. In: *Contos gerais - antologia de novos contistas mineiros*, Belo Horizonte: Edições Oficina, 1971.
WERNECK, Humberto. *O desatino da rapaziada*. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

VERA LÚCIA ANDRADE

mineira de Belo Horizonte, é professora aposentada de Literatura da UFMG e pesquisadora da obra de Murilo Rubião.

POEMAS

A poesia se fez presente desde a primeira página da história do SLMG através dos versos de Bueno de Rivera, que frequentou a redação do jornal em seus anos iniciais ao lado de nomes como Emílio Moura, Affonso Ávila e Libério Neves que, na sequência natural, foram sucedidos pelos novos de então, aqui representados por Sebastião Nunes, João Paulo Gonçalves, Adão Ventura, Valdimir Diniz, Paulinho Assunção e Antonio Barreto, que por sua vez seriam sucedidos por outras e outras gerações.



Sentados atrás: Sebastião Nunes, João Paulo Gonçalves, Emílio Moura, Joaquim Branco, Affonso Ávila, Laís Corrêa de Araújo, Bueno de Rivera e Márcio Sampaio.
No chão: P.J. Ribeiro, Ronaldo Werneck, Henry Corrêa de Araújo e Adão Ventura.

[AS TARDES NO SUPLEMENTO LITERÁRIO]

PAULINHO ASSUNÇÃO

[as tardes no suplemento literário
eram tardes lépides, víssilas, larúnias.
tarde boa era tarde cortázica.
de quando em quando, uma tarde quintero,
uma tarde dyonélio machado, uma tarde
caio fernando abreu.
a pasta de poemas dera crias
durante a noite. pintainhos
eclodiam desde barbacena, juiz de fora,
maceió, manaus. poema inédito
de max martins, e, de amparo, comparecia
o ainda menino marçal aquino.
manoel lobato aplicava farmacopeias
na pasta de ficções. jaime sugeria
guilhotina e cepo para um conto
pó de arroz. quem sabe, na contracapa,
um poema do novíssimo ricardo aleixo?
piroli não veio. há semana e tanto
que piroli não vem. mas o duílio chega.
ofega. agita-se. cento e oitenta e sete
contos na pasta sob o braço. é muito,
é tanto, para que tanto contista, meu deus?
mas deus, federal, universal, orbital,
deus não respondia.
na poltrona, o lugar de honra ainda
aguarda por emílio moura. dona
maria helenia anuncia a chegada de libério.
trouxe poema inédito. oferece cigarro
goiano. libério é um monge feito
de substantivos perfeitos.

adão está ao telefone. há hora e meia
que adão está ao telefone. o poeta
fala e ri, fala e pisca para o jaime.
"é moça", diz manoel lobato. "é musa",
digo eu. os poemas concordam comigo.
a tarde agora está ridente, peralta,
travessa. branca veio rir conosco.
murilo foi ao palácio. e se o piroli
chegasse? chega o bley barbosa.
e, com ele, o henry corrêa de aráujo.
vai chover para os lados do pelicano.
lobato noticia: "tem conto
muito bom da lucienne samôr". duílio
diz: "página dupla central".
quem há de contestar? fecha-se a edição
chove. mesóclises passeiam pela avenida
augusto de lima. um velho modernista
com um guarda-chuva traz um poema
em francês. pobres de nós. quem
nos salvará do albatroz?
chove. lá vai embora o manoel lobato.
a vida? a vida é dúctil, excelsa, ebúrnea.
chove manga. há conclave no pelicano.
e o vicente huidobro? e o lezama lima?
adão está outra vez ao telefone. ri
e fala. ri e pisca para o jaime.
"é musa", digo eu. é que tudo na vida
nasce para caber dentro de um poema.]

AS MUSCULATURAS DO ARCO DO TRIUNFO

ADÃO VENTURA

ADÃO VENTURA (1939-2004)

mineiro de Santo Antônio do Itambé, era poeta e pertenceu às primeiras equipes de redação do SLMG. Entre seus livros destacam-se *Abrir-se um abutre ou mesmo depois de deduzir dele o azul* (1970), *A cor da pele* (1982) e o póstumo *Costura de Nuvens* (2006).

o vinho estagnara no sangue.
necessitávamos de inúmeros barcos
de pesca. hagbe havia partido para
as portas do sol. somente ela
possuía as sete chaves do reino.
era fundo o vale dos corações
saturados de asfalto e cera. hagbe
falava sobre castelos, sua voz era
tímida e acéfala. nossos pés
tentavam atravessar a ferrugem do
esquecimento.

a palha superposta no galeão letal
da torre das cartas ávidas. a
tarde nos atabaques da flor poluída
da ilha postiça. O disco
pneumático: telefone-me.

a conexão dos gestos, o ônus da
força, os salmos do remorso, o
estigma do fóssil, o ermo do nada,
o denso do desuso..

o todo dos cabelos, o loiro dos
castelos, o laudo dos anelos..

os vagares dos cães de babel
usurpam os olhares das cãs de
papel..

os gregos invadiram o azul das
células. os gregos iludiram o sul
dos cérebros. Os gregos possuíam
o muro das lebres. Os gregos
participaram dos alçapões dos
cegos. os gregos elogiaram as
construções dos medas. os gregos
sabotaram as deduções dos zeros.

os gregos ornamentaram os galardões do medo. Os gregos
anunciaram os guardiões do tédio.

Publicado no SL nº 275, de 4/12/1971

AS MUSCULATURAS DO ARCO DO TRIUNFO

Para Riva Szapiro

A

o vinho estagnara no sangue.
necessitávamos de inúmeros barcos
de pesca. hagbe havia partido para
as portas do sol. somente ela
possuía as sete chaves do reino.
era fundo o vale dos corações
saturados de asfalto e cêra. hagbe
falava sobre castelos, sua voz era
tímida e acéfala. nossos pés
tentavam atravessar a ferrugem do
esquecimento.

B

a palha superposta no galeão letal
da torre das cartas ávidas. a
tarde nos atabaques da flor poluída
da ilha postiça. o disco
pneumático: telefone-me.

C

a conexão dos gestos, o ônus da
fôrça, os salmos do remorso, o
estigma do fóssil, o êrmo do nada,
o denso do desuso.

D

o lódo dos cabelos, o loiro dos
castelos, o laudo dos anelos.

E

os vagares dos cães de babel
usurpam os olhares das cãs de
papel.

F

os gregos invadiram o azul das
células. os gregos iludiram o sul
dos cérebros. os gregos possuíram
o muro das lebres. os gregos
participaram dos alcapões dos
cegos. os gregos elogiaram as
construções dos medas. os gregos
sabotaram as deduções dos zeros.
os gregos ornamentaram os
galardões do medo. os gregos
anunciaram os guardlões do tédio.

ADÃO VENTURA

MINAS GERAIS

**suplemento
literário**

Av. Augusto de Lima, 270 — ANO VI — N.º 275 — Preço: Cr\$ 0,20
BELO HORIZONTE — SABADO, 4 DE DEZEMBRO DE 1971

COQUETEL MOTOV

(RECEITA CASEIRA PARA LABORATÓRIOS ETÍLICO-LITERÁRIOS & MOVIMENTOS AFINS)

1.

GARRAFA:

Para se fabricar um
sonho
de mais valia
sentar na mesa
e pedir a dose.
(No overnight da
poesia
uma garrafa é pouco
mas já resolve)
2.

GASOLINA:

Pra se abastecer de
outra
naquela esquina
encher o tanque
enquanto pode.
(A saltitante bailarina)
só vai ter corda
até as nove)
3.

ROLHA:

Pra se calar a boca
numa farra
fechar o tempo
enquanto chove.
(Nessa falta de futuro
a touca amassa
você não dorme)
4.

PAVIO:

Na cabeça a rolha
tem um furo
o mundo gira
e não se move.
(Se a coisa toda foi
na marra
a barra é suja
mas envolve)

ANTONIO BARRETO
é mineiro de Passos e mora em Belo Horizonte. Cronista de jornais e autor de várias antologias nacionais e estrangeiras de poesia e contos.

ANTONIO BARRETO

5.

FOGO:

Aí o tempo vira um
tanque
e vc chora: I Love!
I Love:
A Bomba Humana
pira punk
que trinca os dentes
num serrote.
(Se a ressaca então
for transmutante:
sal de frutas com
engov.
O sal papila, a língua
assa
e frisa o verso mais
picante)
6.

EXPLOÇÃO:

A vida passa, a moda
muda
e o palco aos poucos
descortina.
(O barulho ajuda
na fumaça
que saltar
da lamparina)
7.

POSOLOGIA:

Evacuar uma só nota
a cada dia dezenove.
Um soneto não se
arrotar
se consome se comove.

Coquetel Molotov

(Receita Caseira Para Laboratórios Etilico-Literários & Movimento Afins)

Antonio Barreto

1. GARRAFA:

Pra se fabricar um sonho
de mais valia
sentar na mesa
e pedir a dose.
(No overnight da poesia
uma garrafa é pouco
mas já resolve)
2. GASOLINA:

Pra se abastecer de outra
naquela esquina
encher o tanque
enquanto pode.
(A saltitante bailarina
só vai ter corda
até as nove)
3. ROLHA:

Pra se calar a boca
numa farra
fechar o tempo
enquanto chove.
(Nessa falta de futuro
a touca amassa
você não dorme)
4. PAVIO:

Na cabeça a rolha
tem um furo
o mundo gira
e não se move.
(Se a coisa toda foi na marra
a barra é suja
mas envolve)

5. FOGO:

Aí o tempo vira um tanque
e você chora: I love!
I love:
A Bomba Humana
pira punk
que trinca os dentes
num serrote.
(Se a ressaca então
for transmutante:
sal de frutas com engov.
O sal papila, a língua
assa
e frisa o verso mais
picante)
6. EXPLOÇÃO:

A vida passa, a moda muda
e o palco aos poucos
descortina.
(O barulho ajuda
na fumaça
que saltar
da lamparina)
7. POSOLOGIA:

Evacuar uma só nota
a cada dia dezenove.
Um soneto não se arrota
se consome se comove.

(do livro inédito MACARRÃO DE LETRAS)

RIO DA UNDADE

CAPITAL

LIBÉRIO NEVES

I

Por toda uma vida trespasso este rio
de águas tão duras

do alto da ponte
donde o tempo espia
contemplo sua ronda
em, seu rumor escuro.

II

O Arrudas

esse rio oriundo
de cristais tão puros
navega na urbe
das razões profundas
do seu navegar.

Seu curso é um mar
um oceano
um derramar
de tristes coisas humanas

tontas vibrações
do amor em seus múltiplos
resíduos: idos e indo

restolhos
de orgulhos

restolhos
de engulhos

engulhos espasmos de 70 e quanto anos
derramando.

III

E Escorre a cidade
no subsolo da ponte
suas coisas frias.

Todavia

sem noite nem dia
são coisas de sombra.

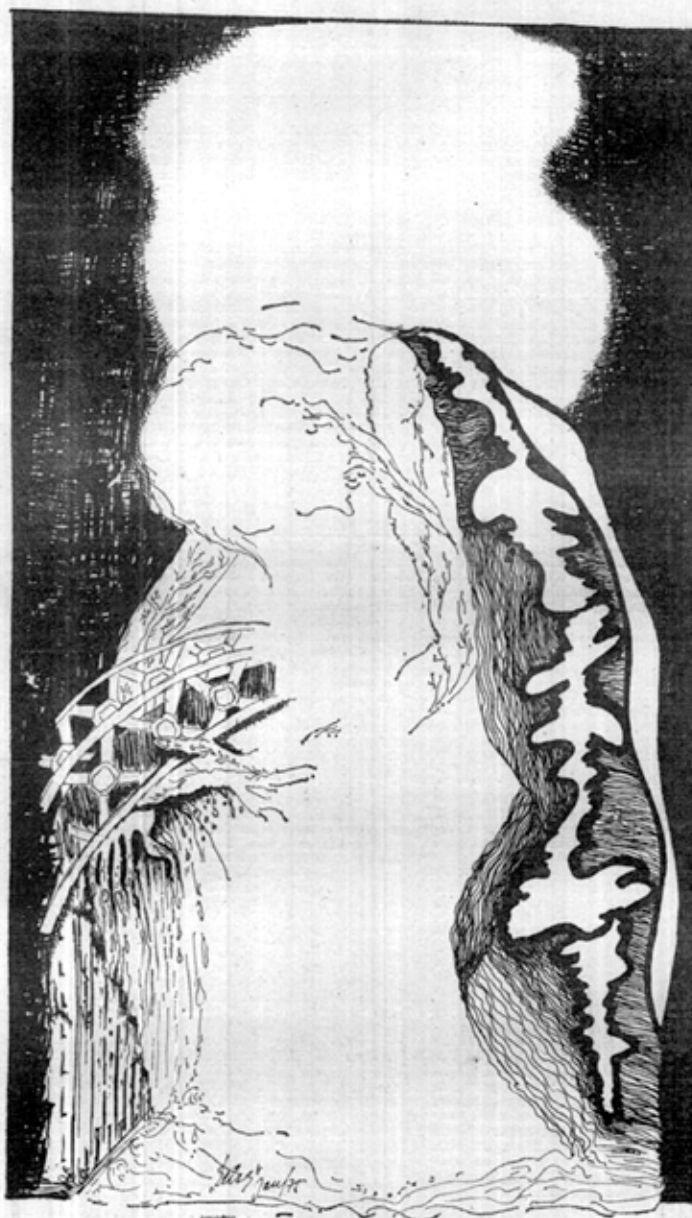
A noite é quando
levamos no Arrudas um rio nos ombros.

LIBÉRIO NEVES
goiano de Buriti Alegre, é poeta. Foi um dos primeiros editores do SLMG.

Publicado no SL nº 454, de 17/5/1975

RIO DA UNIDADE CAPITAL

Libério Neves



I

Por toda uma vida trespasso este rio
de águas tão duras

do alto da ponte
donde o tempo espia
contemplo sua ronda
em seu rumor escuro.

II

O Arrudas

esse rio oriundo
de cristais tão puros
navega na urbe
das razões profundas
do seu navegar.

Seu curso é um mar
um oceano
um derramar
de tristes coisas humanas

tontas vibrações
do amor em seus múltiplos
resíduos: idos e indo

restolhos
de orgulhos

restolhos
de engulhos

engulhos espasmos de 70 e quantos anos
derramando.

III

E Escorre a cidade
no subsolo da ponte
suas coisas frias.

Todavia

sem noite nem dia
são coisas de sombra.

A noite é quando
levamos no Arrudas um rio nos ombros.

MINAS GERAIS

suplemento
literário

Av. Augusto de Lima, 270 — Belo Horizonte — Minas Gerais — Brasil — Telefone: 282-2398
Diretor da Imprensa Oficial: Hélio Caetano da Fonseca
Diretor de Publicações e Divulgação: Ayr Laz de Faria
Divisão de Editoria: Geraldo Lopes de Magalhães
Secretaria do Suplemento Literário: Wander Pirelli
Comissão de Redação:

Wander Pirelli, Libério Neves, Maria Luiza Ramos
ASSINATURAS: Anual, Cr\$ 120.000; Exterior, Cr\$ 220.000; Número atrasado, Cr\$ 1.79.
As assinaturas começam e acabam em qualquer época, devendo ser feitas mediante vto.
que visado em nome da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais.

ENFISEMA PULMONAR

(ELEGIA RUPESTRE PARA LEVI ARAÚJO, O MENOR DOS NUNES)

SEBASTIÃO NUNES

duas e meia da tarde. 10 de junho de 1984.
mãos secas. pés juntos. algodoads no nariz.
véu negro sobre o rosto: tímido noivo de vermes.
Rotineira terra roxa sobre o cadáver de cera.

vai embora levi e seus 40 quilos de osso.
vai embora o enfisema: missão cumprida.
vão embora pescarias. cigarros de palha. tosses.
revólver na cintura. carteados. o olho de cobra.

o coveiro sua e pragueja: antes ele do que eu.
foi tudo muito rápido. silencioso. sem queixas.
1 metro e 58 e nunca confessou nada. nem a padre.
nunca pediu nada. nunca aceitou nada. nem de deus.

tão pequeno para um orgulho tão grande.
feroz como todos os pequenos. duro como diamante.
Até que finalmente tudo passou – e nada.
que diferença faz? séculos ou mitos ou segundos:
grandes ilusões rastejam entre lagartixas.

e então é verdade: então a vida não passa disso:
um sopro: um cisco no olho: um sopro: e nada.

Fac. Fil. C. Humanas U.F.M.G.
BIBLIOTECA

FACULDADE DE LETRAS

Suplemento Literário

BELO HORIZONTE - SÁBADO - 18 DE AGOSTO DE 1984
ANO XIX - N.º 933 - 12 PÁGINAS - PREÇO: CR\$ 200,00



Sebastião Nunes

ENFISEMA PULMONAR

(Elegia rupestre para Levi Araújo, o menor dos Nunes)

duas e meia da tarde. 10 de junho de 1984.
mãos secas. pés juntos. algodoais no nariz.
véu negro sobre o rosto: tímido noivo de vermes.
rotineira terra roxa sobre o cadáver de cera.

vai embora levi e seus 40 quilos de osso.
vai embora o enfisema: missão cumprida.
vão embora pescarias. cigarros de palha. tosses.
revólver na cintura. carteados. o olho de cobra.

o coveiro sua e pragueja: antes ele do que eu.
foi tudo muito rápido. silencioso. sem queixas.
1 metro e 58 e nunca confessou nada. nem a padre.
nunca pediu nada. nunca aceitou nada. nem de deus.

tão pequeno para um orgulho tão grande.
feroz como todos os pequenos. duro como diamante.
até que finalmente tudo passou — e nada.
que diferença faz? séculos ou mitos ou segundos:
grandes ilusões rastejam entre lagartixas.

e então é verdade: então a vida não passa disso:
um sopro: um cisco no olho: um sopro: e nada.



FACULDADE DE LETRAS - UFMG
BIBLIOTECA

Navio da música

BUENO DE RIVERA

São João da música
Navio Del Rei.

Orquestra família
flauta labial
oboé pastor
grego oboé
violoncelo
cobra clarineta
bombardino-boi.
Piano em gotas
de Chopin noturno
acordeon buenos
aires Gardel.

Ancião maestro
ar circunspecto
mestre provecto
regendo lépido
duas mil vozes
na praça arbórea
lirial
onde as pedras
duras se comovem
com o ovante
coral.
Sarau-família
o diplomado
descabelado
desesperado
rabecando.

Minininha
a flor na mão
moça flébil
musicando
solfejando
pianíssimo.
Violões
cordas luando
na modinha
imperial.

Bandas cívicas
no coreto
bandas bravas
marciais.
Meninada
Marcha na banda
vento das tubas
despenteando.

Tímboles
no tímpano
bombo
no estômago.
Fino
tenorino

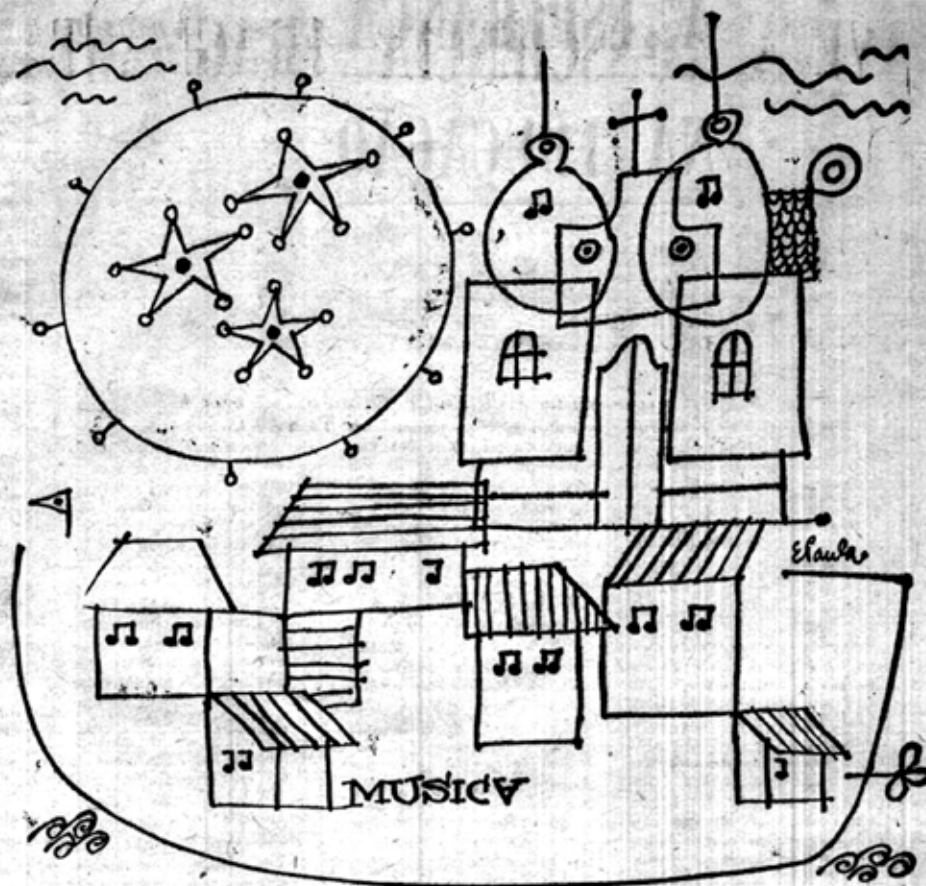
soprano ufano
alto contralto
choro de órgão
coro afinado
missa cantada
na catedral
de ouro.

São João del Rei
e da música.

Praças harmônicas
becos melódicos
ruas sonoras
orfeônicas
instrumentais
monofônicas
polifônicas
tubos cônicos
clavicímbalo
clavicórdio
contrabaixo
contraforte
contraponto
adágio e fuga
ponto.

BUENO DE RIVERA (1911-1982)
mineiro de Santo Antônio do Monte, é considerado um dos melhores poetas da Geração 45. São dele os livros *Mundo submerso* (1944), *Luz do pântano* (1948) e *Pasto de pedra* (1971).

3 - MINAS GERAIS (Suplemento Literário)



NAVIO DA MÚSICA

Bueno de RIVERA

São João da música
navio del Rei.

Orquestra família
flauta labial
oboé pastor
grego oboé
violoncelo
cobra clarineta
bombardino-boi.
Piano em gôtas
de chopin noturno
acordeon buenos
aires gardel.

Ancião maestro
ar circunspecto
mestre proveito
regendo lépido
duas mil vozes
na praça arbórea
lirial
onde as pedras
duras se comovem
com o ovante
coral.

Sarau-família
o diplomado
descabelado
desesperado
rabecando.

Minininha
a flor na mão
moça flébil
musicando
solfejando
pianíssimo.
Violões
cordas luando
na modinha
imperial.

Bandas cívicas
no coreto
bandas bravas
marciais.
Meninada
marcha na banda
vento das tubas
despenteando.
Tímboles
no timpano
bombo
no catômage.

Fino
tenorino
soprano ufano
alto contralto
chôro de órgão
côro afinado
missa cantada
na catedral
de ouro.

São João del-Rei
e da música.

Praças harmônicas
bocas melódicas
ruas sonoras
orfeônicas
instrumentais
monofônicas
polifônicas
tubos cónicos
clavicímbalo
clavicórdio
contrabaixo
contraforte
contraponto
adágio e fuga
ponto.

ABRENÚNCIO

Publicado no SL nº 968, de 20/4/1985

MARIA DO CARMO FERREIRA

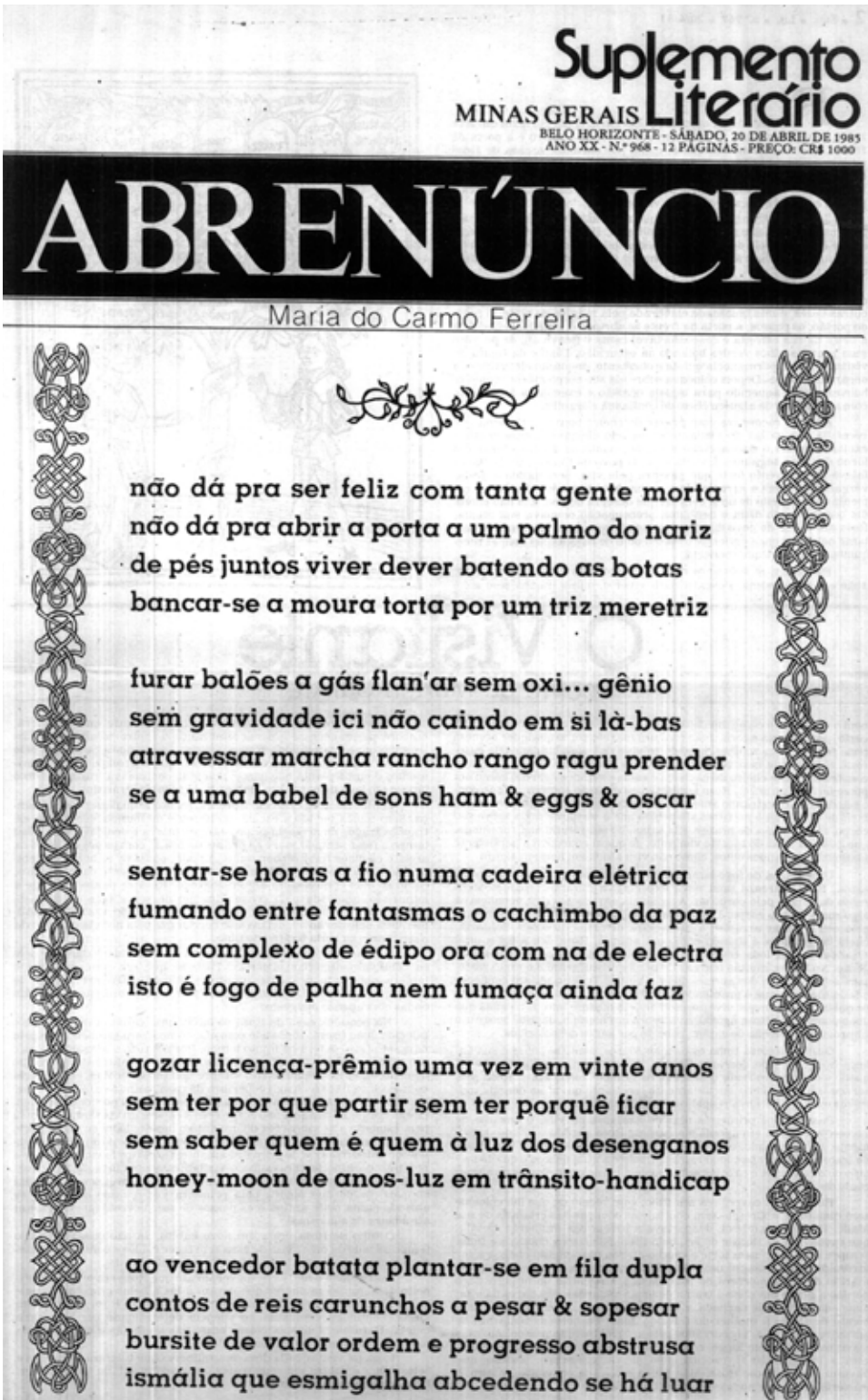
não dá pra ser feliz com tanta gente morta
 não dá pra abrir a porta a um palmo do nariz
 de pés juntos viver dever batendo as botas
 bancar-se a moura torta por um triz meretriz

furar balões a gás flan'ar sem oxi...gênio
 sem gravidade ici não caindo em si là-bas
 atravessar marcha rancho rango ragu prender
 se a uma babel de sons ham & eggs & oscar

sentar-se horas a fio numa cadeira elétrica
 fumando entre fantasmas o cachimbo da paz
 sem complexo de Édipo ora com na de Electra
 isto é fogo de palha nem fumaça ainda faz

gozar licença-prêmio uma vez em vinte anos
 sem ter por que partir sem ter porquê ficar
 sem saber quem é quem à luz dos desenganos
 honey-moon de anos-luz em trânsito-handicap

ao vencedor batata plantar-se em fila dupla
 contos de reis carunchos a pesar & sopesar
 bursite de valor ordem e progresso abstrusa
 ismália que esmigalha abcedendo se há luar



MARIA DO CARMO FERREIRA
 mineira de Cataguases, é uma das maiores poetas-sem-livro do Brasil.

SONATA

Publicado no SL nº 317, de 23/9/1972

MÁRCIO SAMPAIO

I - ALLEGRO

Entre Mozart e a mosca
um guarda-chuva, nuvem imprecisa.

Entre a brisa e o sol
um caracol, móvel montanha.

Dentro de Minas, a moça
costurando a história:
- o tecido esgarçado
remenda-se logo
na luz provisória

II – ANDANTE

Entre a náusea e a várzea
um vagalume, olho indeciso.

Entre a missa e o salto
um duro respaldo, muda barganha.

Entrementes, a moça
espia a ruína:
- o olho de louça
transfunde a noite
em doce açoite.

III – RONDO

Entre choques de vólques
um agro nune, travo imprevisto.

Entre o colt e o alvo
Um corpo ágil o ar assanha.

Entre risos finos, a moça
Afixa o aviso:
- entregues os saldos
fabricam-se sonhos
com sangues e guizos.

APLAUSOS:

É a noite entrando
no ouvido quando:
tudo se funde
/musgo e moça/
No zzz da mosca.

MARCIO SAMPAIO
SONATA

A MURILO MENDES



MARIA LEA DE OLIVEIRA

12 DE SETEMBRO DE 1972 EM BELO HORIZONTE

Uma data terrivelmente importante em que as linhas convergentes
aparecem mais largas.

Uma convergência quase itelérica para todos nós, da mesma maneira
que a existência nos mitos que surgem do lat do sol.

Uma paradoxo que se perde, se perdes, para onde não,
se não as mesmas se repellido.

Mas sempre os anos passam e há as vezes um alívio
dentro de nossas vidas.

Do lado esquerdo do nosso futuro.

Revi Murilo Mendes no Rio depois de sua chegada do Hítas
e depois outra vez em Belo Horizonte em caso de ambos,
quando me encontraram a diaz de uma.

O silêncio do rio não estava e hoje importante também,
porque pouco notado.

Vós cantava, vocês, percebem a eu desse silêncio?

Só porque é muito pouco preto, mas se for diferente?

Por que a solidão não pode ter e qual seria ele nesse
 momento que eu passo?
 As onze horas eu estava via Murilo Mendes com as perlas
 tão bonitas, mais forte por uma roupa de cor da terra,
 frezando para a esquerda e para a direita, não tinha
 ternura: quando ele presente pensamos que está presente e
 quando ele mente pensamos que está presente,
 Murilo Mendes que percebeu esse modo de escrever, há fantasmas
 e entra a mesma distância que o leito de nós
 e a mesma distância dele por nós.
 Eu queria escrever. Não posso dizer,
 mas queria muito que
 "aus dem Keiche dieser Gefährten
 schäufte ich seine Unendlichkeit"
 (Schiller Werke).

MINAS GERAIS

suplemento
literário

Av. Augusta de Lima, 770 - Belo Horizonte - Minas Gerais - Brasil - Telefone

Diretor da Imprensa Oficial: Paulo Campos Guimarães
 Chefe do Departamento de Publicações e Divulgação: Maria Helena
 Secretária de Suplemento Literário: Angra Osvaldo de Araújo Santos

Angelo Orosio de Araújo Santos, Cláudio Neves, Garcia de Paiva

ASSINATURAS: Autor: Cr\$ 50,00; Editor: Cr\$ 2,00; Número atrasado Cr\$ 5,00.
As assinaturas começam e terminam em qualquer época, devendo ser feitas
sempre visando ao nome da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais.

MÁRCIO SAMPAIO

mineiro de Santa Maria de Itabira, é poeta, crítico e artista plástico. Fez parte da equipe inicial de redação do SLMG.

O SLMG NOS TEMPOS DA JUVENTUDE

(e a troca de chumbo entre o linotipo e a repressão)

JAIME PRADO GOUVÊA

A história do Suplemento Literário do *Minas Gerais* começou pelas estradas pobres do Norte de Minas Gerais, no início do governo de Israel Pinheiro, em meados dos anos 60 do século passado: o Governador notou que cerca de 200 localidades daquela região estavam virtualmente isoladas, sem receber jornais ou informações de espécie alguma do resto do País. Apenas o “Minas Gerais”, órgão oficial, e, portanto, obrigatório em repartições públicas, chegava até lá, mas levando apenas leis, decretos e atos administrativos.

Preocupado com essa lacuna, o Governador recomendou ao então diretor da Imprensa Oficial, Raul Bernardo Nelson de Senna, que preparasse uma seção noticiosa e uma página de Literatura, revivendo uma antiga tradição do “Minas Gerais” que, por algum motivo, fora interrompida. Raul Bernardo tinha, nessa época, alguns intelectuais servindo na redação do jornal: Murilo Rubião, Aires da Mata Machado Filho e Bueno de Rivera. Chamou-os e recomendou a página de Literatura. Murilo Rubião sugeriu, então, que se fizesse um suplemento literário em vez de uma simples página. Sugestão aceita, Murilo, encarregado de ser o secretário da publicação (compondo com os dois colegas a comissão de redação) pediu um mês para preparar seu lançamento. No dia 3 de setembro de 1966, com Paulo Campos Guimarães na direção da Imprensa Oficial, surgia o primeiro número do Suplemento Literário do “Minas Gerais”.

SETEMBRO DE 66, AS PRIMEIRAS PALAVRAS

Nessa época, apenas dois suplementos literários sobreviviam no Brasil: o do *Correio do Povo*, de Porto Alegre, e o de *O Estado de São Paulo*. Pouco antes, um suplemento que era publicado pelo Estado de Minas fora extinto, deixando com seu editor, o poeta Affonso Ávila, muitas matérias e colaborações inéditas. Murilo Rubião pediu a ajuda do amigo, de sua mulher Laís Corrêa de Araújo – convidada para integrar a comissão de redação – e de seus muitos amigos artistas. A receita deu certo e, desde a primeira página, em que vinha estampado um poema de Bueno de Rivera ilustrado por Álvaro Apocalypse, pôde contar com nomes como Fábio Lucas, João Camilo de Oliveira Torres, Zilah Correa de Araújo, Ildeu Brandão, Márcio Sampaio, Libério Neves, Flávio Márcio e Luis Gonzaga Vieira, além de desenhos de Chanina. Para compor a equipe de redação, foram convocados alguns jovens que apenas começavam a escrever: Rui Mourão, Humberto Werneck, Carlos Roberto Pellegrino, José Márcio Penido, Adão Ventura e João Paulo Gonçalves da Costa. As artes plásticas ficaram por conta de Márcio Sampaio e, para dar uma feição moderna ao jornal, foi dada toda liberdade ao diagramador Lucas Raposo. As ilustrações ficavam por conta de Álvaro Apocalypse, Chanina, Jarbas Juarez e Eduardo de Paula, todos já bastante conhecidos, e de novos que vinham surgindo, como Madu, Pompéia Britto da Rocha, Liliane Dardot, José Alberto Nemer, Carlos Wolney e José Márcio Brandão.

MINAS GERAIS

**suplemento
literário**AV. AUGUSTO DE LIMA, 270
BELO HORIZONTE — MINAS GERAIS
BRASIL

Belo Horizonte, 27 de maio de 1975.

Sr.
Hélio Caetano
Diretor da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais
CAPITAL

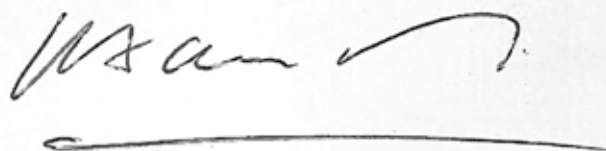
Senhor Diretor.

Por não concordar com a "estratégia" que
essa direção vem adotando, um tanto subrepticiamente, com
relação ao Suplemento Literário;

Estranhando a ordem de impedir a impres-
são de um número já paginado, a revelia desta Secretaria,
o que, na melhor das hipóteses, interpreto como um ato de
má educação profissional e administrativa;

Mas temendo principalmente, pelos indí-
cios já ostensivos, que a "mudança da linha" do Suplemen-
to pode esclerosá-lo ou mesmo leva-lo a sepultura;

E considerando a minha falta de vocação
para coveiro cultural, apresso-me em pedir o desligamen-
to do cargo de Secretário do Suplemento Literário, que
procurei servir com a melhor boa vontade.



O Suplemento, nessa época, tinha oito páginas, que podiam passar a dezesseis em certas edições especiais, como a que comemorou o primeiro aniversário do jornal e que reunia nomes de expressão nacional como Carlos Drummond de Andrade, Libério Neves, Samuel Rawet, Haroldo de Campos, Benedito Nunes, Frederico Moraes, Francisco Iglésias, Emílio Moura, Nélida Piñon, Maria Alice Barroso, Dalton Trevisan, Henriqueta Lisboa, Rui Mourão, Lucy Teixeira e muitos outros. Posteriormente, se fixaria nas doze páginas que o caracterizaram até a década de 80. Nos seus primeiros 20 anos, a periodicidade oscilou entre semanal e quinzenal.

O SLMG marcou grandes nomes de literatura. Entre as opiniões sobre o *Suplemento*, destaca-se esta: “...O contentamento e o interesse que tenho, de receber o *Suplemento*, são para mim de verdade. Acho-o sem falhas. Digo que está redondamente – esplendidamente – expressando a literatura de Minas, a cultura. Pode alguém, sem susto e protesto imaginar que acaso ele viesse, por infortúnio, a desaparecer? Nem mesmo compreendo que não tivesse havido antes esse mensageiro da altura. Parabéns, pois, aos brados. Deus o mantenha sempre! – para alegrar-nos e orgulhar-nos e nos enriquecer.” (Guimarães Rosa)

E também: “O SL do MINAS GERAIS põe o jornal a serviço da Literatura e das artes, mediador entre a criação e o consumidor, e o faz com dignidade e imaginação. Merece ser lido.” (Carlos Drummond de Andrade). Ou: “Tenho recebido os números do Suplemento Literário do MINAS GERAIS que me trazem o ar da nossa terra e de nossa gente, mostrando que Minas procura *aggionarsi*, como se diz aqui. Sei o quanto isso representa de esforço para vocês todos; aqui vai o meu sincero aplauso.” (Murilo Mendes)

À par dessa repercussão, o SLMG promove o lançamento de muita gente nova. É lançado um suplemento especial, em duas edições, dedicado inteiramente aos “novos” de Minas, uma geração que se interessava pela cultura como há muitos anos não se via no Estado. E estrangeiros também. Três poemas de William Carlos Williams são traduzidos por João Cabral de Melo Neto, Haroldo de Campos e Joaquim Cardozo. São lançados, pela primeira vez no Brasil, alguns dos maiores escritores contemporâneos: Julio Cortazar (*Todos os Fogos o Fogo*, junho de 1968, traduzido por Laís Correa De Araújo); Javier Villafañe (*A Barata*, janeiro de 1969, também traduzido por Laís); Jorge Luis Borges (*A Loteria em Babilônia*, setembro de 1969) e Gabriel Garcia Márquez (*A Prodigiosa Tarde de Baltazar*, janeiro de 1970, ambos em tradução de Humberto Werneck e Carlos Roberto Pellegrino).

SOMBRAS NO MEIO DA ESTRADA

Essa fase, no entanto, teria um dia de se chocar com o que vinha acontecendo com o Brasil no início dos anos 70. Maio de 1968, em Paris, já ia longe. Em janeiro daquele ano, cumprida sua parte e deixando o Suplemento já maduro o suficiente para seguir sem ele, Murilo Rubião convocou o escritor Rui Mourão, que já vinha fazendo excelente trabalho no jornal, para substituí-lo. Laís Correa de Araújo e Libério Neves formariam a comissão. No entanto, sombrias alegações políticas viriam impedir a posse de Rui Mourão. Libério Neves secretariou, interinamente, até maio, quando Ildeu Brandão foi nomeado para dirigir o jornal, já contando com Garcia de Paiva para auxiliá-lo. O Suplemento continuava.

Uma longa série de depoimentos, *O escritor mineiro quando jovem* – mais tarde estendida a outros estados – foi iniciada com Luiz Gonzaga Vieira, sob o título, não por acaso, de *Por uma Literatura Mal-comportada*. Em junho de 1972, Sérgio Sant’Anna traduzia *A Banda Policial*, de Donald Barthelme, lançando o escritor norte-americano no Brasil. Em maio de 1971, Ângelo Oswaldo era empossado como secretário. Música, cinema e artes plásticas

Cumprida sua parte e
deixando o Suplemento
já maduro o suficiente
para seguir sem
ele, Murilo Rubião
convocou o escritor
Rui Mourão, que
já vinha fazendo
excelente trabalho
no jornal, para
substituí-lo. No
entanto, sombrias
alegações políticas
viriam impedir a posse
de Rui Mourão. Libério
Neves secretariou até
maio, quando Ildeu
Brandão foi nomeado
para dirigir o jornal.

Suplemento literário muda e traz protestos

“Por não concordar com a estratégia que essa direção vem adotando, um tanto subrepticamente, com relação ao Suplemento Literário, estranhando a ordem de impedir a impressão de um número já paginado, à revelia desta Secretaria, o que, na melhor das hipóteses, interpreto como um ato de má educação profissional e administrativa, mas temendo, principalmente, pelos indícios já ostensivos, que a “mudança de linha” do Suplemento pode esclerosá-lo ou mesmo levá-lo à sepultura e considerando a minha falta de vocação para coveiro cultural, apresso-me em pedir o desligamento do cargo de secretário do Suplemento Literário, que procurei servir com a melhor boa vontade”. Com esta carta, o secretário de redação do Suplemento Literário do “Minas Gerais”, Vander Pirolí, pediu demissão do cargo ao diretor da Imprensa Oficial de Minas, Hélio Caetano da Fonseca.

O ex-secretário de redação não está sozinho: escritores e artistas plásticos iniciaram um movimento de protesto contra o ato do diretor daquele órgão. Também por não ter concordado com a supressão do Suplemento Literário, criado em 1966 pelo Governo do Estado por iniciativa de seu primeiro chefe de redação, Murilo Rubião, a escritora Laís Correa de Araújo desligou-se ontem do Conselho Estadual de Cultura.

Sérgio Sant’Anna, escritor mineiro, apoiando a decisão de Vander Pirolí, afirma: “Aprovo integralmente a decisão do secretário de redação, pois sua gestão de cinco meses lembra Sérgio — foi a melhor época, em que o Suplemento esteve aberto a todas as tendências culturais”.

“O Suplemento Literário” diz o escritor, “era o último órgão literário vivo no Brasil que destinava algum espaço à criação e a movimentos de vanguarda”.

Clarice Lispector, Autran Dourado e Nélida Piñon, através de telefonemas ao ex-secretário, reafirmam a posição de Vander Pirolí e dizem: “vamos defender o Suplemento através de uma campanha nacional”.

Todos os escritores mineiros lançam hoje um manifesto contra a decisão e, do Rio, escritores de todo País enviarão ao governador Aureliano Chaves um abaixo assinado em favor do Suplemento. Os escritores mais conceituados em Minas totalizam 95% no movimento de solidariedade e reconquista do atual suplemento.

Vander Pirolí, que é autor do livro “A mãe e o filho da mãe”, lança no mês que vem o seu segundo livro: “O menino e o pinto do menino”, que ele considera como sendo uma estória infantil urbana, para todas as idades.

Minas reage a mudança em jornal

Belo Horizonte — Escritores e artistas plásticos mineiros iniciaram ontem um movimento de protesto contra o que qualificam “um ato de loucura” do diretor da Imprensa Oficial de Minas, Sr Hélio Fonseca: reformular o *Suplemento Literário do Minas Gerais*, considerado por eles uma das melhores publicações especializadas da América Latina.

O secretário de redação do *Suplemento*, Vander Pirolí, declarou, ontem, que nada sabia ainda oficialmente, mas que se demitirá logo que seja cientificado do que já sabe e extra-oficialmente: que a publicação será transformada num órgão de divulgação da Academia Mineira de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico de Minas e da Sociedade Amigas da Cultura.

O *Suplemento Literário do Minas Gerais* foi criado em 1966 pelo Governo do Estado, por iniciativa de Murilo Rubião, seu primeiro secretário de redação

Recorte do jornal “Estado de Minas” (1975)



Na redação do Suplemento em 1970. Em pé: Duílio Gomes, Luís Gonzaga Vieira, Sérgio Sant’Anna, Luís Márcio Vianna, Antônio Carlos Braga, Sérgio Tross e Humberto Werneck. Agachados: Jaime Prado Gouvêa, Márcio Sampaio, Luiz Vilela e Valdimir Diniz

Recorte do “Jornal do Brasil” (1975)

ganham espaço no jornal. Matérias polêmicas são publicadas, assim como suas réplicas, num movimento vivo. Diversos números especiais são publicados. Surgem novos artistas como Marcos Coelho, Benjamin, Rosa Maria, Roberto Moreno, Luiz Maia, Humberto Guimarães. Por ocasião de um de seus aniversários, o Suplemento deixa de receber um voto de louvor da Academia Mineira de Letras sob a insólita alegação, feita por um de seus imortais, de que ele “não dava vez aos velhos”. O Brasil vivia seus tempos de “milagre”.

O ciclo de Ângelo Oswaldo terminaria em setembro de 1973, quando foi convidado para uma temporada de estudos em Paris. Mário Garcia de Paiva o substituiu e chamou Maria Luiza Ramos para compor a comissão. Mas as pressões continuam e um suplemento especial, que pretendia ser uma amostra do *Conto Brasileiro Atual* (24 textos de ficção), é mutilado pela censura. Seriam dois números, cada um com dezesseis páginas. O primeiro saiu perfeito, mas o segundo teve apenas oito páginas. A imprensa nacional começou a dar atenção a esses fatos, num apoio à resistência.

UMA PONTE INTERROMPIDA

O clima político em que a nação vivia, a pressão cada vez maior gerada pelo choque entre o que tentava ser um movimento cultural e o fato de ser o veículo um órgão oficial — fato muito usado pelos eternos contestadores da linha do Suplemento —, acabaram por forçar uma queda da qualidade, um certo desânimo, um marasmo que só viria a ser sacudido com a nomeação do jornalista e escritor Wander Piroli para a secretaria do jornal, em janeiro de 1975.

Piroli trouxe o dinamismo do jornal diário a que estava acostumado, inovou na parte gráfica, publicou cordel, abriu espaço aos escritores que quisessem desabafar, agilizou o setor editorial e irritou os conservadores em geral. Durante alguns meses, a independência do Suplemento entusiasmou seus colaboradores; escritores de renome quiseram participar da festa; a qualidade cresceu. E, com ela, o perigo. Em maio de 1975, sem que seu secretário fosse sequer avisado, o “Minas Gerais” publicou um editorial informando que haveria uma reformulação no Suplemento. Piroli demitiu-se imediatamente e, com ele, a grande maioria dos colaboradores, fato que repercutiu, em tom de lamento e revolta, na grande imprensa nacional. O ciclo parecia fechado. A partir do número 454, de 17 de maio, a circulação do jornal foi interrompida — fato até então inédito —, só voltando em meados de junho, depois da nomeação de um novo secretário, Wilson Castelo Branco, que o dirigiria durante quase oito anos.

NOVOS TEMPOS, NOVA FASE

A vitória de Tancredo Neves nas eleições de 1982 prenunciava mudanças profundas, em particular no mundo artístico. Paro o *Suplemento*,

isso foi fundamental. Murilo Rubião, seu criador, foi nomeado Diretor da Imprensa Oficial. Entre suas metas estava a renovação do *Suplemento*, que voltasse a ter a importância que tivera em outros tempos, quando chegou a ser reconhecido internacionalmente como um dos mais importantes veículos de informação cultural da Língua Portuguesa. Queria que fosse varrido todo o anacronismo e provincianismo por onde o jornal havia se enveredado, uma mudança que fosse até física.

Montou, então, uma equipe que conhecia bem, e que era encabeçada pela autoridade intelectual do professor Aires da Mata Machado Filho, seu Chefe de Gabinete. Como secretário, designou Duílio Gomes. A comissão de redação passou a ser composta por Wander Piroli e Paulinho Assunção. A equipe de redação contava com Manoel Lobato, Jaime Prado Gouvêa e Adão Ventura. E, para dar uma nova feição gráfica ao jornal, foi chamado o poeta Sebastião Nunes, autor da programação visual que seria executada, na prática, pelo diagramador Lucas Raposo. Até o logotipo foi mudado, e, em junho de 1983, começava a nova fase.

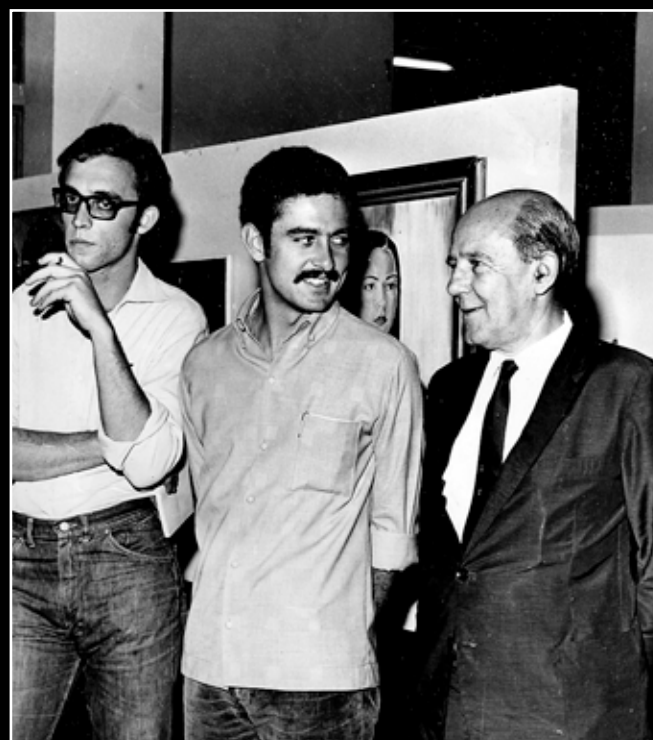
A reação, no entanto, não estava morta. Determinados leitores, acostumados com o antigo aspecto quase acadêmico do jornal, assustaram-se com as páginas mais limpas, com os espaços em branco valorizando poemas e ilustrações, com alguns textos considerados “fortes”, com tudo aquilo que, enfim, costuma incomodar os acostumados. Mas isso já não importava tanto. Os tempos eram outros. Números especiais voltaram a ser programados, inclusive certas edições impensáveis em outras épocas, como a inteiramente dedicada às mulheres — onde os textos eróticos predominavam — e a dos ilustradores, em que os textos se baseavam nos desenhos, invertendo-se o processo tradicional.

A partir daí, o Suplemento entrou na maturidade, seguindo sua vida como um avião em altitude de cruzeiro, até que, coincidentemente com a doença e a morte de Murilo Rubião, começou a sentir o efeito do tempo, foi envelhecendo, fechando-se sobre si próprio como uma publicação de paróquia, até quase não sair mais à rua, como qualquer idoso que não tem mais o que dizer. Até que, no final de 1994, a então Secretária de Estado da Cultura, Celina Albano, conseguiu passar o jornal para sua pasta. O Suplemento deixava de ser *do “Minas Gerais”* para ser *de Minas Gerais*.

Assim se passaram cinquenta anos de bons e maus momentos, mas que serviram para a iniciação de muitos talentos hoje consagrados e que, talvez, sem o espaço para publicar e o convívio com alguns dos maiores escritores mineiros — Emílio Moura, Bueno de Rivera e tantos outros eram frequentadores quase diários da redação — talvez tivessem suas carreiras abortadas na origem.

JAIME PRADO GOUVÊA

mineiro de Belo Horizonte, é diretor do SLMG.



De cima para baixo, da esquerda para a direita: José Márcio Penido, Emílio Moura, João Paulo Gonçalves, Autran Dourado, Carlos Roberto Pellegrino e Humberto Werneck, 1968. Emílio Moura e Libério Neves, 1967. Valdimir Diniz, Humberto Werneck e Ildeu Brandão, 1968. Jaime Prado Gouvêa, Manoel Lobato, Nélida Piñon e Duílio Gomes, 1985.

GÊNESE DE UMA GERAÇÃO

VIVIANE MONTEIRO MAROCA

OS NOVOS CONTISTAS NO SUPLEMENTO LITERÁRIO (1966-1975)

O que se quer agora de uma revista ou jornal literário é que não reflita apenas um pensamento dirigido de grupo, mas que mostre as várias tendências que vão surgindo. E saber, principalmente, o que a literatura incorpora à vida de todo dia. Não se concebe literatura como simples jogo lúcido ou catarse ou isso ou aquilo: literatura é vida

Luís Gonzaga Vieira

De dentro do diário oficial do estado de Minas Gerais, o jornal Minas Gerais, surgiu a ideia, atribuída ao então governador do estado, Israel Pinheiro, de que se publicasse semanalmente uma página especial, que acabou por tornar-se um caderno *que amenizasse a prosa burocrática com algum noticiário, colunas e um pouco de literatura*ⁱ. Essa página especial se dedicaria não apenas à literatura, mas também ao teatro, ao cinema e às artes plásticas. A tarefa de dirigi-lo caberia ao já consagrado escritor Murilo Rubião, assessorado por Bueno de Rivera e Ayres da Mata Machado Filho, que seria, em dois anos, sucedido por Rui Mourão. Laís Corrêa de Araújo e Affonso Ávila também estavam intimamente ligados à concepção do *Suplemento*. O corpo editorial original contava com Márcio Sampaio, José Márcio Penido, o diagramador Lucas Raposo; a partir de 1968, agregaram-se também João Paulo Alves da Costa, Vladimir Diniz, Adão Ventura e Carlos Roberto Pellegrino. Não são essas as palavras exatas,

mas é mais ou menos assim que Humberto Werneck narra, em *O desatino da rapaziada* e em “*Meu Suplemento Inesquecível*”, o processo pelo qual se concebeu este *Suplemento Literário* que agora completa 50 anos.

O primeiro editorial do periódico revela um pouco de sua plataforma:

Na sua simplicidade, o título escolhido para esta nova secção do “Minas Gerais” contém o essencial de um programa consciente. Deliberamos reivindicar a importância da literatura, frequentemente negada ou discutida. Para começar, tomamos o termo na acepção mais ampla.

Nessa ordem de ideias, o “Suplemento Literário” vai inserir não só poesia, ensaio e ficção em prosa, mas também a crítica literária, a de artes plásticas, a de música. Sem negligenciarmos os aspectos universais da cultura, queremos

*imprimir a estas colunas feição predominantemente mineira, assim no estilo de julgar e escrever, como na escolha da matéria publicável. A fidelidade à Província nos termos que situamos até conjura o perigo do provincianismo. O anseio de atingir a esquivo perfeição configura a chamada mineiridade, na opinião de alguns. Porque cientes e conscientes dos lados positivo e negativo de semelhante intenção, permitimo-nos a coragem de aspirar ao melhor que nos seja possível.”*ⁱⁱ

O *Suplemento* de número 1 trouxe também um desenho de Álvaro Apocalypse; um poema de Bueno de Rivera; artigos críticos de Fábio Lucas (“A função da poesia renovadora”), Paulo Saraiva (“O alienista de Cosme Velho”), Affonso Ávila (“Sousândrade: O poeta e a consciência crítica”), Aires da Mata Machado Filho (“O escritor Euclides da Cunha”), Luiz Gonzaga Vieira



Carlos Roberto Pellegrino, Humberto Werneck e Jaime Prado Gouvêa, 1970.

(“Franz Kafka”); um texto de História Política Mineira de João Camillo de Oliveira Torres; a coluna de crítica “Roda Gigante” junto da seção de resenhas “Informais” de Laís Corrêa de Araújo; uma reportagem sobre o compositor Arthur Bosmans de M. Procópio; um texto sobre Godard de Flávio Márcio; e um perfil por Zilah Corrêa de Araújo (“Eduardo Frieiro no depoimento de sua esposa”). Ademais, foi publicado o conto *Na rodoviária*, de Ildeu Brandão, ilustrado por Eduardo de Paula. Havia ainda uma nota pela qual se saberiam os livros mais vendidos da semana.

O jornal acolheu poetas e ficcionistas de variados perfis, inclusive jovens, projetando-os nacionalmente. Luiz Claudio Vieira de Oliveira conta que na medida em que o Suplemento publica esses novos autores dos anos 60 e 70, e também resgata autores mineiros como Alphonsus de Guimaraens e Afonso Arinos, esconjura *o perigo do provincianismo*, garantindo uma renovação na literatura brasileira de então: *O Suplemento funcionou como uma síntese da cultura mineira, ponto de confluência para que convergiram autores antigos, consagrados ou não, e autores novos*ⁱⁱⁱ, diz o autor.

É importante notar que, mesmo estando encartado ao diário oficial do estado e trazendo assumidamente como princípio um ideal de mineiridade, ele efetua uma transgressão do local. Haydée Ribeiro Coelho observa que *o Suplemento converte-se em um lugar de passagem, onde transitam homens, ideias e saberes de diversas localidades, garantindo ao leitor um contato heterogêneo com a cultura mineira, brasileira e de outras capitais culturais. Vive-se em Minas, lê-se em Minas, lê-se de Minas, recebe-se o outro em Minas. Essa voz das gerais, no entanto, não se fixa*^{iv}.

Assim, o Suplemento Literário do *Minas Gerais* se configura como um mosaico no qual se veem passado e presente, ruptura e continuidade; cede lugar ao novo e relê a tradição; fala da cultura local e dos textos canônicos do Ocidente; denuncia a continuidade na política e propõe renovação para as letras nacionais. Fábio Lucas, por exemplo, reivindica que se deixe de lado o importado, quando se almeja o original, e o passado, que se opõe ao avanço:

A tradição é útil como ponto de partida, marco de um processo que se desdobra e continua; a arte estrangeira é importante para o conhecimento das etapas no terreno da expressão artística. De qualquer forma, o importante é tentar e conseguir a conquista de um estilo próprio, a agregação de um produto novo aos já existentes.

Assim, o passado não pode ser considerado um depósito no tempo, sobre o qual se fazem retiradas para o êxito atual, assim como a contribuição estrangeira não pode constituir um depósito no espaço, sobre o qual se fazem retiradas para a contemplação deslumbrada dos inocentes^v.

O espaço do jornal, como se pode notar, propiciava a contemplação de autores já consagrados através de análises críticas, mas este elemento novo que aponta Fabio Lucas é predominante quando se analisam os contos e poemas publicados no Suplemento. Jaime Prado Gouvêa, que também publicava regularmente naquele periódico, relembra que *por ocasião de um de seus aniversários, o Suplemento deixa de receber um voto de louvor da Academia Mineira de Letras sob a insólita alegação, feita por um de seus imortais, de que ele ‘não dava vez aos velhos’*^{vi}.

Em seus primeiros anos, o periódico foi lugar de reflexão acerca da literatura e das artes, espaço de divulgação de diversas manifestações artísticas, lugar onde se apresentaram novos escritores. O Suplemento foi além de seu papel de divulgador e comunicador, concretizando transformações efetivas na história literária e cultural. Ironicamente, segundo Humberto Werneck, a ideia inicial do jornal foi recebida com *ceticismo, indiferença e desdém*, e acreditava-se que seria necessário recorrer a traduções, já que não seria possível *encher tantas páginas do jornal*^{vii}.

A rápida consolidação do *Suplemento* foi justificativa para que Murilo Rubião, em fins de 1969, designasse como seu substituto Rui Mourão; Laís Corrêa de Araújo e Libério Neves comporiam a nova comissão junto do crítico. Contudo, alegações de subversão política

impediram que Mourão assumisse o cargo e, a partir de então, Libério Neves era o novo secretário do *Suplemento*, sendo sucedido por Ildeu Brandão, a partir de junho de 1970, que contava com o auxílio de Garcia de Paiva. Em maio de 1971, foi empossado o mais jovem secretário do SLMG, Ângelo Oswaldo, que exerceu suas funções até 1973. Nesse ano, elaboraram-se dois números especiais dedicados à nova ficção brasileira, com 16 páginas cada. O primeiro foi publicado integralmente, sob o título de *24 textos de ficção*, o segundo, mutilado por censores e reduzido a oito páginas e a seis textos^{viii}, foi chamado de *Textos de ficção II*. Sérgio Sant’Anna descreve este período como o de maior ousadia da história do *Suplemento*. Com a saída de Ângelo Oswaldo, assume, então, Garcia de Paiva, como secretário, e Maria Luíza Ramos, como membro da comissão.

O período que se sucedeu a este episódio foi marcado pela cautela e pela contenção, levando a uma queda de qualidade no conteúdo do periódico. Para trazer um novo ânimo ao jornal, Wander Piroli assumiu a direção do Suplemento em janeiro de 1975, trazendo, como observa Jaime Prado Gouvêa, *o dinamismo do jornal diário a que estava acostumado, inovando na parte gráfica; publicou cordel, abriu espaço aos escritores que quisessem desabafar, agilizou o setor editorial e irritou os conservadores em geral*^{ix}. Até que em maio de 1975, o *Minas Gerais* publicou uma nota que declarava que seu suplemento literário seria reformulado, decisão não previamente comunicada a Piroli, que se demitiu. Partiram com ele a maior parte de seus colaboradores. O *Minas Gerais* acabou por ceder às pressões da censura, interrompendo o Suplemento Literário em 17 de maio, que retornou às suas atividades apenas após um mês sob a direção de Wilson Castelo Branco, um secretário designado pela diretoria do diário oficial. Humberto Werneck dirá, parafraseando Affonso Ávila, que, naquele momento, o suplemento literário criado por Murilo Rubião perdia sua relevância.

Em 1968, publicaram-se, no *Suplemento*, dois números especiais dedicados aos novos escritores e artistas que vinham ganhando projeção por meio do semanário. O primeiro – o número

74 – trazia uma charge, que sintetizava o discurso dos *Novos*, um ensaio, *Aparte à literatura dos Novos*, seis contos, quatro poemas, e duas matérias: uma sobre o cinema novo de Minas, *Cinema Mineiro, a última safra*, e *Os caminhos e descaminhos da literatura: falam os novos de Minas*. Esta última era um debate com os escritores Luis Gonzaga Vieira, Sérgio Sant’Anna, Luiz Vilela, Adão Ventura, José Márcio Penido, Humberto Werneck, Márcio Sampaio, Henry Corrêa de Araújo, Carlos Roberto Pellegrino, José Luiz Andrade e Libério Neves, que discutiam as razões pelas quais um escritor produz, o reconhecimento público do escritor, a literatura participativa/participante, a Poesia Concreta, o Nouveau Roman, a crise da poesia, a necessidade de uma nova literatura.

O número seguinte obedece à mesma proposta: traz cinco contos, quinze poemas, dos quais quatro estão em uma página reservada aos jovens escritores de Cataguases (antigo reduto da revista *Verde*), um ensaio sobre o Surrealismo, uma matéria sobre os *novos* das artes plásticas, e uma síntese da biografia dos novos que colaboraram para aquelas duas edições do SLMG.

A reflexão sobre um novo projeto literário, que emergia ali, nos fins dos anos de 1960, foi ampliada para além daqueles números especiais organizados por Laís Corrêa de Araújo. Os primeiros nove anos do Suplemento mostram, em abundância, as novidades em ficção e poesia nacional: “O anticonto por excelência”, “Escritores: o princípio de uma consciência profissional”, “A experiência nova no conto”, “A criação literária”, “Situações da ficção brasileira”, “Variações sobre o conto”. Em todos os números, encontravam-se contos, poemas, resenhas, ensaios que abordavam o tema confecção de novos contos, entrevistas ou séries de reportagens, e citavam um nome recorrente: *Os Novos*, *Os Novos de Minas*, *Os Novos de toda parte*, *Aparte à literatura dos Novos*. Seus nomes se repetiam e, a cada número percorrido do Suplemento, novo Novo era apresentado: Wander Piroli, Jaime Prado Gouvêa, Sérgio Sant’Anna, Lucienne Samôr, Humberto Werneck, Adão Ventura Luiz Vilela, Duílio Gomes, Luiz Gonzaga Vieira, Sebastião Nunes,

outras dezenas de nomes. Há uma maioria de contistas entre os escritores que se tornaram proeminentes.

Alguns desses nomes repetiam-se em outras seções do jornal: crítica de cinema, música, teatro. A crítica literária era, por vezes, guiada pelas tendências críticas em voga em fins dos anos 60 e início dos anos 70. Eles discutiam novas formas para o conto, falavam de outros novos, resenhavam livros. Considerando-se a abrangência do *Suplemento*, que era lido em outros estados e países, os novos também praticaram o ofício de difusores da nova literatura, não só mineira, mas nacional, em empreendimentos como *Os novos de toda parte*, uma série de entrevistas com escritores de todo o país. Como observa Sérgio Sant’Anna, o jornal ofereceu *uma abertura que nenhuma outra publicação oferece[u] no Brasil* naquelas condições^x.

Mas foram as reflexões sobre o conto que ganharam um espaço de destaque no *Suplemento*, que extrapolaram o território da contemplação e ocuparam o universo da teoria. Divulgaram-se, também, trabalhos teóricos sobre o gênero, feito que se deu, ora através de artigos isolados, ora por séries de ensaios publicados, que colocaram em evidência o conto mineiro, o brasileiro, a situação do conto, os *novos contistas*, e, especialmente, propiciaram a elaboração de um projeto literário que dizia respeito à confecção do conto no fim dos anos 60 e nos anos 70.

Resenhavam-se, também, obras teóricas que foram publicadas sobre o conto. Em uma dessas resenhas – do livro *Variações sobre o conto* de Herman Lima – Luis Gonzaga Vieira traça alguns esboços que norteariam a produção ficcional de seus contemporâneos grupo, ao afirmar:

Vemos também que os grandes contistas do passado nos ensinaram principalmente a libertar-nos deles, pois nosso tempo é outro: eles foram úteis na medida em que nos ensinaram a ser livres. São grandes contistas, mesmo considerando o tempo de hoje, mas os novos ficcionistas procuram refletir um tempo próprio, com problemas existenciais e literários próprios.

A narrativa curta *ganhava vitalidade*^{xii} entre os ficcionistas, após o país ter atravessado o que Alfredo Bosi chamou de idade de ouro do romance brasileiro^{xiii}, entre os anos 30 e 60. Nas palavras de Laís Corrêa de Araújo, o conto *escapou para tornar-se um texto inventivo, autônomo, tão importante e significativo quanto qualquer obra ficcional de maior contextura*^{xiv}.

Torna-se claro, a partir do discurso dos *novos*, que eles tinham consciência do papel de mediação que o *Suplemento* desempenhava, não sendo apenas um espaço comum em que publicavam seus escritos. Em um texto de 1968, Sérgio Sant’Anna reconhece a importância desses números e séries especiais para essa nova geração que *longe de se prestar a juízos definitivos, dá ainda seus primeiros passos e se definirá a partir do que for realizando e sendo. Um instante captado de uma coisa em movimento, portanto*^{xv}.

Já em 1968, embora Sant’Anna não soubesse precisamente definir o que os configurava, a si e a seus contemporâneos, como uma geração, notava ali a ocorrência de um fenômeno que envolvia aqueles jovens escritores por suas similitudes. Em 1997, com um olhar dessa vez retrospectivo, o contista Duílio Gomes percebe que um dos méritos do *Suplemento* foi o de reunir novos prosadores e poetas e projetá-los. *A gênese dessa criação coletiva, segundo o próprio Murilo Rubião, trazia instrumental e virtudes suficientes para promover uma ruptura com a geração anterior e estabelecer-se com legitimidade coerente. O que, para cada nova geração, significa estética nova*^{xvi}.

Os *novos* se diziam, então, pertencentes a uma mesma geração. Eram jovens, tinham pouco mais de 20 anos, habitavam um espaço urbano moderno e, embora possuíssem uma obra bastante heterogênea, eles compartilhavam aspectos de criação artística; alguns deles se propunham a experiências inovadoras no campo das narrativas curtas. Naquele momento, fosse pelo desejo de ruptura com uma tradição pregressa, fosse pela vontade de estarem ligados a um grupo no qual interesses ou visões de mundo semelhantes se encontravam, foi por meio do Suplemento Literário do Minas Gerais que esse projeto geracional foi empreendido.

Nesse sentido, a série de artigos *O conto atual*, que se estendeu por seis números, refletia bem o espírito daquela geração de contistas que vinham propor outros paradigmas para o conto de então. Seu autor, Luis Gonzaga Vieira, sugeria que se abolissem todas as regras de composição, pregava a liberdade e a necessidade de se romper com o discurso da tradição, e que a obra literária refletisse a humanidade do autor e suas questões existenciais. A série se estabeleceu como um texto paradigmático para se pensar a obra dos novos, na medida em que dialogava com o que vinha sendo feito no âmbito da ficção.

Ao longo dos ensaios publicados, foram apontados os elementos que constituiriam uma situação definida por seu autor como *beco sem saída*^{xvii}. Dentre eles veem-se: ameaça de guerra nuclear, guerra fria, *outras guerras não declaradas, bombardeio constante da publicidade e da propaganda*, descobertas científicas que vieram deslocar o homem do centro do Universo, *a realidade vista de frente e sem subterfúgios, uma infinidade de problemas que a civilização provocou, a conscientização de um maior número de pessoas ao lado da maioria silenciosa*, esta, menção tacaña à situação política do Brasil.

De acordo com Vieira, todas as obras literárias eram feitas *[n]esta tensão, dentro desse clima e, mesmo assim, nossos escritores conseguem escrever grandes livros, embora cada vez mais 'desfigurados' do modelo antigo*^{xviii}. Acredito que, não mesmo assim, mas justamente em função disso, a literatura pós-64 tem esta feição. Esta *tensão* é uma espécie de força motriz, é a possibilidade de transgressão para os escritores de então, que viam a literatura *como reflexo mais direto da humanidade*. Por isto mesmo Luiz Gonzaga Vieira justifica uma tendência ao existencialismo na postura de seus contemporâneos, ressaltando que o individualismo e o subjetivismo não são *uma simples viagem em torno de si mesmos, mas são uma afirmação a favor da pessoa e contra a massificação e o desfiguramento de cada ser humano*^{xix}.

Assim, vão sendo traçados elementos que comporiam parte da temática dessa nova narrativa, que se vale do subjetivismo como elemento chave para sua configuração. O autor

defendia que o novo contista deveria *explorar o máximo possível o corriqueiro, o banal, o cotidiano, dar como que uma transfusão de sangue no tradicional*. Luis Gonzaga Vieira sustenta, portanto, uma proposta de ruptura *formal* de cunho ideológico, pois o que lhe interessa é

o que há na obra de atuante, de humano, de denso – independente de época e independente de qualquer maniqueísmo. Bom ou mau não é o que segue ou propõe determinados 'modelos' mas é, em última análise, o que serve ao homem, o que o conscientiza: bom é aquilo que desperta o leitor, não interessam o tempo e o lugar.

Se esses novos autores habitavam um mundo de forte tensão existencial e almejavam conscientizar e despertar seus leitores, não podiam conceber uma maneira pacífica e passiva de atingi-los: *não pensamos em agradar, pelo contrário, pensamos em agredir, refletindo nosso mundo que também é uma agressão e uma violação constantes*^{xxi}. Portanto, o próprio exercício criador se firma como uma prática da existência que vem romper com tudo aquilo que sufoca ou reprime o autor no momento da criação literária, almejando a liberdade para escrever como e o que desejar. Ironicamente, o único imperativo que toca a *forma* do conto estabelecido por Vieira não diz respeito necessariamente à forma do conto, mas ao seu *conteúdo*: *não temos a intenção de conceituar o conto porque achamos que o conto hoje não tem regras fixas*^{xxii}.

Estes escritores assumidamente colocam em segundo plano o enredo de ações concatenadas, experimentando *uma impressão por assim dizer atmosférica*^{xxiii}. Retiram de seu meio o objeto de sua obra, possibilitando a representação de um complexo mundo interior. Vieira afirma, assim, que as questões da existência tornavam-se estéticas, por não existir então

uma questão literária, mas uma questão existencial: e escrever é um dos nossos modos de tomar consciência da realidade e procurar definir-nos diante dela. E por isso escrever bem já não é hoje

uma pura e simples questão de 'forma', mas de 'conteúdo' ('o conteúdo' é a 'forma', a 'forma' é o 'conteúdo')^{xxiv}.

O discurso iconoclasta de Vieira se construiu, principalmente, sobre a oposição à normatização e à repetição de formas fixas no campo dos gêneros literários. O crítico apregoava uma abolição dos limites do conto, mostrando-se contrário aos teóricos que delimitaram o gênero. Além disso, propõe que as obras revelem o tempo e o espaço no qual estão inseridos os escritores. Tendo em vista o momento histórico vivido pelos contistas, a repressão gerava uma necessidade de posicionamento do escritor, sem que a obra fosse um reflexo da militância política.

De modo geral, o discurso de Vieira se estabelece em consonância com o discurso dos *Novos* acerca do conto no *Suplemento*, que diz respeito, sobretudo, à liberdade de criação e à necessidade de se trazer à prática criativa elementos da vivência. A época em que viviam deveria, de alguma forma, refletir em sua literatura.

Quanto à produção ficcional, é possível observar duas abordagens distintas do conto no *Suplemento* entre 1966 e 1975; em um primeiro momento, vê-se uma volta do sujeito, na representação, para si mesmo, talvez um reflexo daqueles tempos de supressão de liberdade e um diálogo, ainda que não o quisessem, com o romance de introspecção. Algumas são narrativas de autores hoje reconhecidos, como Luiz Vilela, Sérgio Sant'Anna, Jaime Prado Gouvêa, Humberto Werneck. Grande parte dos contos publicados traz uma temática que diz respeito à solidão do homem em contato com o espaço urbano; o sujeito na narrativa ora é ora é tolhido, ora é reificado. Além disso, não se trabalhou a fundo o gênero em seu potencial de ruptura com os modelos tradicionais de composição.

Mas a partir dos anos 70, outros contos, mais experimentais, passaram a coexistir no *Suplemento* com aqueles que se fixavam na questão do sujeito. Abolem-se enredos, ações de personagens, suspende-se a trama que se encaminha para o desfecho. É nesta fase que o conto ganha novas feições. Surgem também textos de ficção que refletem sobre as teorias do conto, mostrando que o ato de contar também pode se tornar

matéria narrada. A questão da liberdade, antes centrada no sujeito, desloca-se para o próprio fazer criativo, tornando-se a narrativa o seu próprio referente. *Signos e Relatório de Viagem*, de Jaime Prado Gouvêa, e *Obra aberta, Roteiro para um filme* ou *Conto (não conto)*, de Sérgio Sant'Anna, são apenas alguns dos textos experimentais que o *Suplemento* trouxe aos seus leitores.

O sentido histórico dos textos dos *Novos* revela que, embora o país, após a instauração do AI-5, cerceasse direitos e liberdades individuais, não era por meio da representação interessada, panfletária ou atravessada por ideologias político-partidárias que abordariam sua ficção. Se assim o fosse, é possível que esses autores tivessem sofrido o destino dos artistas que ousaram discordar do governo militar implantado pelo golpe de 1964, prisão, tortura, exílio ou até mesmo a morte. Jaime Prado Gouvêa revela: *como éramos jovens, e, em consequência,*

meio rebeldes, a censura era um desafio para nós. Driblar o censor era ótimo, um quase-gol. E nos dava a certeza de que alguém estava lendo nossas coisas, nem que fosse para nos ferrar. Minhas lembranças desse atrevimento são as melhores.^{xxv} Assim, a experiência da censura e da repressão a que chamou-se de situação *beco sem saída*^{xxvi}, torna-se uma das condicionantes da criação ficcional naquele contexto.

No entanto, a palavra *liberdade* estava presente em quase todos os artigos dos *novos* a respeito de seu projeto ficcional. Não consigo deixar de pensar que a escolha do conto como o gênero predileto dessa geração expõe uma velocidade e uma urgência, uma ansiedade de mudança e de ruptura, de superar o que é velho e marcado pelo tempo, o que tolhe e pesa sobre o presente de enunciação. Isto se dá tanto na maneira em que os contos são apresentados graficamente quanto naquilo que expressam.

A tentativa de ruptura dos antigos paradigmas do conto foi a maneira encontrada, pelos *novos*, de dar vazão a este ímpeto de liberdade. Foi esta mesma busca pela autonomia do sujeito que acabou resultando na busca pela liberdade estética, tal como o propuseram. A escrita desses autores demanda uma reinvenção, uma estética de resistência. Não deixa de ser curioso que o *Suplemento Literário* do *Minas Gerais*, que tinha o corpo editorial composto por intelectuais de esquerda, assim como muitos de seus colaboradores o eram, surgiu durante a ditadura militar brasileira e resistiu aos seus anos mais ferrenhos e aos ataques da imprensa de direita ligada à polícia. A narrativa tornava-se um espaço de resistência que tentava se dessemear das urdiduras do poder; esse momento político é um traço peculiar da história do país, tornando único esse contexto de criação literária propiciado pelo *Suplemento*.

i WERNECK, Humberto. O desatino da rapaziada: Jornalistas e escritores de Minas Gerais. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ii *Suplemento Literário* do Minas Gerais, 1966, n.1, p.1

iii OLIVEIRA, Luiz Claudio Vieira de. Crítica e Semiótica - Guimarães Rosa no *Suplemento*. Belo Horizonte: Pós-lit, 2002.

iv COELHO, Haydée Ribeiro. O *Suplemento Literário*: 1969-1981. *Suplemento*. Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Dez. 2006, p.6-9.

v LUCAS, Fábio. Função da poesia renovadora. Minas Gerais. Belo Horizonte: Secretaria de Cultura de Minas Gerais. *Suplemento Literário*, n.1, set. 1966, p.2.

vi GOUVÊA, Jaime Prado. *Suplemento*, ano XX : Mil números de história. Minas Gerais. Belo Horizonte: Secretaria de Cultura de Minas Gerais. *Suplemento Literário*, 30 nov. 1985. *Suplemento Literário*, n.1000. p.2-5.

vii WERNECK, Humberto. Meu *Suplemento* Inesquecível. *Suplemento*. Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Dez. 2006, p.3-5.

viii Cf. *Suplemento Literário* do Minas Gerais, 1973, ns. 378 e 379.

ix GOUVÊA, Jaime Prado. *Suplemento*, ano XX : Mil números de história. Minas Gerais. Belo Horizonte: Secretaria de Cultura de Minas Gerais. *Suplemento Literário*, 30 nov. 1985. *Suplemento Literário*, n.1000. p.2-5.

x SANT'ANNA, Sérgio. Depoimento: o conto não existe. Minas Gerais. Belo Horizonte: Secretaria de Cultura de Minas Gerais. *Suplemento Literário*, n.357, jun.1973, p. 6-7.

xi VIEIRA, Luis Gonzaga. Variações sobre o conto. Minas Gerais. Belo Horizonte: Secretaria de Cultura de Minas Gerais. *Suplemento Literário*, n. 189, 11 abr. 1970, p. 7.

xii VIEIRA, Luis Gonzaga. O conto atual V. Minas Gerais. Belo Horizonte: Secretaria de Cultura de Minas Gerais. *Suplemento Literário*, n. 217, 24 out. 1970, p. 8.

xiii BOSI, Alfredo. História concisa da Literatura Brasileira. São Paulo: Cultrix, 2006.

xiv ARAÚJO, Laís Corrêa de. Da teoria e da prática do conto. Minas Gerais. Belo Horizonte: Secretaria de Cultura de Minas Gerais. *Suplemento Literário*, 7 abr. 1979. p. 6.

xv SANT'ANNA, Sérgio. Os novos de Minas: o problema da participação. Minas Gerais. Belo Horizonte: Secretaria de Cultura de Minas Gerais. *Suplemento Literário*, n.84, fev. 1968a, p.3.

xvii GOMES, Duílio. Arquivo. *Suplemento*. Belo Horizonte: Secretaria de Cultura de Minas Gerais, n. 28, ago. 1997, p.12-13.

xviii VIEIRA, Luis Gonzaga. O conto atual II. Minas Gerais. Belo Horizonte: Secretaria de Cultura de Minas Gerais. *Suplemento Literário*, n. 211, 12 set. 1970, p. 10.

xviii Ibidem.

xix VIEIRA, Luis Gonzaga. O conto atual. Minas Gerais. Belo Horizonte: Secretaria de Cultura de Minas Gerais. *Suplemento Literário*, n. 210, 5 set. 1970, p. 10-11.

xx VIEIRA, Luis Gonzaga. O conto atual II. Minas Gerais. Belo Horizonte: Secretaria de Cultura de Minas Gerais. *Suplemento Literário*, n. 211, 12 set. 1970b, p. 10.

xxi VIEIRA, Luis Gonzaga. O conto atual IV. Minas Gerais. Belo Horizonte: Secretaria de Cultura de Minas Gerais. *Suplemento Literário*, n. 216, 17 out. 1970, p. 8.

xxii VIEIRA, Luis Gonzaga. O conto atual. Minas Gerais. Belo Horizonte: Secretaria de Cultura de Minas Gerais. *Suplemento Literário*, n. 210, 5 set. 1970, p. 10-11.

xxiii Ibidem.

xxiv VIEIRA, Luis Gonzaga. O conto atual. Minas Gerais. Belo Horizonte: Secretaria de Cultura de Minas Gerais. *Suplemento Literário*, n. 210, 5 set. 1970, p. 10-11.

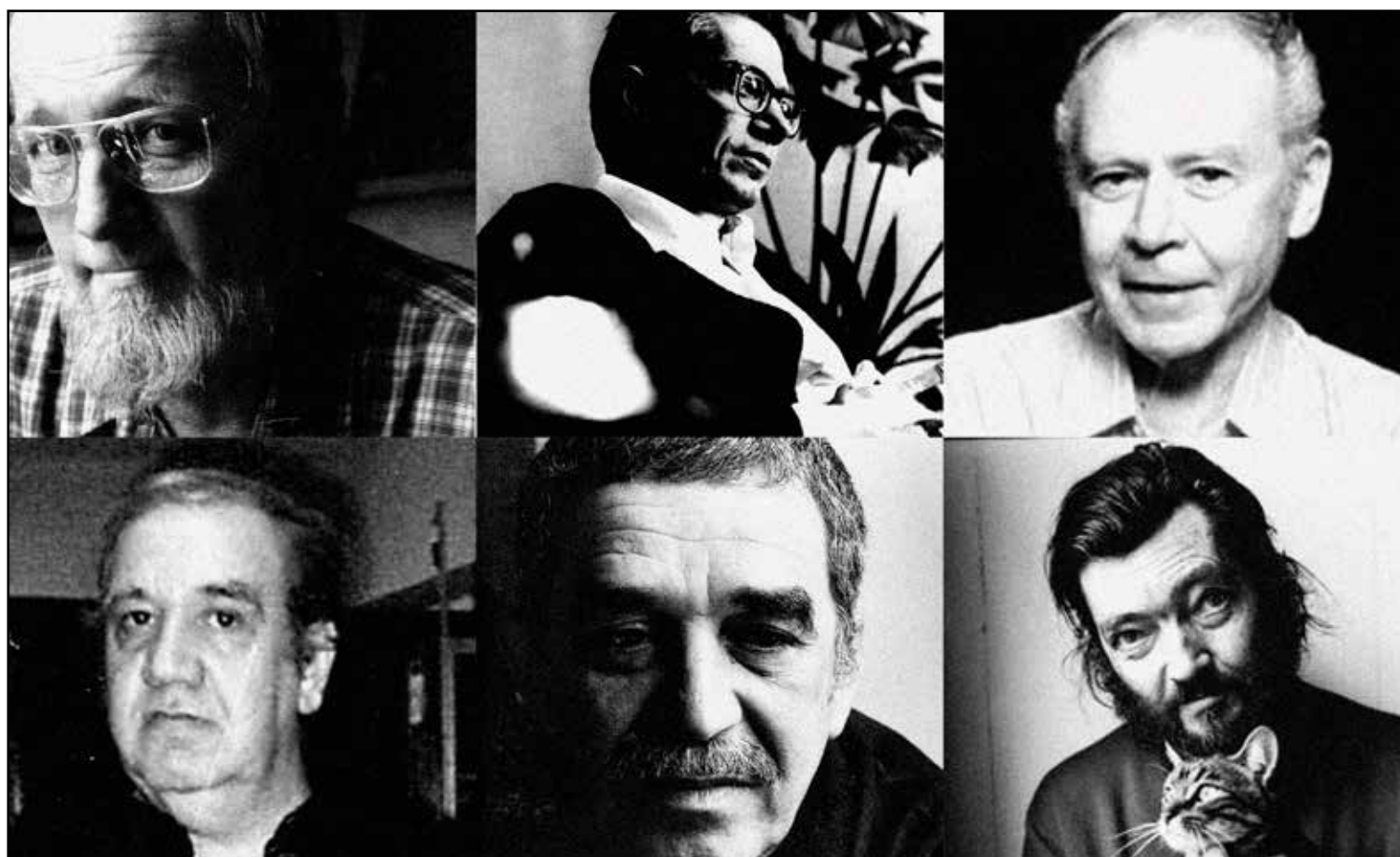
xxv GOUVÊA, Jaime Prado. Entrevista com Jaime Prado Gouvêa: inédito. 11 abr. 2009. Entrevista concedida a Viviane Monteiro Maroca.

xxvi VIEIRA, Luis Gonzaga. O conto atual II. Minas Gerais. Belo Horizonte: Secretaria de Cultura de Minas Gerais. *Suplemento Literário*, n. 211, 12 set. 1970b, p. 10.

xxvii WERNECK, Humberto. O desatino da rapaziada: Jornalistas e escritores de Minas Gerais. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. E SANT'ANNA, Sérgio. Entrevista com Sérgio Sant'Anna: inédito. 29 jul. 2008. Entrevista concedida a Viviane Monteiro Maroca.

|| CONTOS ||

Ao lado dos ficcionistas mineiros, o SLMG apresentou também aos seus leitores nomes de diversas partes do mundo que, mais tarde, representariam parte da melhor literatura publicada na segunda metade do século 20. García Márquez, Cortázar, Barthelme e tantos grandes escritores chegaram aos leitores brasileiros através das traduções feitas por gente como Laís Corrêa de Araújo, Sérgio Sant'Anna, Humberto Werneck e muitos outros. Escolhemos alguns deles para recordar, além de dois magistrais contistas brasileiros.



Em cima: Donald Barthelme, Dalton Trevisan, José J. Veiga. Embaixo: Dúlio Gomes, Gabriel García Márquez, Julio Cortázar

Balada do vampiro de Curitiba

CONTO DE DALTON TREVISAN

Por que Deus fez da mulher
o suspiro do moço
Sumidouro do velho?
Ai só de olhar eu morro
Se não quer
Por que exhibe as graças
Em vez de esconder?
Imagine então se
Não imagine arara bêbada
Pode que se encante com o bigodinho
Até lá enxugo os meus conhaques
Olha essa aí rebolando-se inteira
Ninguém diga sou taradinho
No fundo de cada filho de família
Dorme um vampiro
Muito sofredor ver moça bonita
E são tantas
Bem me fizeram o que sou
Oco de pau podre
Aqui floresce aranha cobra escorpião
Pudera sempre se enfeitando se pintando
Se adorando no espelhinho da bolsa
Não é para me deixarem assanhado?
Veja as filhas da cidade como elas crescem
Não atrapalham nem fiam
Bem que são gordinhas
Gênio do espelho existe em Curitiba
Alguém mais aflito que eu?
Não olhe cara feia
Não olhe que está perdido
Todo de preto meia preta
Repare na saia curta upa lá lá ao longe
Distrai-se repuxá-la no joelho da covinha
Ai ser a liga roxa
O sapatinho que alisa o pé
E sapato ser esmagado pela dona do pezinho
Na ponta da língua a mulher filtra o mel
Que embebeda o colibri alucina o vampiro
Não faça isso meu anjo
Pintada de ouro vestida de pluma pena arminho
Olhe suspenso a um palmo do chão
Tarde demais já vi a loirinha
Milharal ondulante ao peso das espigas maduras
Como não roer unha?
Por ti serei maior que o motociclista do Globo da Morte
Uma vergonha na minha idade
Lá vou atrás dela
Em menino era a gloriosa bandinha do Tiro Rio Branco
No braço não sente a baba do meu olho?

Se existe força do pensamento
Ali na nuca os sete beijos da paixão
Já vai longe
Na rosa não cheirou a cinza do coração de andorinha
Ó morcego ó andorinha ó mosca
Nossa mãe até as moscas instrumento do prazer
De quantas arranquei as asas?
Brado aos céus
Como não ter espinha na cara?
Eu vos desprezo virgens cruéis
Ó meninas mais lindas de Curitiba
Nem uma baixou sobre mim o olhar vesgo da luxúria
Calma Nelsinho Calma
Admirando os pirâmides marchadoras
De Quéops Quefrem Miquerinos
Quem se importa com o sangue de mil escravos?
Ai Jesus Cristinho socorro me salve
Triste rapaz na danação dos vinte anos
Carregar vidro de sanguessuga
Na hora do perigo aplicá-la na nuca?
Já o cego não vê a fumaça não fuma
Ó Deus enterra-me no olho a tua agulha de fogo
Não mais cão sarnento atacado de pulgas
Que dá voltas para morder o rabo
Em despedida
Ó curvas ó delícias
Concede-me essa ruivinha que ai vai
A doce boquinha suplicando beijo
Ventosa de lagarta de fogo é o beijinho da virgem
Você grita vinte e quatro horas
Estrebucha feliz
Tão bem feitas para serem acariciadas
Ratinho branco gato angorá porquinho-da-índia
Para onde você olha lá estão
Subindo e descendo a rua das flores
Cada uma cesta cheio de flores rua lavada de sol
Macieira em botão suspirosa de abelha
No brancinho nu a penugem dourada se arrepiando

Aos teus beijos soprados na brisa fagueira
Seguem a passo decidido
Estremecendo as bochechas rosadas
O aceno dos caracóis te pedindo a mordida no cangote
Ao bravo bamboleio da bundinha
Até as pedras batem palmas
Sei que não devo
Muito magro uma tosse feia
Assim não adianta o xarope de agrião
É tarde estou perdido
O relampo do sol no olho
Ao rufar dos tambores
No duplo salto mortal reviro pelo avesso
Sem tirar o pé do chão
Veja o peitinho manso da pomba
Dois gatinhos brancos bebendo leite no pires
Chego mais perto quem não quer nada
O que é prender na mão um pintassilgo?
Sou fraco Senhor
O biquinho do pintassilgo te pinica a palma
E sacode da nuca ao terceiro dedinho do pé esquerdo
Derretido de gozo
Uma cosquinha no céu da boca
Prestes a uivar
Entendo a mão agarro uma duas três mocinhas
Já faço em Curitiba um Carnaval de sangue
Ai de mim
Quem me acode
O soluço do pobre vampiro quem escuta?

Suplemento Literário

BELO HORIZONTE - SÁBADO, 30 DE MARÇO DE 1985
ANO XX - N.º 965 - 12 PÁGINAS - PREÇO: CR\$ 1000

FACULDADE DE LETRAS
BIBLIOTECA

Balada Do Vampiro De Curitiba

Dalton Trevisan

Por que Deus fez da mulher
O suspiro do moço
Sumidouro do velho?
Ai só de olhar eu morro
Se não quer
Por que exhibe as graças
Em vez de esconder?
Imagine então se
Não imagine arara bêbada
Pode que se encante com o bigodinho
Até lá enxugo os meus conhaques
Olha essa aí rebolando-se intelra
Ninguém diga sou taradinho
No fundo de cada filho de família
Dorme um vampiro
Muito sofredor ver moça bonita
E são tantas
Bem me fizeram o que sou
Oco de pau podre
Aqui floresce aranha cobra escorpião
Pudera sempre se enfeitando se pintando
Se adorando no espelhinho da bolsa
Não é para me deixarem assanhado?
Veja as filhas da cidade como elas crescem
Não trabalham nem fiam
Bem que estão gordinhas
Gênio do espelho existe em Curitiba
Alguém mais afilto que eu?
Não olhe cara feia
Não olhe que está perdido
Toda de preto mela preta
Repare na saia curta upa lá lá
Distra-se a repuxá-la no joelho da covinha
Ai ser a liga roxa
O sapatinho que alisa o pé
E sapato ser esmagado pela dona do pezinho
Na ponta da língua a mulher filtra o mel
Que embebeda o colibri alucina o vampiro
Não faça isso meu anjo
Pintada de ouro vestida de pluma pena arminho
Olhe suspenso a um palmo do chão
Tarde demais já vi a loirinha
Milharal ondulante ao peso das espigas maduras
Como não roer unha?
Por ti serei maior que o motociclista do Globo da Morte
Uma vergonha na minha idade
Lá vou atrás dela
Em menino era a gloriosa bandinha do Tiro Rio Branco
No braço não sente a baba do meu olho?
Se existe força do pensamento
Ali na nuca os sete beijos da paixão
Já vai longe
Na rosa não cheirou a cinza do coração de andorinha
Ó morcego ó andorinha ó mosca
Nossa mãe até as moscas instrumento do prazer
De quantas arranquei as asas?

Brado aos céus
Como não ter espinha na cara?
Eu vos desprezo virgens cruéis
Ó meninas mais lindas de Curitiba
Nem uma baixou sobre mim o olhar vesgo da luxúria
Calma Nelsinho Calma
Admirando as pirâmides marchadoras
De Quéóps Quefren Miquerinos
Quem se importa com o sangue de mil escravos?
Ai Jesus Cristinho socorro me salve
Triste rapaz na danação dos vinte anos
Carregar vidro de sanguessuga
Na hora do perigo aplicá-las na nuca?
Já o cego não vê a fumaça não fuma
Ó Deus enterra-me no olho a tua agulha de fogo
Não mais cão sarnento atacado de pulgas
Que dá voltas para morder o rabo
Em despedida
Ó curvas ó delícias
Concede-me essa ruivinha que aí vai
A doce boquinha suplicando beijo
Ventosa de lagarta de fogo é o beijinho da virgem
Você grita vinte e quatro horas
Estrebucha feliz
Tão bem feitas para serem acariciadas
Ratinho branco gato angorá porquinho-da-india
Para onde você olha lá estão
Subindo e descendo a rua das flores
Cada uma cesto chelo de flores rua lavada de sol
Macieira em botão suspirosa de abelha
No bracinho nu a penugem dourada se arrepiando
Aos teus beijos soprados na brisa fagueira
Seguem a passo decidido
Estremecendo as bochechas rosadas
O aceno dos caracóis te pedindo a mordida no cangote
Ao bravo bamboleio da bundinha
Até as pedras batem palmas
Sei que não devo
Muito magro uma tosse feia
Assim não adianta o xarope de agrião
É tarde estou perdido
O relampo do sol no olho
Ao rufar dos tambores
No duplo salto mortal reviro pelo avesso
Sem tirar o pé do chão
Veja o peitinho manso de pomba
Dois gatinhos brancos bebendo leite no pires
Chego mais perto quem não quer nada
O que é prender na mão um pintassilgo?
Sou fraco Senhor
O biquinho do pintassilgo te pinica a palma
E sacode da nuca ao terceiro dedinho do pé esquerdo
Derretido de gozo
Uma cosquinha no céu da boca
Prestes a uivar
Estendo a mão agarro uma duas três mocinhas
Já faço em Curitiba um Carnaval de sangue
Ai de mim
Quem me acode
O soluço do pobre vampiro quem escuta?

FACULDADE DE LETRAS - UFMG
BIBLIOTECA

A banda policial

CONTO DE DONALD BARTHELME

TRADUÇÃO E NOTA DE SÉRGIO SANT'ANNA E MARIZA WERNECK

Foi uma bela ideia do Departamento criar a Banda Policial. O impulso original, acredito, foi criativo e humanitário. Um modo de fazer melhor as coisas. Coisas desagradáveis e sangrentas impostas pelo cumprimento do dever. Mesmo que não tenha dado certo.

O Comissário (o velho Comissário, não o atual) nos trouxe pelo rio, desde Detroit. Onde o nosso grupo trabalhava no “Sho Bar”, duas noites por semana. E algumas vezes no “Glass Crutch”. Sextas e sábados. E o resto do tempo vasculhando as ruas, disfarçados em empregados do Correio. Escorraçados pelos cães e entupidos de correspondência de terceira classe.

Quais são os nossos deveres?, nós perguntamos na entrevista. A obrigação de vocês é tocar e tocar, disse o Comissário. Só isso. E nós admirávamos nossos uniformes azuis-marinhos, enquanto subíamos o rio, de canoa, como índios. Planejamos utilizar vocês em certas ocasiões — certas ocasiões tensas — para aliviar a tensão, disse o Comissário. Posso prever em grande êxito com esse novo método. E vocês tocariam “Entropy”. Ele era pálido, sofria do fígado.

Nós somos sutis, disse o Comissário, nunca se esqueçam disso. Sutileza é o que tem faltado até hoje em nossa conduta. Alguns, dos veteranos, disse o Comissário, a única linguagem que conhecem é a do cassete. Ele tirou uma pequena pílula de uma caixinha e engoliu-a junto com seu scotch.

Quando chegamos à cidade, vimos aqueles cartazes de recrutamento iguaizinhos a retratos de Steve Canyon e ficamos curiosos por saber se parecíamos com ele. Henry Wang, o homem do contrabaixo, parece um Steve Canyon chinês, certo? Os outros guardas, nossos novos companheiros, foram amigáveis, mas de um modo desconfiado. No entanto, eles gostaram de nos ouvir tocar.

A Banda Policial é uma unidade muito sensível, experimentada e tremendamente anti-comunista, cuja eficácia será demonstrada na ocasião

oportunista, disse o Comissário ao Prefeito (o antigo Prefeito). O Prefeito tirou uma pequena pílula de uma caixinha e disse: veremos. Ele podia adivinhar que éramos músicos porque estávamos segurando os instrumentos, certo? Esvaziando as válvulas de saliva e dando aquelas sacudidelas nos pistões. Ou entrando na nota ré com alguma mágica emoção roubada de uma outra vida.

A ideia do Comissário, basicamente, era que se houvesse algum distúrbio nas ruas da cidade — um grupo étnico atacando outro grupo étnico numa noite quente de agosto — a Banda Policial entraria em ação. O elegante ônibus verde-escuro da Banda chegando com suas sirenes e luzes vermelhas a faiscarem. Homens apressados, mas no ritmo, com seus chapéus brancos, saudando entusiasticamente. E a gente salta do veículo segurando os instrumentos na posição certa. Uma linha coesa enfrentando a multidão enfurecida. E tocar “Perdido”. A multidão é acometida por uma emoção inesperada. Espantados, eles escutam. Nossa emoção foi mais forte do que a deles. O triunfo da arte sobre o bom senso.

A ideia era essa. As idéias musicais do Comissário não eram lá muito interessantes, pois, afinal de contas, tratava-se de um policial, certo? Mas suas ideias policiais eram interessantes.

Nós ensaiamos uma porção de vezes. Empurrados para fora daquele ônibus bojudo, em terrenos baldios, segurando nossos instrumentos em posição de sentindo, como John Wayne. A gente já se sentindo o maior herói. Tocando “Perdido”, “Stumblin”, “Gin Song”, “Feebles”. Inundando a paisagem com um sentimento extraído de antigos amores frustrados, casamentos fracassados, narcóticos, penúria financeira. Algumas velhas senhoras surgindo nas janelas. Nossa sensibilidade penetrando em latas enferrujadas e pedaços de portas no terreno baldio.

Essa cidade é demais! A gente a caminhar pelas ruas, conversando sobre nossa técnica, enquanto se vê, com os próprios olhos, uma mulher na sarjeta praguejando para si mesma a respeito de não sei o quê. Um bêbado tentando estrangular um cachorro que alguém deixou amarrado

a um poste. O bêbado e o cachorro berrando um para o outro. Essa cidade é demais!

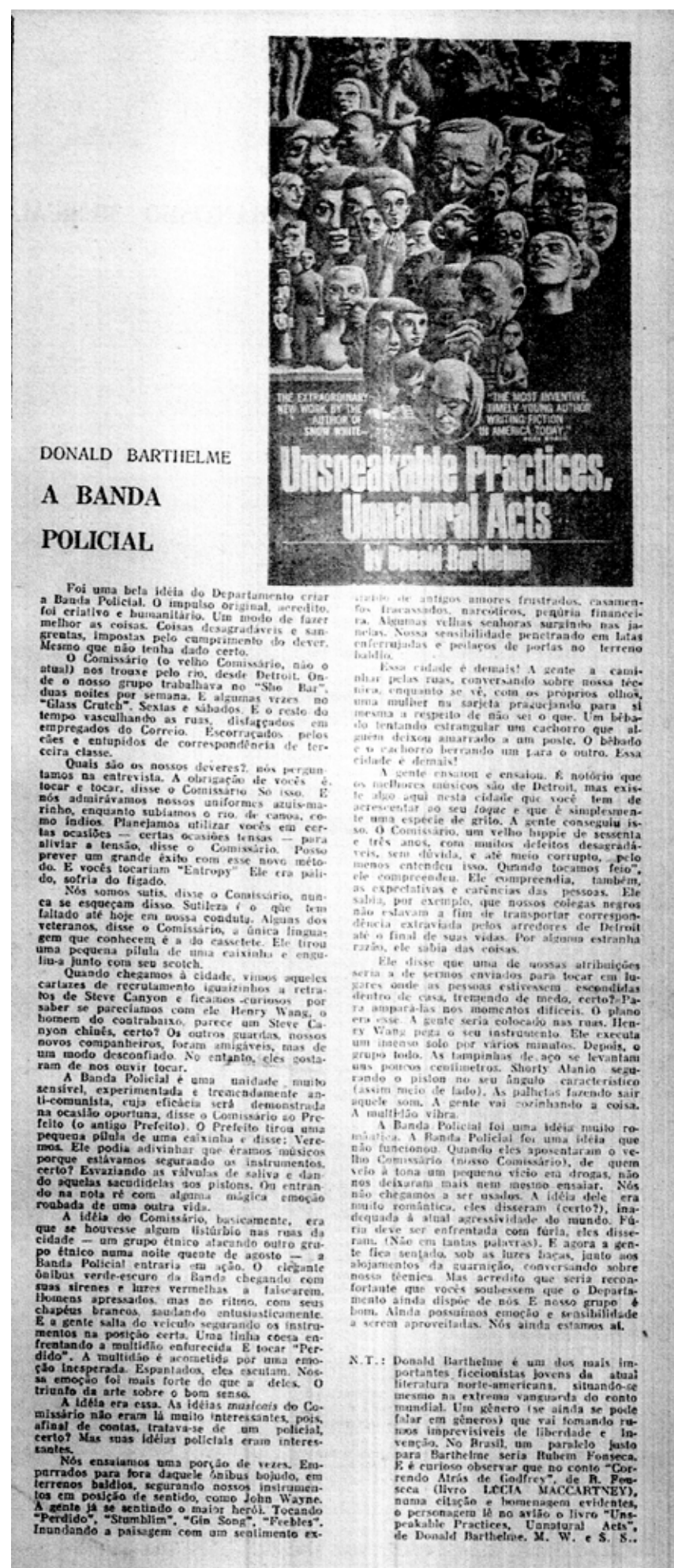
A gente ensaiou. É notório que os melhores músicos são de Detroit, mas existe algo aqui nesta cidade que você tem de acrescentar ao seu toque e que é simplesmente uma espécie de grito. A gente conseguiu isso. O Comissário, um velho hippie de sessenta e três anos, com muitos defeitos desagradáveis, sem dúvida, e até meio corrupto, pelo menos entendeu isso. Quando tocamos feio, ele compreendeu. Ele compreendia, também, as expectativas e carências das pessoas. Ele sabia, por exemplo, que nossos colegas negros não estavam a fim de transportar correspondência extraviada pelos arredores de Detroit até o final de suas vidas. Por alguma estranha razão, ele sabia das coisas.

Ele disse que uma de nossas atribuições seria a de sermos enviados para tocar em lugares onde as pessoas estivessem escondidas dentro de casa, tremendo de medo, certo? Para ampará-las nos momentos difíceis. O plano era esse. A gente seria colocado nas ruas. Henry Wang pega o seu instrumento. Ele executa um imenso solo por vários minutos. Depois, o grupo todo. As tampinhas de aço se levantam uns poucos centímetros. Shorly Alanio segurando o piston no seu ângulo característico (assim meio de lado). As palhetas fazendo sair aquele som. A gente vai cozinhando a coisa. A multidão vibra.

A Banda Policial foi uma ideia muito romântica. A Banda Policial foi uma ideia que não funcionou. Quando eles aposentaram o velho Comissário (nosso Comissário), de quem veio à tona um pequeno vício em drogas, não nos deixaram mais nem mesmo ensaiar. Nós não chegamos a ser usados. A ideia dele era muito romântica, eles disseram (certo?), inadequada à atual agressividade do mundo. Fúria deve ser enfrentada com fúria, eles disseram. (Não em tantas palavras). E agora a gente fica sentado, sob as luzes baças, junto aos alojamentos da guarnição, conversando sobre nossa técnica. Mas acredito que seria reconfortante que vocês soubessem que o Departamento ainda dispõe de nós. E nosso grupo é bom. Ainda possuímos emoção e sensibilidade a serem aproveitadas. Nós ainda estamos aí.

DONALD BARTHELME (1931-1989)

foi um dos mais importantes ficcionistas da atual literatura norte-americana, situando-se mesmo na extrema vanguarda do conto mundial. Um gênero (se ainda se pode falar em gêneros) que vai tomando rumos imprevisíveis de liberdade e invenção. No Brasil, um paralelo justo para Barthelme seria Rubem Fonseca. E é curioso observar que no conto "Correndo atrás de Godfrey", de Rubem Fonseca (livro *Lúcia McCartney*), numa citação e homenagem evidentes, o personagem lê no avião o livro *Unspeakable Practices, Unnatural Acts*, de Donald Barthelme. M.W. e S.S.



N.T.: Donald Barthelme é um dos mais importantes ficcionistas jovens da atual literatura norte-americana, situando-se mesmo na extrema vanguarda do conto mundial. Um gênero (se ainda se pode falar em gêneros) que vai tomando rumos imprevisíveis de liberdade e invenção. No Brasil, um paralelo justo para Barthelme seria Rubem Fonseca. E é curioso observar que no conto "Correndo atrás de Godfrey", de R. Fonseca (livro *LÚCIA MCCARTNEY*), numa citação e homenagem evidentes, o personagem lê no avião o livro "Unspeakable Practices, Unnatural Acts", de Donald Barthelme. M. W. e S. S.

PRIMAVERA HOLANDESA

CONTO DE DUÍLIO GOMES

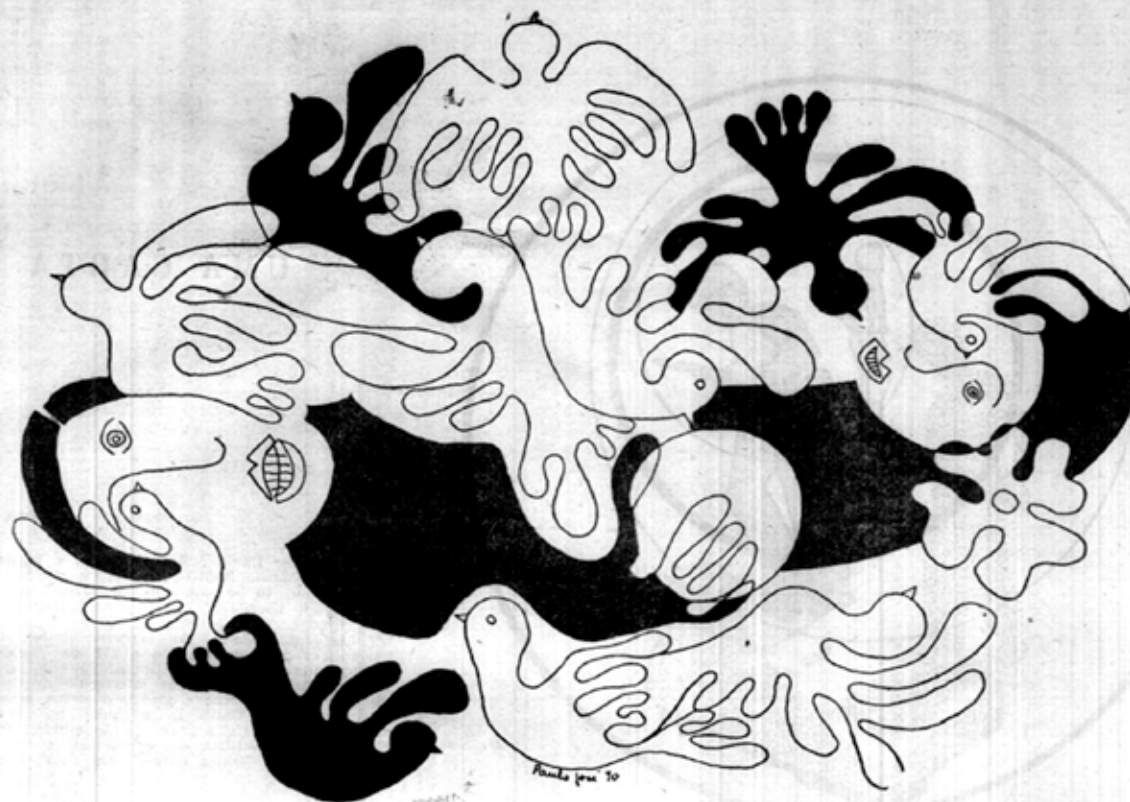
Quando ela abriu a porta deparou com aquele homem magro. Devia ter uns trinta e cinco anos de idade e trazia debaixo do braço uma grande caixa de papelão com furinhos nos seis lados. Falou que tinha os melhores canários da região e como a mulher dissesse que o marido não se encontrava em casa e que não lhes interessavam canários, ele insistiu, pedindo dois minutos de seu tempo. A mulher ainda falou que não lhe interessava absolutamente os melhores canários da região nem mesmo os melhores cenários do mundo mas como o homem tinha uma cara de muita fome e como ela era dona de quarenta minutos de folga até que o seu marido chegasse do trabalho para almoçar e como ainda os homens com fome sempre lhe provocavam o instinto de proteção, acedeu, abrindo a porta e recomendando que ele se sentasse na poltrona do centro da sala. Foi sentado na poltrona do centro, uma poltrona vermelha e muito macia que o homem sem olhar para a mulher, abriu com muito cuidado a tampa da caixa. De dentro dela saíram um mundo abafado de sons e uma leve poeira amarela. A mão do homem entrou de abertura da caixa e tirou de lá um canário. Era o mais belo canário que a mulher já vira em sua vida,

não um canário comum ou um canário acima do comum, esses que cantam metaticamente como se estivessem ligados no coração do dia ou são gordos e brilhantes, ou rotulados de canários-acima-do-comum. Era um canário diferente, uma coisa que à primeira vista dava impressão de açúcar na boca ou mar de espuma numa tarde de inverno. O canário fez com que voltasse à mulher toda a sua alegria anterior e como o homem continuasse com ele na mão ela pediu para tocá-lo. Tocando-o com os dedos indecisos, experimentou uma sensação de paz. Acabou por segurá-lo inteiro na mão, devolvendo-lhe pelas pontas dos dedos, a mágica eletricidade do seu milagre há pouco vislumbrado. O homem sorria para a mulher, já agora sem a cara de fome. Trazia um novo rosto, um rosto saciado. Gostei muito do seu jardim aí fora, falou o homem. Obrigada, falou ela. O homem: estamos na primavera, não é? Estamos. A primavera deste ano está igualzinha à primavera holandesa. O senhor conhece a Holanda? Não, mas já vi um quadro com a primavera holandesa. A mulher ficou coçando a cabecinha do pássaro. Intrigava-lhe um pontinho azul no olho esquerdo dele. Como já estavam calados durante algum tempo ela falou: que não tinha

dinheiro em casa mas que ele esperasse o marido – compraria uns seis. Os seis canários retirados da caixa. Foi quando a mulher, querendo ajudar, esbarrou no homem. A caixa caiu e de dentro dela saíram voando, um por um (apesar dos esforços dos dois pra impedir isso) todos os canários, cerca de cinquenta. O único ainda preso, o que estava nas mãos da mulher, acabou por soltar-se também, tão trêmulas estavam as mãos da mulher. Voavam por toda a casa, sem conseguir, entretanto, sair dela, já que as janelas e as portas estavam trancadas. Soltavam penugens e chocavam-se no ar: pousavam em vários lugares: geladeira, lustre, móveis, camas e radiolas. O homem e a mulher corriam, tentando apanhá-los. Não conseguiam. Aquilo era um novo jogo e, como crianças, riam e traziam os rostos corados de excitação. Ao tentar pegar três canários sobre uma cama, caíram nela. Exaustos, permaneceram deitados, a mulher de olhos fechados e respiração entrecortada, deitada de barriga para cima; o homem também resfolegante e de barriga pra baixo. Uma vez descansados, entreolharam-se. Um dos seios da mulher estava à mostra e o homem levou sua mão até ele. Em volta dos dois, a respiração de mil pássaros expectantes.

DUÍLIO GOMES (1944-2011)

foi um dos contistas revelados na Geração Suplemento. Dirigiu o SLMG em meados dos anos 80.



CONTO 7 DUILIO GOMES

PRIMAVERA HOLANDESA

Quando ela abriu a porta deparou com aquele homem magro. Devia ter uns trinta e cinco anos de idade e trazia debaixo do braço uma grande caixa de papéis com furinhos nos seis lados. Falou que tinha os melhores canários da região e como a mulher dissesse que o marido não se encontrava em casa e que não lhes interessavam canários, ele insistiu, pedindo dois minutos do seu tempo. A mulher ainda falou que não lhe interessava absolutamente os melhores canários da região nem mesmo os melhores canários do mundo mas como o homem tinha uma cara de muita fome e como ela era dona de quarenta minutos de folga até que o seu marido chegasse do trabalho para almoçar e como ainda os homens com fome sempre lhe provocavam o instinto de proteção, acedeu, abrindo a porta e recomendando que ele se sentasse na poltrona do centro da sala. Foi sentado na poltrona do centro, numa poltrona vermelha e muito macia, que o homem, sem olhar para a mulher, abriu com muito cuidado a tampa da caixa. De dentro dela saíram um mundo abafado de sons e uma leve poeira amarela. A mão do homem entrou na abertura da caixa e tirou de lá um canário. Era o mais belo canário que a mulher já vira em sua vida, não um canário comum ou um

canário acima do comum, esses que cantam melancolicamente como se estivessem ligados no coração do dia ou são gordos e brilhantes, os rotulados de canários-acima-do-comum. Era um canário diferente, uma coisa que à primeira vista dava impressão de açúcar na boca ou mar de espuma numa tarde de inverno. O canário fez com que voltasse à mulher toda a sua alegria anterior e como o homem continuasse com ele na mão ela pediu para tocá-lo. Tocando-o com os dedos indecisos, experimentou uma sensação de paz. Acabou por segurá-lo inteiro na mão, envolvendo-lhe, pelas pontas dos dedos, a mágica electricidade do seu milagre há pouco vislumbado. O homem sorria para a mulher, já agora sem a cara de fome. Trazia um novo rosto, um rosto saciado. *Gostei muito do seu jardim aí fora,* falou o homem. Obrigada, falou ela. O homem: *estamos na primavera, não é?* Estamos. *A primavera deste ano está igualzinha à primavera holandesa.* O senhor conhece a Holanda? Não, mas já vi um quadro com a primavera holandesa. A mulher ficou coçando a cabeceira do pássaro. Intrigava-lhe um pontinho azul no olho esquerdo dele. Como já estavam calados durante algum tempo ela falou: que não tinha dinheiro em ca-

sa mas que ele esperasse o marido — compraria uns seis. Os seis canários foram retirados da caixa. Foi quando a mulher, querendo ajudar, esbarrou no homem. A caixa caiu e de dentro dela saíram voando, um por um (apesar dos esforços dos dois para impedir isso) todos os canários, cerca de cinquenta. O único ainda preso, o que estava nas mãos da mulher, acabou por soltar-se também, tão trêmulo estavam as mãos da mulher. Voavam por toda a casa, sem conseguir, entretanto, sair dela, já que as janelas e as portas estavam trancadas. Soltavam penugens e chocavam-se no ar; pousavam em vários lugares: geladeira, lustre, móveis, camas e radiolas. O homem e a mulher corriam, tentando apanhá-los. Não conseguiam. Aquilo era um novo jogo e, como crianças, riam e traziam os rostos corados de excitação. Ao tentar pegar três canários sobre uma cama, caíram nela. Exaustos, permaneceram deitados, a mulher de olhos fechados e respiração entrecortada, deitada de barriga para cima; o homem também resfolegante e de barriga para baixo. Uma vez descansados, entreolharam-se. Um dos seios da mulher estava à mostra e o homem levou sua mão até ele. Em volta dos dois, a respiração de mil pássaros expectantes.

MINAS GERAIS

**suplemento
literário**

 BELO HORIZONTE — SÁBADO, 5 DE DEZEMBRO DE 1970
 Av. Augusto de Lima, 270 — ANO V — N. 223 — Preço Cr\$ 0,20

A JAUULA

CONTO DE JAVIER VILLAFANE

TRADUÇÃO DE CARLOS ROBERTO PELLEGRINO

Nasceu com cara de pássaro. Tinha olhos de pássaro, nariz de pássaro. Quando a mãe saiu do hospital, envolveu-a em uma manta e cobriu-lhe o rosto.

- Menina? – perguntaram as vizinhas.

- Sim, menina – respondia a mãe.

E mostrava a recém-nascida envolta na manta da cabeça até os joelhos. Só se viam as pernas, e uns sapatinhos cor-de-rosa.

- Benza-a Deus, senhora.

- Obrigado.

Quando a menina foi à escola, as companheiras chamaram-na de A garça. Uma vez, no recreio, disseram-lhe:

- Voa.

E ela chorou.

Nasceu com cara de pássaro. Tinha olhos de pássaro, nariz de pássaro. A mãe, quando saiu do hospital, envolveu-o em uma manta e cobriu-lhe o rosto.

- Menino? – Perguntaram as vizinhas.

- Sim, menino – respondia a mãe.

E mostrava o recém-nascido envolto na manta da cabeça até os joelhos. Só se viam as pernas e uns sapatinhos azuis.

- Benza-o Deus, senhora.

- Obrigado.

Quando o menino foi à escola, os companheiros chamaram-no O Corvo. Uma vez, no recreio, disseram-lhe:

Voa.

Ele apertou os punhos e chorou.

Nem ela nem ele voltaram a se olhar em um espelho.

Olhavam na parede quando tinham que pentear-se.

Ela não saía de casa. Ajudava o pai a fazer pão.

Uma vez ela foi a um baile de carnaval disfarçada de Colombina; calçava sapatos rasos e uma máscara branca. Ele foi ao mesmo baile

disfarçado de Pierrot; calçava sapatos de verniz e uma máscara negra.

Pierrot dançou com colombina. Colombina sentiu-se a mão do Pierrot que lhe acariciava o colo. Pierrot sentiu a mão da Colombina que lhe apertava a mão. Colombina e Pierrot saíram do baile de braços dados. Nenhum dos dois se animava a tirar a máscara. Ouviam a música da orquestra. Acariciavam-se as mãos. Ela foi mais valente; tirou a máscara e disse:

— Esta é a minha cara.

Ele tirou a máscara e disse:

— Esta é a minha cara.

E se olharam durante muito tempo, depois beijaram-se. Voltaram a colocar as máscaras e continuaram a dançar.

Um mês depois casaram se. Nove meses depois tiveram um filho.

Ele chegou em casa com uma jaula.

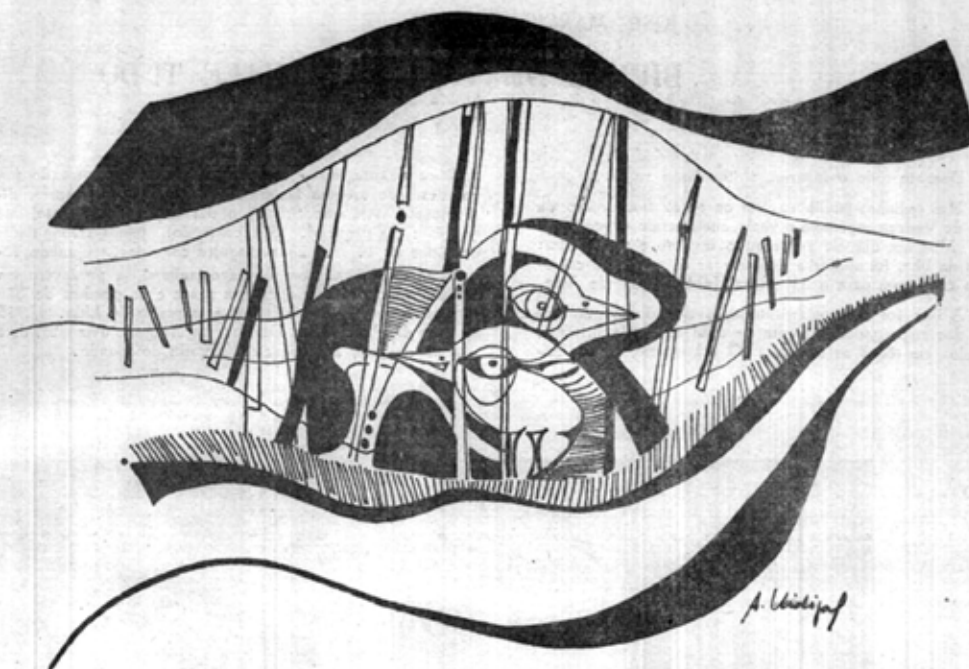
— O que é isso? – perguntou ela.

— O berço – respondeu ele.

Ela entrou na jaula com o filho nos braços. Depois ele entrou e fechou a porta. Os três permaneceram na jaula e foram muito felizes. Cantavam e se abraçavam com as asas.

JAVIER VILLAFANE (1909-1996)

argentino de Buenos Aires, era contista, poeta e titereiro.



CONTO / JAVIER VILLAPANE

A JAULA

Nasceu com cara de pássaro. Tinha olhos de pássaro, nariz de pássaro. Quando a mãe saiu do hospital, envolveu-a em uma manta e cobriu-lhe o rosto.

— Menina? — perguntaram as vizinhas.
— Sim, menina — respondia a mãe.

E mostrava a recém-nascida envolta na manta da cabeça até os joelhos. Só se viam as pernas e uns sapatinhos cor-de-rosa.

— Benza-a Deus, senhora.

— Obrigado.

Quando a menina foi à escola, as companheiras chamaram-na de *A Garça*. Uma vez, no recreio, disseram-lhe:

— Vêa.

E ela chorou.

Nasceu com cara de pássaro. Tinha olhos de pássaro, nariz de pássaro. A mãe, quando saiu do hospital, envolveu-a em uma manta e cobriu-lhe o rosto.

— Menino? — perguntaram as vizinhas.
— Sim, menino — respondia a mãe.

E mostrava o recém-nascido envolto na manta da cabeça até os joelhos. Só se viam as pernas e uns sapatinhos azuis.

— Benza-o Deus, senhora.

— Obrigado.

Quando o menino foi à escola, os companheiros chamaram-no *O Corvo*. Uma vez, no recreio, disseram-lhe:

— Vêa.

Ele apertou os punhos e chorou.

Nem ela nem ele voltaram a se olhar em um espelho.

Olhavam na parede quando tinham que pentear-se.

Ela não saía de casa. Ajudava o pai a fazer pão.

Uma vez ela foi a um baile de carnaval disfarçada de Colombina; calçava sapatos rasos e uma máscara branca. Ele foi ao mesmo baile disfarçado de Pierrot; calçava sapatos de verniz e uma máscara negra.

Pierrot dançou com Colombina. Colombina sentiu a mão do Pierrot que lhe acariciava o colo. Pierrot sentiu a mão da Colombina que lhe apertava a mão. Colombina e Pierrot saíram do baile de braços dados. Nenhum dos dois se animava a tirar a máscara. Ouviam a música da orquestra. Acariciavam-se as mãos. Ela foi mais valente; tirou a máscara e disse:

— Esta é a minha cara.

Ele tirou a máscara e disse:

— Esta é a minha cara.

E se olharam durante muito tempo, depois beijaram-se. Voltaram a colocar as máscaras e continuaram a dançar.

Um mês depois casaram-se. Nove meses depois tiveram um filho.

Ele chegou em casa com uma jaula.

— O que é isso? — perguntou ela.

— O berço — respondeu ele.

Ela entrou na jaula com o filho nos braços. Depois ele entrou e fechou a porta. Os três permaneceram na jaula e foram muito felizes. Cantavam e se abraçavam com as asas.

La Jaula, Monte Avila Ed. Venezuela —
Trad. Carlos Roberto Pellegrino.

MINAS GERAIS

**suplemento
literário**

BELO HORIZONTE — SABADO, 5 DE SETEMBRO DE 1970
Av. Augusto de Lima, 270 — ANO V — N° 210 — Preço: Cr\$ 0,20

PROPRIEDADES DE UM SOFÁ

CONTO DE JULIO CORTÁZAR

TRADUÇÃO DE LAÍS CORRÊA DE ARAÚJO

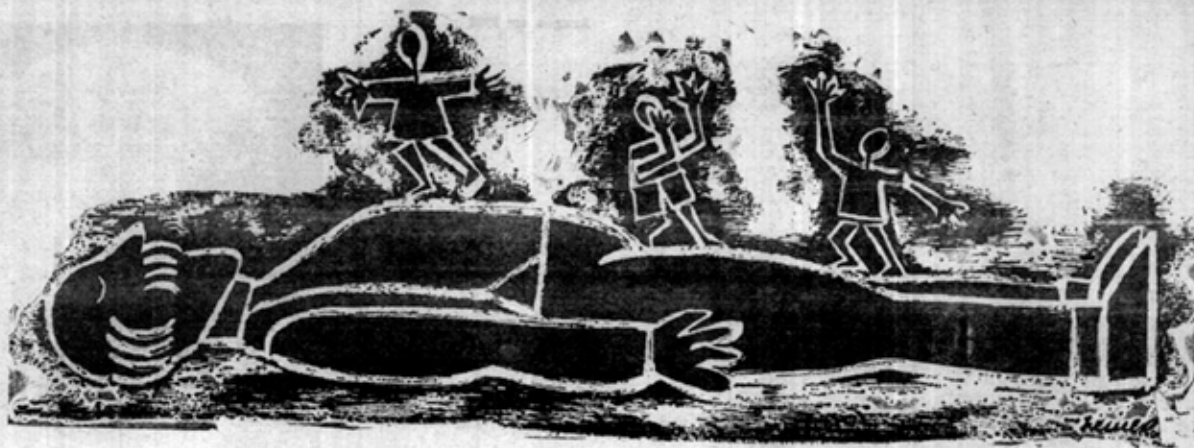
Na casa de Jacinto há um sofá para morrer. Quando a gente fica velha, um dia a convidam a sentar-se no sofá que é um sofá como todo encosto. A pessoa convidada suspira, move um pouco as mãos como se quisesse recusar o convite, e depois vai sentar-se no sofá e morre.

As crianças, sempre travessas, se divertem em enganar as visitas na ausência da mãe e as convidam a sentar-se no sofá. Como as visitas estão informadas mas sabem que não devem falar nisso, olham para as crianças com grande confusão e se desculpam com palavras que nunca se empregam quando se fala com crianças, coisas que a estas diverte extraordinariamente. Enfim, as visitas usam qualquer pretexto para não se assentarem, porém mais tarde a mãe percebe o que aconteceu, e na hora de deitar, há surras terríveis. Nem por isto se emendam, de quando em quando, conseguem enganar a alguma visita ingênua e a fazem sentar-se no sofá. Nestes, casos, os pais disfarçam, pois temem que os vizinhos fiquem sabendo das propriedades do sofá e venham pedi-lo emprestado para fazer sentar uma ou outra pessoa de sua família ou de sua amizade. Nesse ínterim, as crianças, vão crescendo e chega um dia em que sem saber por quê deixam de interessar-se pelo sofá e pelas visitas. Até entrar na sala, fazem um rodeio pelo pátio e os pais que já estão muito velhos fecham com chave a porta da sala e observam atentamente os seus filhos, como se quisessem ler no seu pensamento. Os filhos desviam a vista, e dizem que é hora de comer ou de deitar. De manhã, o pai se levanta antes de todos e vai sempre olhar se a porta da sala continua fechada com chave, ou se algum dos filhos não a terá aberto para que se veja o sofá da sala-de-jantar, porque a estrelinha de praia brilha até na escuridão e pode ser vista perfeitamente de qualquer parte da sala de jantar.

JULIO CORTÁZAR (1914-1984)

argentino nascido na Bélgica, foi um dos maiores expoentes do boom latino-americano da literatura.

Publicado no SL nº 128, de 8/2/1969



PROPRIEDADES DE UM SOFÁ

Julio Cortázar

Na casa de Jacinto há um sofá para morrer. Quando a gente fica velha, um dia a convidam a sentar-se no sofá que é um sofá como todos, mas com uma estrelinha prateada no centro do encosto. A pessoa convidada suspira, move um pouco as mãos como se quisesse recusar o convite, e depois vai sentar-se no sofá e morre.

As crianças, sempre travessas, se divertem em enganar as visitas na ausência da mãe e as convidam a sentar-se no sofá. Como as visitas estão informadas, mas sabem que não devem falar nisso, olham para as crianças com grande confusão e se desculparam com palavras que nunca se empregam quando se fala com crianças, coisas

que a estas diverte extraordinariamente. Enfim, as visitas usam qualquer pretexto para não se sentarem, porém mais tarde a mãe percebe o que aconteceu e na hora de deitar há surras terríveis. Nem por isto se emendam, de quando em quando conseguem enganar a alguma visita ingênua e a fazem sentar-se no sofá. Nestes casos, os pais disfarçam, pois temem que os vizinhos fiquem sabendo das propriedades do sofá e venham pedir emprestado para fazer sentar uma ou outra pessoa de sua família ou de sua amizade. Nesse interim, as crianças vão crescendo e chega um dia em que sem saber por quê deixam de interessar-se pelo sofá e pelas visitas. Até evitam entrar

na sala, fazem um rodeio pelo pátio, e os pais que já estão muito velhos fecham com chave a porta da sala e observam atentamente os seus filhos, como se quisessem ler no seu pensamento. Os filhos desviam a vista, e dizem que é hora de comer ou de deitar. De manhã, o pai se levanta antes de todos e vai sempre olhar se a porta da sala continua fechada com chave, ou se algum dos filhos não a terá aberto para que se veja o sofá da sala-de-jantar, porque a estrelinha de prata brilha até na escuridão e pode ser vista perfeitamente de qualquer parte da sala-de-jantar.

(Tradução de L.C.A.)

O SURREALISMO, O QUE FOI, COMO É VISTO HOJE

Depoimentos de um amigo de André Breton e de escritores da atualidade, sobre o movimento que abriu caminho para a poesia e a prosa modernas.

André Breton, sentado no terraço de um café, discutindo literatura com os membros do grupo surrealista: eis um quadro lendário. Georges Heinein, que fez parte do grupo, narra aqui as suas recordações do "papa do surrealismo".

Quando eu tinha vinte anos, era muito menos tímido que hoje. Achava que era a idade ideal para ir bater à porta de André Breton, a quem escrevera algumas cartas em belo estilo "espartaquista" e de quem conhecia apenas as obras e o endereço.

Ele estava sozinho, junto ao berço de sua filha Aube. Sua mulher acabara de abandoná-lo, deixando-o preso aos problemas domésticos, atividade em que demonstrava uma natural falta de jeito. Era o naufrago na ilha deserta, e eu me sentia extremamente embaraçado para falar-lhe dos assuntos cuja lista estabelecera mentalmente, e que tinham muito pouca relação com a obrigação de trocar as frialdades do bebê. "Venha ao café, disse-me ele, onde você encontrará os membros do grupo". E compreendi, naquele momento, a importância da palavra "café", lugar de comunhão e de ilusão.

No café da Place Blanche, no calor de seu próprio ambiente, Breton assumia outro aspecto. Esculpia para si uma cabeça, a de tribuno que só poderia governar sonhos, nunca os seres diurnos. Melhor que ninguém ele sentia existir um lado disponível na vida das pessoas, uma abertura que a sociedade ainda não ocupava e que

exigia o luxo agressivo da poesia. Quando pedia o seu "Oxy grand verre", poderia, com a mesma voz de Doge, encomendar uma aurora boreal ou uma floresta petrificada: o garção lhas encontraria.

Disponível apesar de todas as recusas, Breton empenhou-se desesperadamente em embelezar o mundo. A revolução para ele não era um partido, mas uma aposta. Uma mulher que atravessava a multidão, parecendo procurar alguém com o olhar perdido, transformava-se numa aparição, numa fada, *Méliniste* despojada de espelho e visível ao olhar louco. Contra o incurável atraso das palavras, sempre para trás de nós, interrogava o acaso. Não duvidava de que esse procedimento intuitivo seria dentro em pouco o da ciência nova que, no esquecimento voluntário das regras ainda recentes, se dirige amorosamente para a exceção desorientadora. No entanto, no que tinha de melhor, e a despeito de suas declarações peremptórias de modernidade, Breton não era um homem de seu tempo. Os mitos filosóficos atuais da alienação e da incomunicabilidade eram-lhe perfeitamente estranhos. Ele não acreditava que os seres fossem separados: pelo menos, não o eram pela multiplicidade babeliana das línguas, mas antes pela falsa uniformidade da linguagem. Compreendi nesse momento que Breton situava em plena Idade Média o erro de manobra que fez desarrilhar a humanidade, imputando-o à famosa "Querela dos Universais", e às suas consequências desastrosas.

O que se considerava ênfase na personalidade

MINAS GERAIS

suplemento literário

BELO HORIZONTE — SÁBADO, 8 DE FEVEREIRO DE 1969
Av. Augusto de Lima, 270 — Ano IV — Nº 128 — Preço NC\$ 0,20

de de André Breton, era, na realidade, um aspecto de infância; de uma extraordinária infância poética irritada contra a palavra comum, em que só via a escola de um exílio desumano.

A palavra, o discurso, eram para ele uma moral da descoberta, isto é, do prazer. Assim como Charles Fourier, que ele admirava por ter esperado diariamente, em hora marcada, num banco da Praça Clichy, que um desconhecido o viesse convidar para organizar a colheita das cerejas, Breton não se cansava de esperar que se lhe propusessem palavras evadidas de suas jaulas.

Com ele, estávamos sempre na expectativa das curiosidades imprevistas e as migalhas de suas descobertas eram divididas entre nós como o espólio da noite entre gatunos.

Lembro-me de uma carta-pneumática, pela qual Breton nos chamava com urgência à sua casa, na rua Fontaine 42, para discutir um assunto importante, mas indefinido. Comparei em companhia de meu amigo Nicolas Calas — seu nome completo era Calamaris — mas, nós do grupo o chamávamos "Aiglon", porque tinha uma espécie de elegância revolucionária arrogante que o fazia o presuntivo herdeiro do patrimônio surrealista. Estávamos em 1938: alguns meses mais tarde Calas publicava, nas edições Denoël, uma miscelânea de idéias altamente combustíveis sob o título de "*Foyers d'incendie*". Melhor informado que eu, perguntou-me, entre duas estações do metrô: "Leu o último livro de Alphonse Chateaubriand, *La gerbe des forces*?" Eu não havia lido;

O PERCEVEJO

MURILO MENDES

No meu tempo juiz-forano o vampiro percevejo perseguia-nos poderoso invisível irritante até o íntimo. A noite, solerte, atacava-nos perfurando-nos o sonho, perturbando a paz das famílias; causa até de choques de nervos. O percevejo vai e volta, sinuoso, sem que se consiga situá-lo, escapa ao olhar e ao tato mais finos, segundo outrora. André Gide em Les Caves Du Vatican. O destino do percevejo é o do advocatus diaboli: nunca adere às razões de outrem. Autolegislativo. autoexecutivo, tem sempre aceso o ferrão implacável.



Às vezes ameaçados por uma esquadrilha de percevejos procedia-se à queima de colchões no terreiro da casa paterna. Vendo levantar-se os olhos agudos do fogo, meninissimamente sentia-se vingado e aliviado. Era aquele um rito de purgação em que o instinto de defesa nivelava maiores e menores. Somente anulável pelas chamas, o poder deste bicho vivaldino, tão sensível que está sendo agora usado como arma para localizar o adversário nesta absurda guerra do Vietnam.



Naquele tempo habituei-me a opor o elefante ao percevejo: maravilhava-me dos caprichos da natureza criando entes minúsculos dotados de poder bélico, e outros entes enormes, inofensivos. Quando soube que o elefante pode também ofender e destruir, mudou para mim a face da terra; dissolveram-se as fronteiras do bem e do mal. O elíptico percevejo que não vejo, e o abundante elefante visibilíssimo babalaô formavam assim os primeiros dados de um sistema que fui desenvolvendo pela vida fora.



O terrível percevejo, este micronapalm.

MURILO MENDES

O PERCEVEJO

No meu tempo juiz-forano o vampiro percevejo perseguia-nos poderoso invisível irritante até o íntimo. A noite, solerte, atacava-nos perfurando-nos o sonho, perturbando a paz das famílias; causa até de choques de nervos. O percevejo vai e volta, sinuoso, sem que se consiga situá-lo, escapa ao olhar e ao tato mais finos, segundo outrora André Gide em *Les Caves du Vatican*. O destino do percevejo é o do *advocatus diaboli*: nunca adere às razões de outrem. Autolegislativo, autoexecutivo, tem sempre aceso o ferrão implacável.

—o0o—

As vezes ameaçados por uma esquadilha de percevejos procedia-se à queima de colchões no terreiro da casa paterna. Vendo levantar-se os olhos agudos do fogo, meninissimamente sentia-se vingado e aliviado. Era aquele um rito de purgação em que o instinto de defesa nivelava maiores e menores. Somente anulável pelas chamas, o poder deste bicho vivaldino, tão sensível que está sendo agora usado como arma para localizar o adversário nesta absurda guerra do Vietnã.

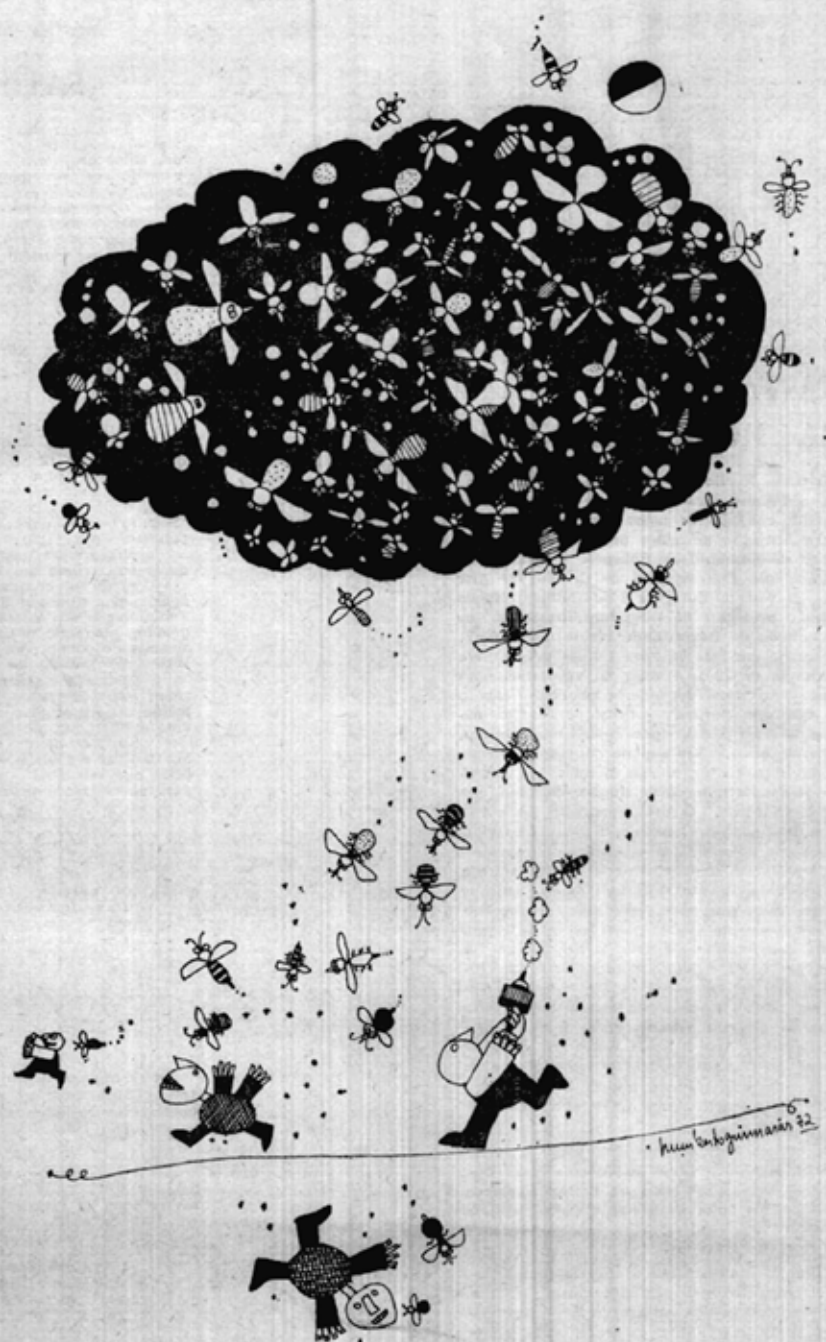
—o0o—

Naquele tempo habituei-me a opor o elefante ao percevejo: maravilhava-me dos caprichos da natureza criando entes minúsculos dotados de poder bélico, e outros entes enormes, inofensivos. Quando soube que o elefante pode também ofender e destruir, mudou para mim a face da terra; dissolveram-se as fronteiras do bem e do mal. O elíptico percevejo que não vejo, e o abundante elefante visibilíssimo babalão formavam assim os primeiros dados de um sistema que fui desenvolvendo pela vida fora.

—o0o—

O terrível percevejo, este micronapalm.

(Do livro inédito «Poliedro»)



MINAS GERAIS

**suplemento
literário**

Av. Augusto de Lima, 270 — ANO VII — N.º 288 — Preço: Cr\$ 0,20
BELO HORIZONTE — SABADO, 4 DE MARÇO DE 1972

Monólogo

CONTO DE WOLFGANG KOERNER

TRADUÇÃO E NOTA DE MAURÍCIO FERNANDES DE CASTRO

Aqui estou eu, sentado diante de minha máquina de escrever azul, que mergulhei em tinta a óleo, meu quarto ainda cheirando depois do banho de tina, minhas visitas com dor de cabeça. Ninguém atrás de mim, empunhando revólveres e facas, há muito perdi qualquer desejo de instruir, tampouco recebi qualquer carta que me exigisse alguma coisa, faço meu trabalho não por amor a uma ou mais pessoas, talvez escreva apenas porque não tenho mais nada para fazer. Tenho uma raquete de tênis usada e muitos livros, e uma difícil profissão. Aliás, o que eu queria mesmo era escrever sobre touradas, mas não conheço a Espanha e na França os touros têm o direito de sobreviver. Só conheço mesmo Picasso e Hemingway. Conheci Picasso no museu, cumprimentei-o, mas ele não me viu e simplesmente continuou caminhando. Já com Hemingway foi diferente. Um dia, uma segunda-feira, passava eu de trem a cavalo pelo centro da Bavária. Hemingway estava de pé no caminho e pediu um cigarro, pediu também uma carona para Munique, como ainda havia lugar no trem fomos juntos, mas Hemingway pouco falou. Aguardei correspondência a tarde toda, meu carteiro é bonzinho e nunca me nega nada. Participa em corridas de bicicleta, diz ele, o que para as entregas do correio é um bom treino. Minha faxineira, ao limpar meu quarto, descobre por acaso as coisas mais estranhas. Se a dona da pensão soubesse, diz ela, o senhor seria despejado. A senhora conhece bem a situação anormal em que se encontra esta cidade, respondo eu. A dona da casa onde moro é meio surda, trabalha como secretária num hospital de loucos e paralíticos, tem folga às sextas. Moro no primeiro andar, logo abaixo há uma tabacaria e uma quitanda. A verdureira me dá grapefruit, salada sérvia e pedaços de aipo. Ela é viúva, seu marido ficou num cemitério na Alsácia, e ela o visita duas vezes por ano, quando vai a Paris. Conheço também outras viúvas, cujos maridos jazem parte em Stalingrado, parte nos Bálcãs. No verão, vou para a beira-mar, no Wannsee, uma vez por mês escrevo uma carta para perto do Stuttgart. Escrevendo, falo muita mentira.

WOLFGANG KOERNER

foi um dos responsáveis pela nova orientação vanguardista ocorrida na moderna literatura alemã nos anos 60. O autor nasceu em 1941 e vive em Berlim Ocidental.

JOSÉ PEDRO MENDES BARROS-PE.
COLEGIO ARQUIDIOCESANO
RUA DAS CABEÇAS,
33.400--OURO PRETO-MG.

PORTE PAGO
DR/MG
ISR-73-204/81

MONÓLOGO

conto de Wolfgang Koerner

Aqui estou eu, sentado diante de minha máquina de escrever azul, que mergulhei em tinta a óleo, meu quarto ainda cheirando depois do banho de tinta, minhas visitas com dor de cabeça. Ninguém atrás de mim, empunhando revólveres e facas, há muito perdi qualquer desejo de me instruir, tampouco recebi qualquer carta que me exigisse alguma coisa, faço meu trabalho não por amor a uma ou mais pessoas, talvez escreva apenas porque não tenho mais nada para fazer. Tenho uma raquete de tênis usada e muitos livros, e uma difícil profissão. Aliás, o que eu queria mesmo era escrever sobre touradas, mas não conheço a Espanha e na França os touros têm o direito de sobreviver. Só conheço mesmo Picasso e Hemingway. Conheci Picasso no museu, cumprimentei-o, mas ele não me viu e simplesmente continuou caminhando. Já com Hemingway foi diferente. Um dia, uma segunda-feira, passava eu de trenó a cavalo pelo centro da Bavária. Hemingway estava de pé no caminho e pediu um cigarro, pediu também uma carona para Munique, como ainda havia lugar no trenó fomos juntos, mas Hemingway pouco falou. Aguardei correspondência a tarde toda, meu carteiro é bonzinho e nunca me nega nada. Participa em corridas de bicicleta, diz ele, o que para as entregas do correio é um bom treino. Minha faxineira, ao limpar meu quarto, descobre por acaso as coisas mais estranhas. Se a dona da pensão soubesse, diz ela, o senhor seria despejado. A senhora conhece bem a situação anormal em que se encontra esta cidade, respondo eu. A dona da casa onde moro é meio surda, trabalha como secretária num hospital de loucos e paralíticos, tem folga às sextas. Moro no primeiro andar, logo abaixo há uma tabacaria e uma quitanda. A verdureira me dá grapefruit, salada sérvia e pedaços de aipo. Ela é viúva, seu marido ficou num cemitério na Alsácia, e ela o visita duas vezes por ano, quando vai a Paris. Conheço também outras viúvas, cujos maridos jazem parte em Stalingrado, parte nos Balcãs. No verão, vou para a beira-mar, no Wannsee, uma vez por mês escrevo uma carta para perto de Stuttgart. Escrevendo, falo muita mentira.



Juntamente com Jürgen Eicke e Ror Wolf, Wolfgang Koerner foi responsável pela nova orientação vanguardista ocorrida na moderna literatura alemã nos anos 60. O autor nasceu em 1941 e vive em Berlim Ocidental. Seus escritos são inspirados pelo modelo "com o ato de escrever, minto freqüentemente", consistindo em fantasias que denunciam o grotesco de nossa realidade social concreta. Koerner penetra no âmago das possibilidades, mistura a mentira com a fantasia, o irônico com o irreal, a experiência com a

aventura, sintetizando tudo em forma de sonhos e desejos realizados no papel e nos devaneios do leitor. O autor conduz ludicamente situações e pessoas, coisas e casos, caleidoscopicamente construídos a partir de seu cotidiano que assim se torna fantástico e atraente, como um "aventureiro de poltrona" que decidisse levantar-se e enfrentar o mundo lá fora. (Tradução e nota de Maurício Fernandes de Castro).

DIÁLOGOS DAS RELATIVAS GRANDEZAS

CONTO DE JOSÉ J. VEIGA

Sentado no monte de lenha, as pernas abertas, os cotovelos nos joelhos. Doril examinava um louva-deus pousado nas costas da mão. Ele queria que o bichinho voasse, ou pulasse, mas o bichinho estava muito à vontade, vai ver que dormindo – ou pensando? Doril tocava-o com a unha do dedo menor e ele nem nada, não dava confiança, parece que nem sentia; se Doril não viesse o teve pulsar de fole do pescoço – e era preciso olhar bem para ver – era capaz de dizer que o pobrezinho estava morto, ou então que era um grito de brincado, desses que as moças pregam no vestido para enfeitar.

Entretido com o louva-deus Doril não viu Diana chegar comendo um marmelo, fruta azeda enjoada que só serve para ranger os dentes. Ela parou perto do monte de lenha e ficou descascando o marmelo com os dentes mas sem jogar a casca fora, não queria perder nada. Quando ela já tinha comido um bom pedaço da parte de cima e nada de Doril ligar, ela cuspiu fora um pedaço de miolo com semente e falou:

— Está direitinho um macaco em galho de pau.

Doril olhou só com os olhos e revidou:

— Macaco é quem fala. Está até comendo banana.

— Marmelo é banana, besta?

— Não é mais serve.

Ficaram calados, cada um pensando por seu lado. Diana cuspiu mais um caroço.

— Sabe aquele livro de história que o Mírio ganhou?

— Que Mírio, seu. É Milllton, mania!

— Mas sabe? Eu vou ganhar um igual. Tia jura mindar.

— Não é mindar. É me-dar. Mas não é vantagem.

— Não é vantagem? É muita vantagem.

— Você já não leu o de Milton?

— Li mas quero ter. Pra guardar e ler de novo.

— Vantagem é ganhar outro. Diferente.

— Diferente eu não quero. Pode não ser bom.

— Como foi que você disse? Diz de novo.

— Já disse uma vez, chega.

— Você disse diferente.

— Foi não.

— Foi. Eu ouvi.

— Foi não.

— Foi.

— Foi não.

— Foooi.

Ficariam nisso até um se cansar e tapar o ouvido para ficar com a última palavra, se Diana não tivesse tido a habilidade de se retirar logo que percebeu a dizima. Com o pedacinho final do marmelo entre os dedos ela chegou-se mais perto do irmão e disse:

— Gil! Matando louva-deus! Olhe o castigo!

— Eu estou matando, estou?

— Está judiando. Ele morre.

— Eu estou judiando?

— Amolar um bicho tão pequeninho é o mesmo que judiar.

Doril não disse mais nada, qualquer coisa que ele dissesse ela aproveitaria para outra

acusação. Era difícil tapar a boca de Diana, ó menina renitente. Ele preferiu continuar olhando o louva-deus. Soprou-o de leve, ele escolheu e vergou o corpo para o lado do sopro, como faz uma pessoa na ventania. O louva-deus estava no meio de uma tempestade de vento, dessas que derrubam árvores e arrancam telhados e pode até levantar uma pessoa do chão. Doril era a força que mandava a tempestade e que podia pará-la quando quisesse. Então ele era Deus? Será que as nossas tempestades também são brincadeiras? Será que quem manda elas olha pra nós como Doril estava olhando para o louva-deus? Será que somos pequenos para ele como um gafanhoto é pequeno para nós, ou menores ainda? De que tamanho, comparando – do de formiga? De piolho de galinha? Qual será o nosso tamanho mesmo, verdadeiro?

Doril pensou, comparando as coisas em volta. Seria engraçado se as pessoas fossem criaturinhas miudinhas, vivendo num mundo miudinho, alumiado por um sol do tamanho de uma rodela de confete...

Diana lambendo os dedos e enxugando no vestido. Qual seria o tamanho certo dela? Um palmo de cabeça, um palmo de peito, palmo e meio de barriga, palmo e meio de joelho, palmo e meio até o pé... uns seis palmos e meio. Palmo de quem? Gafanhoto pode ter seis palmos e meio também – mas de gafanhoto. Formiga pode ter seis palmos e meio – de formiga. E os bichinhos que existem mas a gente não vê, de tão pequenos? Se tem bichos que a gente não

9 - MINAS GERAIS (Suplemento Literário)

DIÁLOGO DAS RELATIVAS GRANDEZAS

José J. VEIGA

Ilustração de Eduardo de Paula

SENTADO no monte de lenha, as pernas abertas, os cotovelos nos joelhos, Doril examinava um louva-deus pousado nas costas da mão. Ele queria que o bichinho voasse, ou pulasse, mas o bichinho estava muito à vontade, vai ver que dormindo — ou pensando? Doril tocava-o com a unha do dedo menor e ele nem nada, não dava confiança, parece que nem sentia; se Doril não visse o leve pulsar de fôlo do pescoco — e era preciso olhar bem para ver — era capaz de dizer que o pobrezinho estava morto, ou então que era um grilo de brinquedo, desses que as moças pregam no vestido para enfeitar.

Entretido com o louva-deus Doril não viu Diana chegar, comendo um marmelo, fruta azeda e enjoada que só serve para ranger os dentes. Ela parou perto do monte de lenha e ficou descascando o marmelo com os dentes mas sem jogar a casca fora, não queria perder nada. Quando ela já tinha comido um bom pedaço da parte de cima e nada de Doril ligar, ela cuspiu fora um pedaço de miolo com semente e falou:

— Está divertindo um macaco em galho de pau.

Doril olhou só com os olhos e revideou:

— Macaco é quem fala. Está até comendo banana.

— Marmelo é banana, basta?

— Não é mas serve.

Ficaram calados, cada um pensando por seu lado. Diana cuspiu mais um caroco.

— Sabe aquele livro de história que o Mirto ganhou?

— Que Mirto, seu. E Milton. Mania!

— Mas sabe? Eu vou ganhar um igual. Tia Juza vai mandar.

— Não é mandar. É mandar. Mas não é vantagem.

— Não é vantagem? É muita vantagem.

— Você já não leu o de Milton?

— Li mas quero ter. Pta guardar e ler de novo.

— Vantagem é ganhar outro. Diferente.

— Diferente eu não quero. Pode não ser bom.

— Como foi que você disse? Diz de novo.

— Já disse uma vez, chega.

— Você disse diferente.

— Foi não.

— Foi. Eu ouvi.

— Foi não.

— Foi.

— Foi não.

— Focot.

Ficaram nisso até um se cansar e tapar o ouvido para ficar com a última palavra, se Diana não tivesse tido a habilidade de se retirar logo que percebeu a diálima. Com o pedacinho final do marmelo entre os dedos ela chegou-se mais perto do irmão e disse:

— Gii Matando louva-deus! Olhe e castigo!

— Eu estou matando, estou?

— Está julgando. Ele morre.

— Eu estou julgando?

— Amolar um bicho tão pequeninho é o mesmo que julgar.

Doril não disse mais nada, qualquer coisa que ele dissesse era aproveitaria para outra acusação. Era difícil tapar a boca de Diana, é menina, resistente. Ele preferiu continuar olhando o louva-deus.

Soprou-o de leve, ele encolheu-se e vergou o corpo para o lado do sopro, como faz uma pessoa na ventania. O louva-deus estava no meio de uma tempestade de vento, dessas que derrubam árvores e arrancam telhados e poder. até levantar uma pessoa do chão. Doril era a força que mandava a tempestade e que podia pará-la quando quisesse. Então ele era Deus? Será que as nossas tempestades também são bruxas? Será que quem manda elas cêia para nós como Doril estava olhando para o louva-deus? Será que somos pequenos para ele como um gafanhoto é pequeno para nós, ou menores ainda? De que tamanho, comparando — do de formiga? De pilão de galinha? Qual será o nosso tamanho mesmo, verdadeiro?

Doril pensou, comparando as coisas em volta. Será engraçado se as pessoas fossem criaturinhas minúsculas, vivendo num mundo minúsculo, iluminado por um sol do tamanho de uma rodela de confete...

Diana lambendo os dedos e enxugando no vestido. Qual seria o tamanho certo dela? Um palmo de cabeça, um palmo de peito, palmo e meio de barriga, palmo e meio até o joelho, palmo e meio até o pé... uns seis palmos e meio. Palmo de quem? Gafanhoto pode ter seis palmos e meio também — mas de gafanhoto. Formiga pode ter seis palmos e meio — de formiga. E os bichinhos que existem mas a gente não vê, de tão pequenos? Se tem bichos que a gente não vê, não pode ter bichos que a gente vê, não pode ter bichos que a gente não vê não vêem?

Onde é que o tamanho dos bichos começa, e onde acaba? Qual é o maior, e qual é menor? Bomito se nós também somos invisíveis para outros bichos muito grandes, tão grandes que os nossos olhos não abarcam? E se a Terra é um bicho grandegrandegrande e nós somos pulgas dele? Mas não pode! Como é que vamos ser invisíveis; se qualquer pessoa tem mais de um metro de tamanho?

Doril olhou o muro, os cafezeiros, as bananeiras, tudo bem maior do que ele, uma bananeira deve ter mais de dois metros...

Além disso, que o louva-deus não estava mais na mão. Procurou por perto e achou-o pousado num pau de lenha, numa ponta coberta de musgo. Doril levantou o pau devagarinho, olhou-o de perto e achou que a camada de musgo lembrava um matinho fechado, com certez. chio de —

— Quando é que você vai deixar esse bichinho sossegado? Tamanho homem!

Doril largou o pau devagarinho no monte, impôs as mãos na roupa.

— Você não sabe qual é o meu tamanho?

Ela olhou-o desconfiada, com medo de dizer uma coisa e cair em alguma armadilha. Doril estava sempre arranjando novidades para atrair-lá-la.

— Você nem sabe qual é o seu tamanho — insistiu ele.

— Então, não sei? Já medi e marquei com um carvão atrás da porta da sala. Pode olhar lá, se quiser.

Ele sorria da esperada ingenuidade.

— Isso não quer dizer nada. Você não sabe o tamanho da marca.

— Sei. Mandei medir com a fita de costura. Diz que tem um metro e vinte e tantos.

— Em metro de anão. Ou metro invisível.

Ela olhou-o assustada, desconfiada; e não achando o que responder, desconversou:

— Ih! Doril! Você está bobo hoje!

— Boba é você, que não sabe de nada.

Ela esperou, ele explicou:

— Você não sabe que nós somos invisíveis, de tão pequenos?

— Sei disso não. Invisível é miculim, que a gente sente mas não vê.

— Pois é. Nós somos como miculim.

Diana olhou depressa para ela mesma, depois para Doril.

— Como é que eu vejo eu, vejo você, vejo minha mãe?

— E você pensa que miculim não vê miculim?

Diana franziu a testa, pensando. Doril tinha cada idéia. Como daquela vez que andou querendo mandar recado por pensamento, punha Diana sentada num baú no porão e ele ficava na rede da varanda pensando o recado, depois gritava da janela perguntando se ela tinha pegado; ela tinha vontade de pegar mas não pegava, e não podia mentir porque não sabia mesmo em que era que ele tinha pensado. Doril disse que ela estava negando só para desmentir-lo. Agora essa invenção de que a gente é bicho pequeno invisível.

— Não pode, Doril. A gente é grande. Olhe aí, você é quase da altura desse monte de lenha.

— Está vendo como você não sabe nada? Isso não é monte de lenha. É um monte de pauzinhos menores do que pau de fósforo.

— Ora, sebo, Doril. Pau de fósforo é desse tamanho — ela mostrou dois dedinhos separados, dando o tamanho que ela imaginava.

— Isso que você está mostrando não é tamanho de pau de fósforo. Pau de fósforo é quase do seu tamanho.

Diana ficou pensativa, triste por ter diminuído de tamanho de repente. Doril aproveitou para ensinar mais.

— Como você é tapada, Diana. Tudo no mundo é muito pequeno. O mundo é muito pequeno.

Olhou em volta procurando uma ilustração. — Estávendo aquela jaca? Sabe o tamanho dela?

— Sei sim. Regula com uma melancia.

— Pronto. Não sabe. E do tamanho de cajá?

Diana olhou a jaca já madura, em ponto de cair, qualquer dia caia.

— Ah, não pode, Doril. Comparar jaca com cajá?

— Mas é porque você não sabe que cajá não é cajá.

— O que é então?

— É bago de arroz.

Diana olhou em volta afiada, procurando uma prova de que Doril estava errado.

— E coqueiro o que é?

— Coqueiro é pé de solta.

— E eu?

— Você é formiga de dois pés.

— Se eu sou formiga como é que eu pulo régo água?

— Que régo água?

— Esse nosso aí.

Doril sacudiu a cabeça, sorrindo.

— Aquilo não é régo água. É um risquinho no chão, da grossura de um fio de linha.

— E... E aquele morro lá longe?

— Não é morro. Você pensa que é morro porque você é formiga.

Aquilo é um montinho de terra que cabe num carrinho de mão.

Diana olhou-se de alto a baixo, achou-se grande para ser formiga.

— Onde você aprendeu isso?

Ela precisava da garantia de uma autoridade para aceitar a nova idéia.

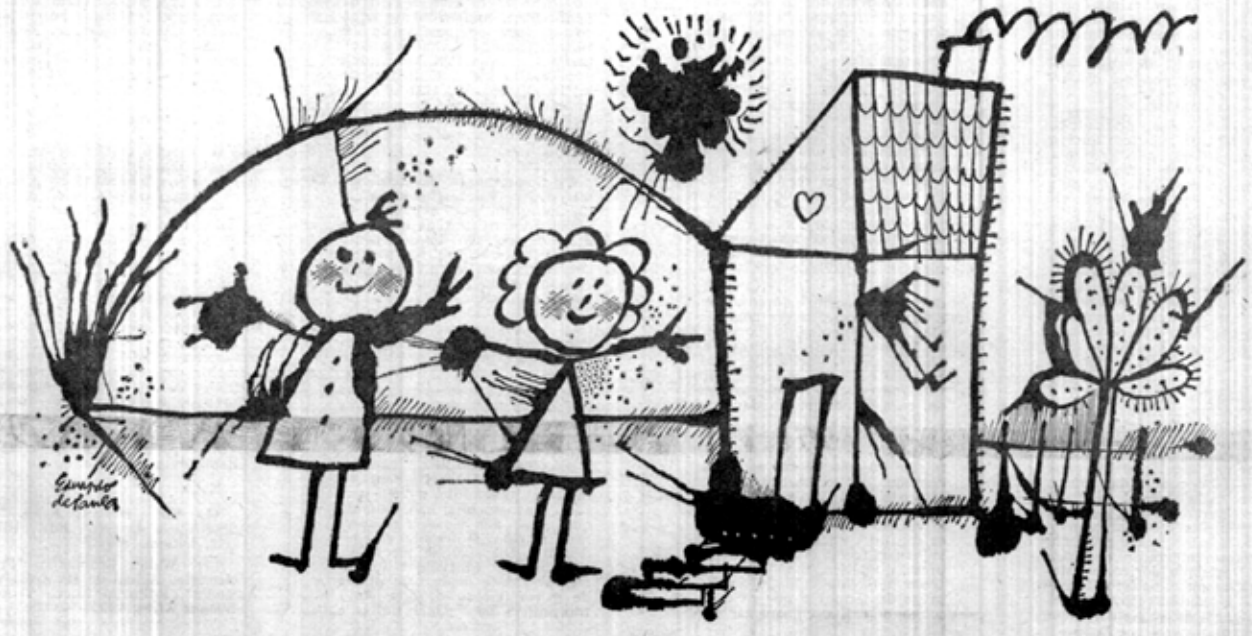
— Em parte nenhuma. Eu descobri.

Diana deu um riso de zombaria, como quem começa a entender. Tudo aquilo era invenção dele, coisa sem pés nem cabeça, como a história de recado por pensamento.

A mãe chamou da janela. Doril desceu do monte de lenha, um pau resvalou e feriu-o no tornozelo. Ele ia xingar mas lembrou que pau de fósforo não machuca. A mãe chamou de novo, ele saiu correndo e gritou para trás:

— Quem chegar por último é filho de jessa.

Diana correu também, mais para não ficar sozinha do que para competir. Pularam uma bacia velha, simples tampa de cerveja emborcada no chão. Pularam o fio de linha que Diana tinha pensado que era um régo água. Doril tropeçou num balde furado (isto é, um dedal com alça), subiu de um fôlego os dentes do pente que servia de escada para a varanda e entrou no calçotinho de giz onde elas moravam. A mãe, uma formiguinha severa de pano amarrado na cabeça, estava esperando na porta com uma colher e um vidro de xarope nas mãos, a colher uma simples casquinha de arroz. Doril abriu a boca, fechou os olhos e engoliu, o borrão de xarope desceu queimando a garganta de formiga.



vê, não pode ter bichos que esses que a gente não vê não veem?

Onde é que o tamanho dos bichos começa, e onde acaba? Qual é o maior, e qual o menor? Bonito se nós também somos invisíveis para outros bichos muito grandes, tão grandes que os nossos olhos não abarcam? E se a Terra é um bicho grandegrandegrandegrande e nós somos pulgas dele? Mas não pode! Como é que vamos ser invisíveis, se qualquer pessoa tem mais de um metro de tamanho?

Doril olhou o muro, os cafezeiros, as bananeiras, tudo bem maior do que ele, uma bananeira deve ter mais de dois metros...

Aí ele notou que o louva-deus não estava mais na mão. Procurou por perto e achou-o pousado num pau de lenha, numa ponta coberta de musgo. Doril levantou o pau devagarinho, olhou-o de perto e achou que a camada do musgo lembrava um mantinho fechado, com certez... cheio de –

— Quando é que você vai deixar esse bichinho sossegado? Tamanho homem?

Doril largou o pau devarinho no monte, limpou as mãos na roupa.

— Você não sabe qual é o meu tamanho.

Ela olhou-o desconfiada, com medo de dizer uma coisa e cair em alguma armadilha. Doril estava sempre arranjando novidades para atrapalhá-la.

— Você nem sabe qual é o seu tamanho – insistiu ele.

— Então, não sei? Já medi e marquei com um carvão atrás da porta da sala. Pode olhar lá, se quiser.

Ele sorriu da esporada ingenuidade.

— Isso não quer dizer nada. Você não sabe o tamanho da marca.

— Sei. Mamãe mediu com a fita de costura. Diz que tem um metro e vinte e tantos.

— Em metro de anão. Ou metro invisível.

Ela olhou-o assustada desconfiada; e não achando o que respondeu, desconversou:

— Ih! Doril! Você está bobo hoje!

— Boba é você, que não sabe de nada.

Ela esperou, ele explicou:

— Você não sabe que nós somos invisíveis, de tão pequenos?

— Sei disso não. Invisível é micuim, que a gente sente mas não vê.

— Pois é. Nós somos como micuins.

Diana olhou depressa para ela mesma, depois para Doril.

— Como é que eu vejo eu, vejo você, vejo minha mãe?

— E você pensa que micuim não vê micuim?

Diana franziu a testa, pensando. Doril tinha cada ideia. Como daquela vez que andou querendo mandar recado por pensamento, punha Diana sentada num baú no porão e ele ficava na rede da varanda pensando o recado, depois gritava da janela perguntando se ela tinha pegado; ela tinha vontade de pegar mas não pegava, e não podia mentir porque não sabia mesmo em que era que ele tinha pensado. Doril disse que ela estava negando só para desmenti-lo. Agora essa invenção de que a gente é bicho pequeno invisível.

— Não pode, Doril. A gente é grande. Olhe aí, você é quase da altura desse monte de lenha.

— Está vendo como você não sabe nada? Isso não é monte de lenha. É um monte de pauzinhos menores do que pau de fósforo.

— Ora, sebo, Doril. Pau de fósforo é deste tamanho – ela mostrou dois dedinhos separados, dando o tamanho que ela imaginava.

— Isso que você está mostrando não é tamanho de pau de fósforo. Pau de fósforo é quase do seu tamanho.

Diana ficou pensativa, triste por ter diminuído de tamanho de repente. Doril aproveitou para ensinar mais.

— Como você é tapada, Diana. Tudo no mundo é muito pequeno. O mundo é muito pequeno. Olhou em volta procurando uma ilustração. — Estávamos aquela jaca? Sabe o tamanho dela?

— Sei sim. Regula com uma melancia.

— Pronto. Não sabe. É do tamanho de cajá.

Diana olhou a jaca já madura, em ponto de cair, qualquer dia caía.

— Ah, não pode, Doril. Comparar jaca com cajá?

— Mas é porque você não sabe que cajá não é cajá.

— O que é então?

— É bago de arroz.

Diana olhou em volta aflita, procurando uma prova de que Doril estava errado.

— E coqueiro o que é?

— Coqueiro é pé de salsa.

— E eu?

— Você é formiga de dois pés.

— Se eu sou formiga como é que eu pulo rego d'água?

— Que rego d'água?

— Esse nosso aí.

Doril sacudiu a cabeça, sorrindo.

— Aquilo não é rego d'água. É um risquinho no chão, da grossura de um fio de linha.

— E... E aquele morro lá longe?

— Não é morro. Você pensa que é morro porque você é formiga. Aquilo é um montinho de terra que cabe num carrinho de mão.

Diana olhou-se de alto a baixo, achou-se grande para ser formiga.

— Onde você aprendeu isso?

Ela precisava da garantia de uma autoridade para aceitar a nova ideia.

— Em parte nenhuma. Eu descobri.

Diana deu um riso de zombaria, como quem começa a entender. Tudo aquilo era invenção dele, coisa sem pés nem cabeça, como a história de recado por pensamento.

A mãe chamou da janela. Doril desceu do monte de lenha, um pau resvalou e feriu-o no tornozelo. Ele ia xingar mas lembrou que pau de fósforo não machuca. A mãe chamou de novo, ele saiu correndo e gritou para trás:

— Quem chegar por último é filho de lesma.

Diana correu também, mais para não ficar sozinha do que para competir. Pularam uma bacia velha, simples tampa de cerveja emborcada no chão. Pularam o fio de linha que Diana tinha pensado que era um Rêgo d'água. Doril tropeçou num balde furado (isto é, um dedal com alça), subiu de um fôlego os dentes do pente que servia de escada para a varanda e entrou no caixotinho de giz onde eles moravam. A mãe, uma formiguinha severa de pano amarrado na cabeça, estava esperando na porta com uma colher e um vidro de xarope nas mãos, a colher uma simples casquinha de arroz. Doril abriu a boca, fechou os olhos e engoliu, o borribo de xarope desceu queimando a garganta de formiga.

JOSÉ J. VEIGA (1915-1999)

goiano de Corumbá de Goiás, escreveu, entre outros, *Os cavalinhos de Platiplanto* e *A hora dos ruminantes*.

A PRODIGIOSA TARDE DE BALTAZAR

CONTO DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ

TRADUÇÃO E NOTA DE HUMBERTO WERNECK

A gaiola estava terminada. Baltazar pendurou-a no beiral, por força do costume, e quando acabou de almoçar já se dizia por todo lado que era a gaiola mais bela do mundo. Tanta gente veio vê-la que se formou um tumulto frente à casa, o Baltazar teve que retirá-la e fechar a carpintaria.

— Você tem que fazer barba — lhe disse Úrsula, sua mulher. Está parecendo um capuchinho.

— Faz mal barbear-se depois do almoço, disse Baltazar.

Tinha uma barba de duas semanas, um cabelo curto, duro e espetado como as crinas de um juramento, e uma expressão geral de rapaz assustado. Mas era uma falsa expressão. Em fevereiro tinha 30 anos, vivia há quatro com Úrsula, sem casar-se e sem ter filhos, e a vida lhe havia dado muitos motivos para estar alerta, mas nenhum para estar assustado. Nem sequer sabia que para algumas pessoas a gaiola que acabara de fazer era a mais bela do mundo. Para ele, acostumado a fazer gaiolas desde menino, aquele tinha sido apenas um trabalho mais árduo que os outros.

— Então descanse um minuto — disse a mulher. Com essa barba não pode se apresentar em parte alguma.

Enquanto descansava teve que abandonar a rede várias vezes para mostrar a gaiola aos vizinhos. Úrsula não tinha prestado atenção nela até então. Estava amolada porque seu marido havia descuidado o trabalho da carpintaria para dedicar-se inteiramente à gaiola, e durante duas semanas tinha dormido mal, sobressaltando-se e falando disparates, e não tinha voltado a pensar em se barbear. Mas o desgosto se dissipou a ante a gaiola terminada. Quando Baltazar acordou da sesta, ele tinha passado as duas calças e uma camisa, posto num banco junto à rede e tinha levado a gaiola à mesa da copa. Contemplava-a em silêncio.

— Quanto você vai cobrar? — perguntou.

— Não sei — respondeu Baltazar. Vou pedir trinta pesos para ver se me dão vinte.

— Pede cinquenta — disse Úrsula. Você dormiu mal nestes quinze dias.

Além disso, é bem grande. Acho que é a maior gaiola que vi na vida.

Baltazar começou a fazer a barba.

— Acha que me darão os cinquenta pesos?

— Isso não é nada para dom Chepe Montiel, e a gaiola os vale — disse Úrsula. Devia pedir sessenta.

A casa jazia numa penumbra sufocante. Era a primeira semana de abril e o calor parecia menos suportável pelo zizio das cigarras. Quando acabou de se vestir, Baltazar abriu a porta do pátio para refrescar a casa, e um grupo de meninos entrou na casa.

A notícia se havia espalhado. O doutor Octavio Giraldo, um médico velho, contente da vida mas cansado da profissão, pensava na gaiola de Baltazar enquanto almoçava com sua esposa inválida. No terraço interior, onde punham a mesa nos dias de calor, havia muitos vasos com flores e duas gaiolas com canários. Sua esposa gostava de pássaros, e gostava tanto que odiava os gatos porque eram capazes de comê-los. Pensando nela, o doutor Giraldo foi essa tarde visitar um doente, e na volta passou pela casa de Baltazar para conhecer a gaiola.

Havia muita gente na copa. Posta em exibição sobre a mesa, a enorme cúpula de arame com três andares interiores, com corredores e compartimentos especiais para comer e dormir, trapézio no espaço reservado ao recreio dos pássaros, parecia o modelo reduzido de uma gigantesca fábrica de gelo. O médico examinou-a cuidadosamente, sem tocá-la, pensando que de fato aquela gaiola era superior a seu próprio prestígio, e muito mais bela do que jamais havia sonhado para sua mulher.

Isto é uma aventura da imaginação disse. Procurou Baltazar no grupo, e acrescentou, fixos nele seus olhos maternais: Você teria sido um extraordinário arquiteto.

Baltazar se ruborizou.

— Obrigado — disse.

— É verdade — disse o médico. Tinha uma gordura lisa e flácida como

de uma mulher que foi bonita em sua juventude, e umas mãos delicadas. Sua voz parecia a de um padre falando em latim. Nem sequer será necessário pôr-lhe pássaros – disse, fazendo girar a gaiola frente aos olhos do público, como se a estivesse vendendo. Bastará dependurá-la entre as árvores para que cante sozinha. Voltou a pô-la na mesa, pensou um momento olhando a gaiola, e disse:

— Bom, pois eu a levo.

— Está vendida – disse Úrsula.

— É do filho de dom Chepe Montiel – disse Baltazar, mandou fazê-la especialmente.

O médico assumiu uma atitude respeitável.

— Ele lhe deu o modelo?

— Não – disse Baltazar. Disse que queria uma gaiola grande como essa, para um casal de turpiais.

— Claro que sim, doutor – disse Baltazar, aproximando-se da mesa. Os meninos o rodearam. As medidas estão bem calculadas – disse, mostrando com o indicador os diferentes compartimentos. Depois bateu na cúpula com os nós dos dedos, e a gaiola se encheu de acordes profundos.

— É do arame mais resistente que se pode encontrar, e cada junção está soldada por dentro e por fora – disse.

— Serve até para um papagaio – interveio um dos meninos.

— É, sim – disse Baltazar.

O médico balançou a cabeça.

— Bom, mas não lhe deu o modelo – disse. Não lhe fez nenhuma exigência precisa, além de que fosse uma gaiola grande para turpiais. Não é?

— É, sim – disse Baltazar.

— Então não há problema – disse o médico. Uma coisa é uma gaiola grande para turpiais e outra é esta gaiola. Não há provas de que seja esta a que lhe mandaram fazer.

— É esta mesma – disse Baltazar, transtornado. Por isso a fiz.

O médico fez um gesto de impaciência.

— Você poderia fazer outra – disse Úrsula, olhando seu marido. E depois, para o médico: o senhor não se preocupe.

— Prometi-a a minha mulher para esta tarde – disse o médico.

— Sinto muito, doutor – disse Baltazar, mas não se pode vender uma coisa que já está vendida.

O médico escolheu os ombros. Enxugando o suor do pescoço com um lenço, contemplou a gaiola em silêncio, sem mover a vida de um mesmo ponto indefinido, como se olha um barco que se vai

— Quando lhe deram por ela?

Baltazar inquiriu Úrsula sem responder.

— Sessenta pesos – disse ela.

O médico continuou olhando a gaiola.

— É muito bonita – suspirou. Sumamente bonita. Depois, movendo-se até à porta, começou a abanar-se com energia, sorridente, e a lembrança

Baltazar não era um

estranho na casa

de José Montiel. Em

diferentes ocasiões,

por sua eficiência e

bom desempenho tinha

sido chamado para

fazer trabalhos de

carpintaria menor.

daquele episódio desapareceu para sempre de uma memória.

— Montiel é muito rico – disse.

Em verdade, José Montiel não era tão rico como parecia, mas tinha sido capaz de tudo para chegar a sê-lo. A poucos quarteirões dali, numa casa atulhada de arreios onde nunca se havia sentido um cheiro que não se pudesse vender, permanecia indiferente à novidade de gaiola. Sua esposa, torturada pela obsessão da morte, fechou portas e janelas depois do almoço e permaneceu por duas horas com os olhos cobertos na penumbra do quarto, enquanto José Montiel fazia a sesta. Assim a surpreendeu um alvoroço de, muitas vozes. Então abriu a porta da sala e viu um tumulto em frente à casa, e Baltazar com a gaiola em meio ao tumulto, vestido de branco e recém-

-barbeado, com essa expressão de decorosa candura com que os pobres chegam à casa dos ricos.

— Que coisa maravilhosa – exclamou a esposa de José Montiel, com uma expressão radiante, conduzindo Baltazar até o interior. Não tinha visto nada igual em minha vida – disse, e acrescentou, indignada com a multidão que se juntava à porta: Mas leve-a para dentro, se não nos transformam a sala numa rinha.

Baltazar não era um estranho na casa de José Montiel. Em diferentes ocasiões, por sua eficiência e bom desempenho tinha sido chamado para fazer trabalhos de carpintaria menor. Mas, nunca se sentiu bem entre os ricos. Costumava pensar neles, em suas mulheres feias e conflitivas, em suas tremendas operações cirúrgicas, e experimentava sempre um sentimento de piedade. Quando entrava em suas casas não podia mover-se em arrastar os pés.

— Pepe está? – perguntou.

Tinha posto a gaiola na mesa da copa.

— Está na escola – disse a mulher de José Montiel. Mas já não deve demorar. E acrescentou:

— Montiel está tomando banho.

Na realidade José Montiel não tinha tido tempo de tomar banho. Estava se dando uma urgente fricção de álcool canforado para ir ver o que se passava. Era um homem tão prevenido que dormia sem ventilador elétrico para vigiar durante o sono os rumores da casa.

— Adelaida – gritou. O quê que há?

— Venha ver que coisa maravilhosa – gritou sua mulher.

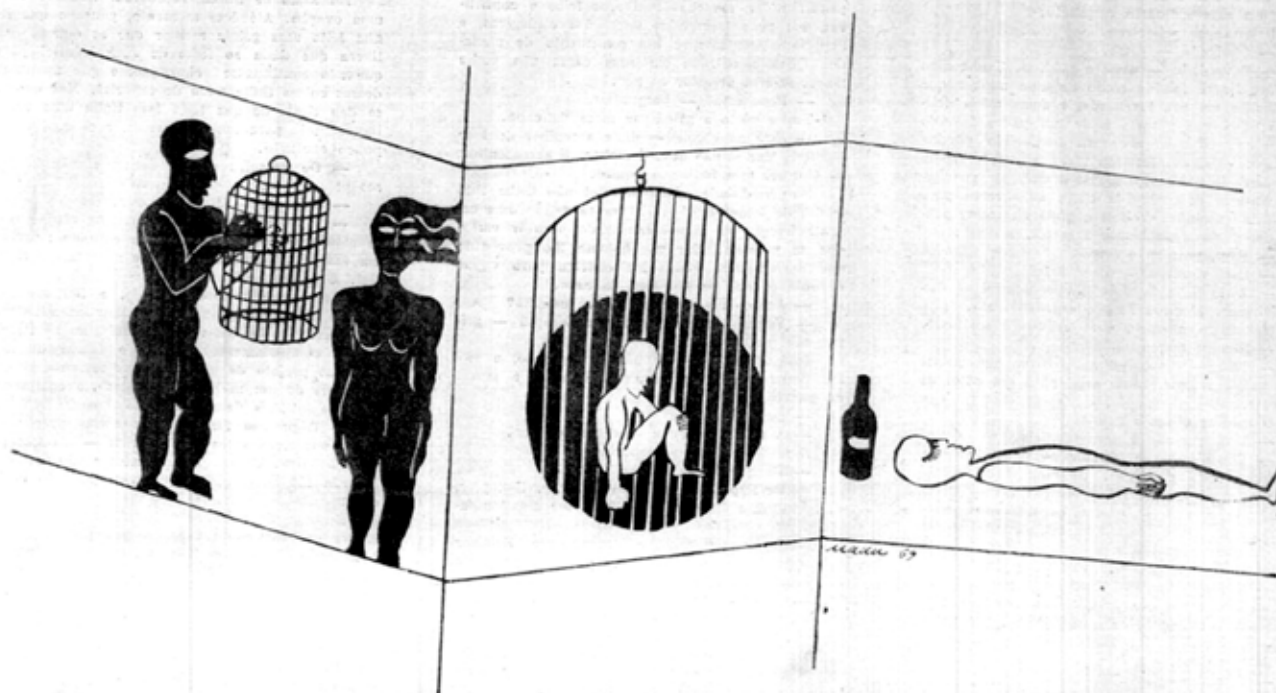
José Montiel – corpulento e peludo, a toalha dependurada na nuca – assomou à janela do quarto.

— Que é isso?

— A gaiola de Pepe – disse Baltazar.

A mulher olhou-o perplexa.

— De quem?



A PRODIGIOSA TARDE DE BALTAZAR

conto de Gabriel Garcia MARQUEZ

A gaiola estava terminada. Baltazar pendurou-a no beiral, por força do costume, e quando acabou de almoçar já se dizia por todo lado que era a gaiola mais bela do mundo. Tanta gente veio vê-la que se formou um tumulto frente à casa, e Baltazar teve que retirá-la e fechar a carpintaria.

— Você tem que fazer a barba — lhe disse Ursula, sua mulher. Está parecendo um capuchinho.

— Faz mal barbear-se depois do almoço — disse Baltazar.

Tinha uma barba de duas semanas, um cabelo curto, duro e espetado como as crinas de um jumento, e uma expressão geral de rapaz assustado. Mas era uma falsa expressão. Em fevereiro tinha feito 30 anos, vivia há quatro com Ursula, sem casar-se e sem ter filhos, e a vida lhe havia dado muitos motivos para estar alerta, mas nenhum para estar assustado. Nem sequer sabia que para algumas pessoas a gaiola que acabara de fazer era a mais bela do mundo. Para ele, acostumado a fazer gaiolas desde menino, aquele tinha sido apenas um trabalho mais árduo que os outros.

— Então descanse um minuto — disse a mulher. Com essa barba não pode se apresentar em parte alguma.

Enquanto descansava teve que abandonar a rede várias vezes para mostrar a gaiola aos vizinhos. Ursula não tinha prestado atenção nela até então. Estava amolada porque seu marido havia descuidado o trabalho da carpintaria para dedicar-se inteiramente à gaiola, e durante duas semanas tinha dormido mal, sobressaltando-se e falando disparates, e não tinha voltado a pensar em se barbear. Mas o desgosto se dissipou ante a gaiola terminada. Quando Baltazar acordou da sesta, ela tinha passado as suas calças e uma camisa, pôsto num banco junto à rede e tinha levado a gaiola à mesa da copa. Contemplava-a em silêncio.

— Quanto você vai cobrar? — perguntou.
— Não sei — respondeu Baltazar. Vou pedir trinta pesos para ver se me dão vinte.

— Pede cinquenta — disse Ursula. Você dormiu mal nestes quinze dias. Além disso, é bem grande. Acho que é a maior gaiola que vi na minha vida.

Baltazar começou a fazer a barba.

— Acha que me darão os cinquenta pesos?

— Isso não é nada para dom Chepe Montiel, e a gaiola os vale — disse Ursula. Devia pedir sessenta.

A casa fazia numa penumbra sufocante. Era a primeira semana de abril e o calor parecia menos suportável pelo zizio das cigarras. Quando acabou de se vestir, Baltazar abriu a porta do pátio para refrescar a casa, e um grupo de meninos entrou na copa.

A notícia se havia espalhado. O doutor Octavio Giraldo, um médico velho, contente da vida mas cansado da profissão, pensava na gaiola de

Baltazar enquanto almoçava com sua esposa inválida. No terraço interior, onde punham a mesa nos dias de calor, havia muitos vasos com flores e duas gaiolas com canários. Sua esposa gostava de pássaros, e gostava tanto que odiava os gatos porque eram capazes de comê-los. Pensando nela, o doutor Giraldo foi essa tarde visitar um doente, e na volta passou pela casa de Baltazar para conhecer a gaiola.

Havia muita gente na copa. Posta em exibição sobre a mesa, a enorme cúpula de arame com três andares interiores, com corredores e compartimentos especiais para comer e dormir, trapézio no espaço reservado ao recreio dos pássaros, parecia o modelo reduzido de uma gigantesca fábrica de gelo. O médico examinou-a cuidadosamente, sem tocá-la, pensando que de fato aquela gaiola era superior a seu próprio prestígio, e muito mais bela do que jamais havia sonhado para sua mulher.

MINAS GERAIS

suplemento literário

BELO HORIZONTE — SÁBADO, 10 DE JANEIRO DE 1970
Av. Augusto de Lima, 270 — ANO V — N.º 176 — Preço NCr\$ 3,30

— De Pepe — confirmou Baltazar. E depois, dirigindo-se a José Montiel: Pepe me mandou fazê-la.

Nada ocorreu naquele instante, mas Baltazar se sentiu como se lhe tivessem aberto a porta do banheiro. José Montiel saiu de cuecas do quarto.

— Pepe — gritou.

— Não chegou — murmurou sua esposa, imóvel.

Pepe não apareceu ao vão da porta. Tinha uns doze anos e as mesmas pestanas eriçadas e o quieto patetismo de sua mãe.

— Venha cá — lhe disse Jose Montiel. Você mandou fazer isto?

O menino abaixou a cabeça. Agarrando-o pelo cabelo, José Montiel obrigou-o a olhar-lhe os olhos.

— Responda.

O menino mordeu os lábios sem responder.

— Montiel sussurrou a esposa.

José Montiel soltou o menino e voltou-se para Baltazar com uma expressão exaltada.

— Sinto muito, Baltazar — disse. Mas devia ter me consultado antes de fazê-la. Somente a você ocorreu contratar um menor. À medida que falava, seu rosto foi recobrando a serenidade. Levantou a gaiola sem olhá-la e a deu a Baltazar. Leve-a logo e trate de vendê-la a quem puder — disse. Sobretudo, peço que não discuta comigo. Deu-lhe uma palmadinha nas costas, e explicou: — O médico me proibiu contrariedades.

O menino tinha permanecido imóvel, sem pestanejar até que Baltazar olhou-o perplexo com a gaiola na mão. Então emitiu um som gutural, como o rosnado de um cachorro, e se jogou no chão dando gritos.

José Montiel olhava-o impassível, enquanto a mãe tratava de apaziguá-lo.

— Não o levante — disse. Deixe-o arrebentar a cabeça contra o chão e depois lhe jogue sal e limão para que esperneie com gosto. O menino guinchava sem lágrimas, enquanto sua mãe o sustinha pelos punhos.

— Deixe-o — insistiu José Montiel.

Baltazar observou o menino como se observasse a agonia de um animal contagioso. Eram quase quatro horas. A essa hora, em sua casa, Úrsula cantava uma canção muito antiga, enquanto cortava fatias de cebola.

— Pepe — disse Baltazar.

Aproximou-se do menino, sorrindo, e lhe estendeu a gaiola. O menino endireitou-se de uma salto, abraçou a gaiola, que era quase tão grande com ele, e ficou olhando Baltazar através do tecido metálico, sem saber o que dizer. Não havia derramado uma lágrima.

— Baltazar — disse Montiel, suavemente. Já lhe disse para levá-la.

— Devolva-a — ordenou a mulher ao menino.

— Fique com ela — disse Baltazar. E depois, a José Montiel: Afinal de contas, para isso a fiz. José Montiel perseguiu-o até a sala.

— Não seja idiota, Baltazar — dizia, fechando-lhe o caminho. Leve seu traste para casa e não faça mais besteiras. Não penso em lhe pagar nem um centavo.

— Não importa — disse Baltazar. Eu a fiz especialmente para presentear Pepe. Não pensava cobrar nada.

Quando Baltazar abriu caminho através dos curiosos que bloqueavam

a porta, José Montiel dava gritos no centro da sala. Estava ali muito pálido e seus olhos começavam a avermelhar-se.

— Estúpido — gritava. Leve seu cacareco. A última coisa que faltava era um sujeito qualquer vir dar ordens em minha casa. Diabo!

No salão de bilhar receberam Baltazar com uma ovação. Até esse momento, pensava que tinha feito uma gaiola melhor que as outras, que tivera que dá-la ao filho de José Montiel para que não continuasse chorando, e que nenhuma dessas coisas tinha nada de especial. Mas depois se deu conta de que tudo isso tinha uma certa importância, para muitas pessoas, e se sentiu um pouco excitado.

— De maneira que te deram cinquenta pesos pela gaiola.

— Sessenta — disse Baltazar.

— Preciso fazer uma marca no céu — disse alguém. Você é o único que conseguiu arrancar esse montão de dinheiro de dom Chepe Montiel. É preciso celebrar isso.

Ofereceram-lhe uma cerveja, e Baltazar retribuiu com uma partida de bilhar para todos. Como era a primeira vez que bebia, ao anoitecer estava completamente bêbado, e falava de um fabuloso projeto de mil gaiolas e sessenta pesos, e depois de um milhão de gaiolas até completar sessenta milhos de pesos.

— É preciso fazer muitas coisas para vendê-las aos ricos antes que morram — dizia, cego de bebedeira. Todos estão doentes e vão morrer. Estarão tão desgraçados que nem poderão criar caso.

Durante duas horas o toca-discos automático esteve por sua conta tocando, à sua sorte e fortuna, e pela morte dos ricos, mas na hora, da comida deixaram-no sozinho no salão.

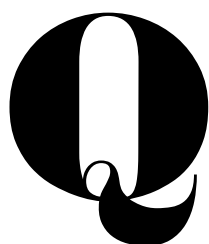
Úrsula o havia esperado até às oito, com um prato de carne frita coberto de fatias de cebola. Alguém lhe disse que seu marido estava no salão de bilhar, louco de felicidade, oferecendo cerveja a todo mundo, mas não acreditou porque Baltazar nunca se havia embebedado. Quando se deitou, quase à meia-noite, Baltazar estava num salão iluminado, onde havia mesinhas de quatro lugares com cadeiras em volta, e uma pista de dança ao ar livre, por onde passeavam os gaviões. Tinha a cara lambuzada de ruge, e como não podia dar um passo mais, pensava que queria dormir com duas mulheres na mesma cama. Tinha gastado tanto que teve que deixar o relógio como garantia, com o compromisso de pagar no dia seguinte. Um momento depois, estatelado na rua, percebeu que lhe tiravam os sapatos, mas não quis abandonar o sonho mais feliz de sua vida. As mulheres que passaram para a missa das cinco não se atreveram a olhá-lo, achando que estava morto.

GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ (1927-2014)

era colombiano de Aracataca. Em 1982 foi agraciado com o Prêmio Nobel de Literatura. "A prodigiosa tarde de Baltazar" foi traduzido de *Los Funerales de La Mamá Grande* (1962), sua primeira coletânea de contos. As narrativas deste livro continuam a história do povoado de Macondo, iniciada em 1955 na novela *La Hojarasca*, e que alcança seu ponto culminante e seu fim em *Cien Años de Soledad* (Cem Anos de Solidão), de 1967.

O SUPLEMENTO E AS ARTES PLÁSTICAS

MÁRCIO SAMPAIO



uase tanto quanto a literatura, as artes plásticas ocuparam espaço expressivo nas edições semanais do nosso Suplemento Literário, contribuindo para o sucesso da publicação, nesses seus 50 anos.

Presentes em quase todas as páginas, na forma de ilustrações de poemas, contos, como vinhetas para arejar os textos mais densos, ou obras autônomas, as imagens impressas apresentavam gama enorme de variedade formal, conceitual e gráfica, ampliando (como também era a literatura publicada), o campo de expressão e apreensão do fato artístico, enriquecendo, comentando ou simplesmente “adornando” em diálogo vivo entre as duas linguagens.

Tendo participado da vida do Suplemento, desde a concepção e desenvolvimento do seu conceito e objetivos, recebi de Murilo Rubião algumas tarefas iniciais que iriam enriquecer minha experiência jornalística.

Para que a publicação tivesse maior abrangência cultural, Murilo convidou críticos de artes plásticas, cinema, teatro e música para colaboração contínua, de tal forma que o Suplemento viesse a conquistar mais amplo contingente de leitores, uma vez, que, encartado no Diário Oficial, iria chegar às mãos de um imenso público leitor, em todos os municípios de Minas.

Sendo responsável pela área de artes plásticas, cabia-me escolher os artistas. Era, também, responsável pela página de crítica de artes plásticas, fazer entrevistas e pesquisas para o jornal.

Formamos uma equipe inicial de ilustradores que já tinham ampla experiência na área: Álvaro Apocalypse, Jarbas Juarez, Nello Nuno, Ana Amélia Lopes, Chanina, Terezinha Veloso, também o diagramador Lucas Raposo e Eduardo de Paula responsável pelo projeto gráfico do jornal.

Era tudo ainda muito artesanal: a composição em linotipo, ilustrações gravadas na clichéria e o processo da impressão pela gravação em flan e transposta para as telhas de metal para serem afixadas na rotativa. Algo jurássico para os da geração atual, beneficiados pelas grandes contribuições da tecnologia da comunicação impressa.

Nessa forma, o ilustrador tinha que pensar o resultado final. Assim, cada artista propunha uma técnica, do bico-de-pena, a linha pura, as texturas, manchas, colagens. Contrastavam os desenhos refinados sobre tecido caprichosamente hachurados de Apocalypse, com os desenhos “sujos” de Jarbas Juarez, suas colagens de fragmentos de jornal e revistas, que duvidávamos, às vezes, pudessem dar alguma coisa na impressão. E sempre davam, embora criassem problemas na clichéria.

Pouco depois, começamos a fazer convites a outros artistas e mais especialmente aos alunos das Escolas de Arte. Era uma geração muito ativa, participativa, com a disposição de pesquisar e criar. Geração que se destacou especialmente pelo desenho, com características próprias, e que logo iria ser notada e premiada nos salões de arte e na bienal de São Paulo. Foi o boon do chamado “desenho mineiro”, abrigado inicialmente nas páginas do Suplemento, que se tornaria o portal para a divulgação dessa magnífica safra de desenhistas mineiros. Eliana Rangel, Luiz Eduardo Fonseca, Liliane Dardot, Madu, José Alberto Nemer, Pompéia Brito, Irene Abreu, Carlos Wolney, Manoel Serpa, José Ronaldo Lima, Raimundo Veloso, eram alguns dos mais assíduos colaboradores. O Suplemento abrigaria em suas páginas, invenções mais radicais da arte/poesia processo, e outras manifestações neovanguardistas, em que iria se destacar a produção de Sebastião Nunes.



Instalação de Márcio Sampaio

Havia um atrativo a mais: escritores e artistas, veteranos ou iniciantes, recebiam pagamento pelos seus trabalhos!

E no mesmo diapasão da literatura, esses artistas corresponderam às injunções e chamamentos da hora, com poesia e lirismo, humor, e dramaticidade, ironia, crítica velada (havia censura!) e denúncia.

(E eu iria logo, por “ordem” do Murilo, incorporar a atividade de ilustrador ao quadro de minhas tarefas no Suplemento como crítico, repórter, revisor, tesoureiro, estafeta etc).

No correr do tempo, ao longo desses 50 anos, foram chegando novos contingentes de artistas com a sua expressiva contribuição de feição contemporânea, à qual o Suplemento, com recursos modernos, podia divulgar, dentro de projetos gráficos mais atualizados.

Estimulado por Murilo Rubião, e depois pelos editores que lhe sucederam, em especial Angelo Oswaldo, a redação do Suplemento era um ambiente vivo e estimulante, com a presença assídua de escritores já consagrados, como Emilio Moura, Bueno de Rivera, Henriqueta Lisboa, Manoel Lobato e os poetas e contistas jovens, aos quais se juntavam os artistas plásticos, numa viva (e às vezes bastante ruidosa) sessão de conversas e discussões, que, apesar das dificuldades, tinham, também, na pauta as questões políticas.

Angelo Oswaldo, jornalista e também crítico de arte, abriu o Suplemento para as experimentações e divulgação da arte mais nova, ele mesmo escrevendo sobre manifestações de vanguarda e participando ativamente de eventos importantes, como os Salões de Arte.

Gosto de lembrar a emoção que tínhamos, nas manhãs de sábado, à porta da Imprensa Oficial, aguardando a chegada do pesado pacote do Suplemento que nos era distribuído em primeira mão, ainda quente, sob as bênçãos do Murilo!

E com tudo isso, havia ainda, especialmente para os jovens artistas, a remuneração sempre bem recebida! A princípio, eu era o encarregado de fazer os pagamentos. Com os envelopes recheados com os cinco cruzeiros, colocados no bolso do paletó (tínhamos que usar paletó) ia passando para cada escritor ou artista, o valor modesto de suas colaborações.

Posso afirmar, com certeza, que o Suplemento foi um dos responsáveis por colocar em evidência para a crítica nacional e para o público vários artistas que viriam a se destacar no cenário nacional.

Além dessa abertura para os ilustradores, o Suplemento me deu o espaço (coluna ou página) onde pude divulgar, na forma de comentário, entrevistas e notícias as exposições e outros eventos, com ênfase para a produção dos artistas mineiros bem como de manifestações nacionais e internacionais, na medida de nossas possibilidades.

Na condição de crítico do Suplemento, estabeleci interlocuções ativas com outros críticos brasileiros, dentre os quais Roberto Pontual, Frederico Moraes, do Rio, Aracy Amaral, de São Paulo, e críticos e curadores e artistas de outros Estados. Com estes, estabeleci um contato produtivo, na condição de “periféricos”, como nos denominávamos com bom humor, mantendo vivas as forças criativas e originais, que então se manifestavam fora do eixo hegemônico Rio/São Paulo. E disso resultaram exposições, encontros, discussões e participação nossa nos grandes eventos nacionais, quer em exposições representativas da arte mais nova, quer nas históricas; e como críticos, em comissões curatoriais ou júris de salões e da Bienal.

Ainda nas páginas do Suplemento, desenvolvi ideias, proposições conceituais, e tive

Gosto de lembrar a
emoção que tínhamos,
nas manhãs de sábado, à
porta da Imprensa Oficial,
aguardando a chegada
do pesado pacote do
Suplemento que nos era
distribuído em primeira
mão, ainda quente, sob as
bênçãos do Murilo!

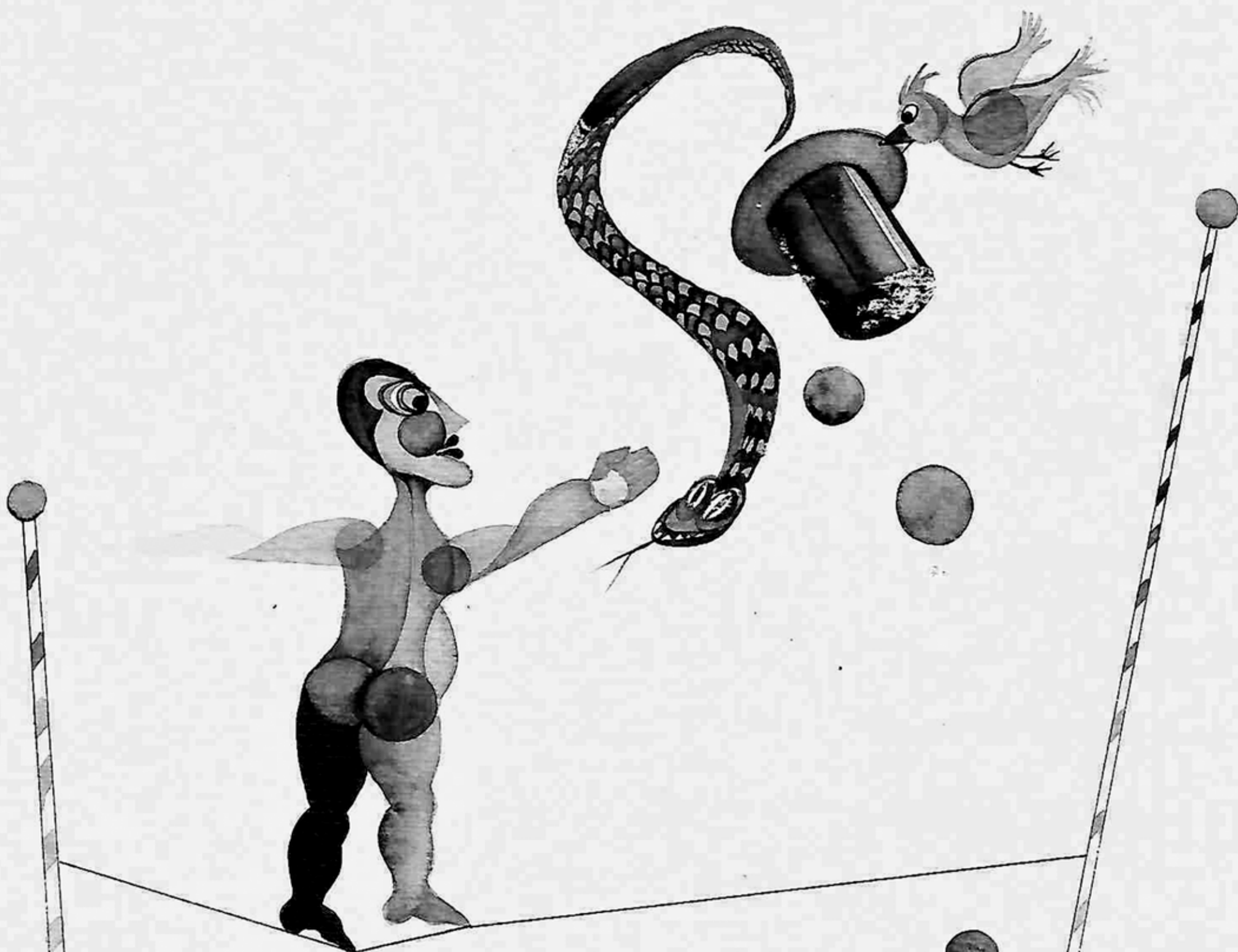


Ilustração de Madu para *O Ex-Mágico*, conto de Murilo Rubião



Redação do SLMG, 1968: entre outros, Carlos Wolney, Raimundo Veloso, Liliâne Dardot, Getúlio Starling, José Ronaldo Lima, Pompéia Brito da Rocha, José Alberto Nemer, Eliana Rangel e Márcio Sampaio.

oportunidade de criar e fazer curadorias de grandes exposições e eventos.

Algumas ideias, como o conceitual das “Indicações”, os “Materiais da Vida”, “Poética do Cotidiano” — naquele tempo algo bastante novo —, que ia registrando em textos no Suplemento, e que se tornaram “antológicos”, reverberando ideias num contexto mais amplo, reproduzidos em revistas e livros e tornados eixos de várias exposições.

Pratiquei outras formas de “crítica de arte”, como contos, histórias em quadrinhos, poemas etc. com que comentava obras e manifestações artísticas. Como havia acertado com Murilo Rubião, minha intenção era dar vez e voz aos artistas mineiros, naquele tempo muito isolados dos acontecimentos culturais dos grandes centros.

Por outro lado, o Suplemento abriu seus espaços para outros críticos, como à produção nacional e internacional, seja na literatura como nas outras áreas culturais, e embora com ênfase à produção mineira, haveria de livrar-se do peso do provincianismo.

Com o crítico Roberto Pontual e os artistas Paulo Roberto Leal e Osmar Dillon, do Rio, estabeleci uma ótima interlocução; juntamente com os mineiros Madu, Eliana Rangel e Luiz Fonseca, desenvolvemos o projeto MG/GB (GB era o estado da Guanabara), que incluía cartas, cartões postais, pinturas, desenhos, objetos, viagens performáticas, trabalhos conceituais e outras atividades criativas em torno da questão geográfica, topológica, psicológica e cultural.

Dessa parceria, foram surgindo trabalhos nossos dos quais outros artistas mineiros se apropriaram, vindo então uma grande safra de obras tendo como tema as montanhas de Minas, a separar-nos do litoral e da “corte”. E se tornou tão frequente o tema, que veio a ser denominado, não sem uma dose de ironia, “de artemontanismo”. Entretanto, é um momento significativo da arte mineira dos anos 70, cujos registros em obras muitas vezes impactantes, se acham incorporadas aos acervos de museus e coleções particulares.

Foi a partir da plataforma do Suplemento que fui levando minhas contribuições a outras publicações como a revista Manchete, o Jornal do Brasil, o Estado de Minas e outros jornais de Belo Horizonte, além de revistas de arte como Vozes, Galeria, Guia das Artes e Palavra.

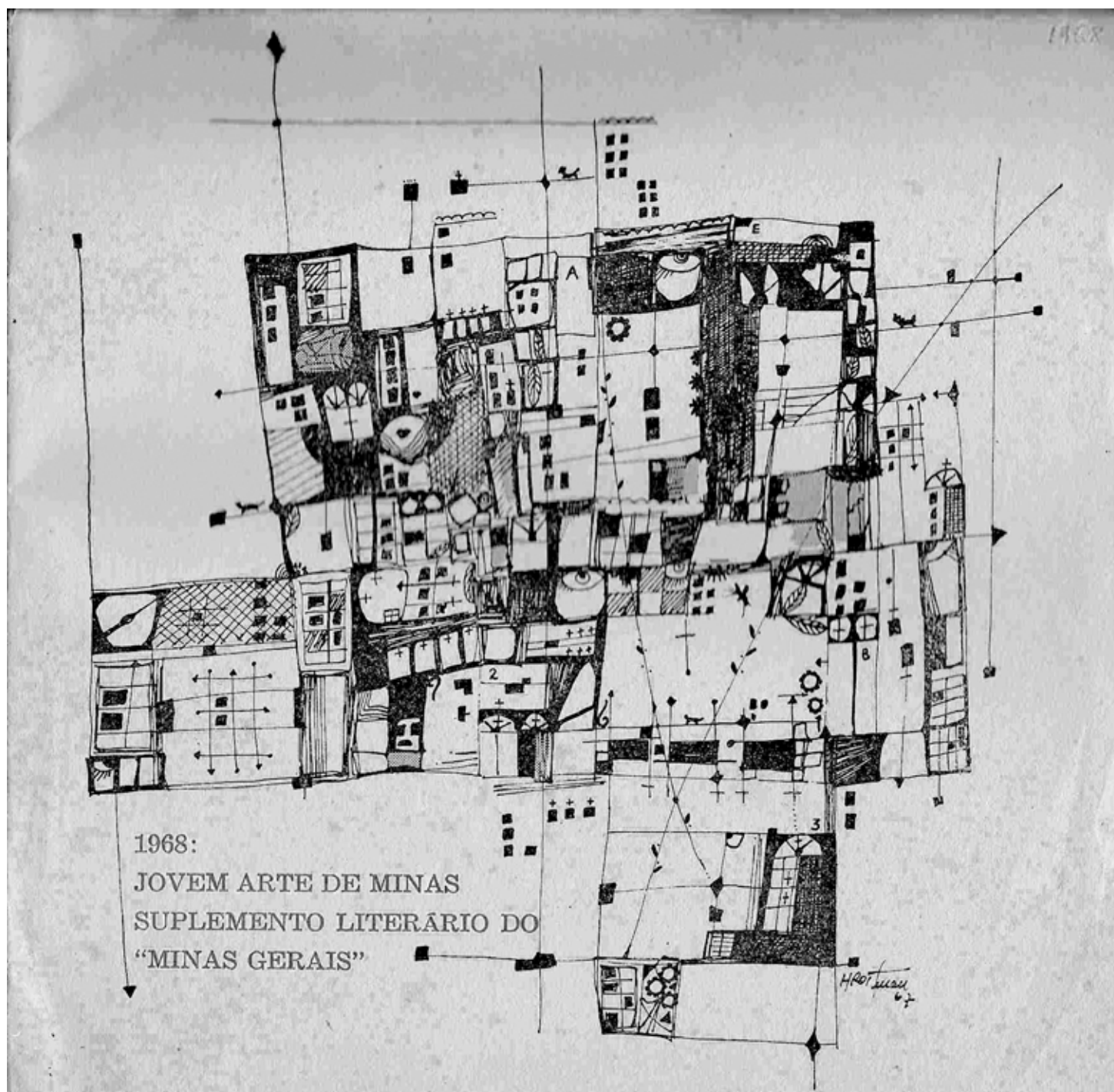
Ainda em consequência de meu trabalho no SL, fui convocado para dirigir o Museu da Pampulha e implantar o setor de artes Plásticas do Palácio das Artes (onde trabalhei por longos e produtivos 14 anos) e como professor da Escola de Belas Artes da UFMG. Por tudo isso, mantendo conversas, desenvolvendo ideias, propondo conceitos, apoiando novos artistas, ia recebendo também manifestações de artistas brasileiros e estrangeiros.

Escrevendo no Suplemento sobre grandes eventos como a Bienal, os Salões de Arte e exposições relevantes, dava divulgação da produção nacional levando aos leitores, e especialmente aos artistas, minha interpretação de fatos de obras, de pensamentos e opiniões de artistas relevantes ou daqueles jovens “revolucionários” de forma a estimular mais ainda a produção de nossos artistas, estimulando a discussão e a experimentação.

Depois de minha transferência da redação do Suplemento para o Palácio das Artes, ainda mantive colaboração e acompanhei por anos o vaivém das tendências e a firmeza da nossa publicação



José Alberto Nemer, Liliane Dardot, Getúlio Starling, Lucas Raposo, Eliana Rangel e Márcio Sampaio, 1968.



Herton Hoitmann

em manter o diálogo e a colaboração com os nossos artistas, reavaliando suas obras, a história da arte local e nacional.

O olhar atento sobre o nosso jornal, especialmente nos seus primeiros anos, há de reconhecer a sua importância na divulgação das artes plásticas, dos nossos artistas mineiros. E suas páginas provêm subsídios para a compreensão das mudanças que ocorreram, tanto na expressão e maneira da conformação gráfica, a concepção formal e técnica das ilustrações, e em noutro nível, como a arte, nestas cinco décadas, relatada criticamente e/ou impressa, foi-se modificando, incorporando formas e meios, e de maneira mais clara ou por metáforas e intenções ocultas, a forma como nossos artistas interpretam e registram nosso tempo, neste lugar tão continuamente conturbado que é o nosso País.

MÁRCIO SAMPAIO

mineiro de Santa Maria de Itabira, é poeta, artista plástico, crítico de arte e membro da Academia Mineira de Letras. Fez parte da primeira equipe de redação do SLMG.

A black and white photograph of a man, Murilo Rubião, sitting at a desk and operating a typewriter. He is wearing a light-colored suit jacket, a white shirt, a dark tie, and thick-rimmed glasses. He is looking down at the typewriter. The desk is cluttered with papers and the typewriter. In the background, there are some books or papers on a shelf.

UM PONTO DE ENCONTRO. E DE PARTIDA

HUMBERTO WERNECK

Murilo Rubião, no início do Suplemento Literário

Cinquenta anos depois, talvez seja difícil imaginar o ceticismo e indiferença com que tantos viram nascer uma das melhores e mais longevas publicações literárias que o Brasil já teve.

No entanto, foi assim. Mal correu a notícia de que o governo mineiro decidira criar, como encarte semanal do árido diário oficial do Estado, um suplemento dedicado à literatura, multiplicaram-se muxoxos de incredulidade e desdém no brejo das letras em Belo Horizonte. Não faltou, entre os medalhões locais, quem se pusesse a vaticinar que o projeto já nascia morto, pois simplesmente não haveria com que encher todas aquelas páginas. Aves de mau agouro e plumagem rala foram dizer a Murilo Rubião, encarregado de tocar aquele temerário barco, que, por falta de matéria-prima original, seria preciso recorrer a traduções.

Ainda bem que o grande contista, em tudo destoante daqueles corvos, não se deixou abalar. Sonhava alto. Quando Raul Bernardo Nelson de Sena, da equipe do governador Israel Pinheiro, lhe falou em ressuscitar uma seção literária que o *Minas Gerais* tivera décadas antes, Murilo contrapropôs: por que não, em vez de modesta página, um suplemento literário? Recebido o sinal verde, montou redação enxuta no velho prédio da Imprensa Oficial, na sala, não por acaso, onde Carlos Drummond de Andrade trabalhou entre 1929 e 1934, e que por isso recebeu o nome do poeta. Dali saiu, em 3 de setembro de 1966, o primeiro número do Suplemento Literário, acondicionado naquele que era então o único jornal a alcançar regularmente todos os municípios de Minas Gerais.

Frustrados em suas predições, os tais corvos não tardaram a se assanhar na tentativa de se apossarem do instantaneamente vitorioso *Suplemento Literário* do *Minas Gerais*. Não conseguiram. Possuidor de alma generosa, além de servidor público habilidoso e sagaz no trato com adversários, Murilo Rubião abriu espaço para alguns desses escribas, o bastante para aplacar as ambições dos mais sedentos. Pautou-se, desde o início, pela sabedoria de Mário de Andrade, que nos anos 1920 recomendara os jovens modernistas de Minas, a turma de Drummond, acolher nas páginas de *A Revista* também alguns representantes do establishment literário, até como estratégia para evitar fuzilaria dos velhos bacamartes.

Integrante de uma geração que então chegava à cena, ávida por oportunidade para mostrar suas primeiras produções, prefiro lembrar o que Murilo fez por nós, jovens aspirantes à literatura, e não só os de Minas Gerais – e com uma largueza de espírito e uma ausência de preconceitos que jamais voltei a encontrar em outras publicações do gênero, quase todas elas encasteladas em plataformas e programas que excluem a participação de quem não pertença à patota. Murilo podia não gostar dessa ou daquela corrente literária – e me ocorre, entre outros, o caso do poema-processo –, mas nem por isso lhes fechava as páginas do SLMG. Sem paternalismo, dava oportunidade a quem lhe parecesse digno de aposta. E aos jovens, desde o primeiro número, misturava veteranos do primeiro time.

Fui um daqueles afortunados moços aos quais Murilo Rubião proporcionou também emprego na redação do Suplemento. Não entre os da primeira hora – Márcio Sampaio, José Márcio Penido e o diagramador Lucas

Raposo. Ao lado de João Paulo Gonçalves da Costa, Valdimir Diniz, Adão Ventura e Carlos Roberto Pellegrino, lá cheguei em maio de 1968. Outros viriam mais adiante, entre eles Jaime Prado Gouvêa, contista e romancista que nos anos recentes vem renovando o brilho e a força do SLMG em seus melhores momentos.

Murilo Rubião era um comandante firme e doce, tolerante ao ponto de em mais de uma ocasião ter permitido que alguns dos comandados saíssem mais cedo para participar de passeatas contra a ditadura militar. A mim e ao Pellegrino, veteranos de uma temporada na cela 3 do DOPS, limitava-se a recomendar que redobrássemos os cuidados. Nenhuma dúvida havia de que ali mandava ele, mas nem por isso nos sonegava espaço para iniciativas. Assim foi, por exemplo, quando lhe demos a ideia de publicar regularmente entrevistas e depoimentos de jovens escritores, no início mineiros (O Escritor Mineiro Quando Jovem), depois de outros cantos do país (Os Novos de Toda Parte). Foram trinta, entre eles Sérgio Sant'Anna, José Guilherme Merquior, Moacyr Scliar e Caio Fernando Abreu.

Território também físico para grupos literários diversificados, de Belo Horizonte e do interior de Minas, o Suplemento era ponto de encontro e de passagem. Não só de jovens, benza Deus. Nos breves, inesquecíveis, decisivos dois anos que passei na Sala Carlos Drummond de Andrade, até maio de 1970, quando deixei Minas Gerais, me lembro de ter visto ali passarem, entre muitos outros, Clarice Lispector, Fernando Sabino, João Antônio e Décio Pignatari, numa confraternização de que muitas vezes participavam Affonso Ávila e Laís Correia de Araújo, poetas que, inclusive na qualidade de membros do Conselho Editorial, ajudaram a fazer daquela a fase de ouro do SLMG. Tivemos o privilégio, ainda, de conviver com o ficcionista e crítico Rui Mourão, de quem Murilo quis fazer seu sucessor, mas que, num episódio típico daqueles tempos, teve seu nome vetado pelas autoridades militares.

No dia a dia, podíamos nós, frangotes da literatura, desfrutar do convívio enriquecedor com escritores de gerações mais velhas, como os poetas Emílio Moura e Bueno de Rivera, com os quais papeávamos tarde adentro. Só lamento não ter aprendido mais com aqueles dois, e sobretudo com Murilo Rubião, de quem, meio século depois, sigo sendo devedor de muito mais do que um emprego e espaço para publicar minha prosa de rapaz.

HUMBERTO WERNECK

mineiro de Belo Horizonte, é escritor e jornalista, assinando atualmente uma crônica semanal no "Estado de S. Paulo". Integrou um dos primeiros grupos de redatores do SLMG, do qual é hoje conselheiro editorial.

O SUPLEMENTO LITERÁRIO

COMO FONTE E OBJETO PARA A PESQUISA HISTÓRICA

VALDECI CUNHA

“O necessário é saber o que se tem de observar”

Edgar Allan Poe

Teve uma época em que os pesquisadores no campo da História olhavam para a imprensa, de uma forma geral, sob dois aspectos: ou era tratada de forma acrítica ou simplesmente rejeitados por completo como documento. Ambas as posturas, tanto a primeira que a enaltecia (considerando-a como repositórios de verdades de uma época, cultura ou sociedade) ou a desprezava (por tomá-la com uma ressalva e desconfiança por entendê-la como falsos instantâneos da vida cotidiana relatada), refletiam, no fundo, formas de lidar com os fatos e os testemunhos históricos e, mais objetivamente, o que podemos chamar de tradições historiográficas. Por exemplo, cite-mos as concepções do Positivismo, que sempre teve um grande problema em aceitar como fontes para a história documentos que não fossem comprovadamente oficiais e produzidos pelo Estado. Mas, felizmente, os tempos são outros.

Hoje, sob o prisma do que chamamos de uma História Cultural, vários são os resquícios do passado que interessam ao historiador em sua tarefa de interpelador e investigador do ocorrido em uma dada sociedade. Jornais, revistas de cultura, HQs, diários pessoais, correspondências, livros de receitas, álbuns de fotografias, almanaques, *blogs*, páginas de redes sociais, enfim, são materiais que cada vez mais

interessam às pesquisas históricas. Aqui, nossa história começa.

Desde de 2014, venho estudando o *Suplemento Literário* para a minha pesquisa de doutoramento em História, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Como quase um chavão na área de pesquisa em ciências humanas, não seria forçoso dizer que as investigações as quais nos dispomos a fazer, em algum momento, também acabam nos levando a mares até então pouco conhecidos, ou mesmo impensados. No meu caso, cheguei até o *Suplemento* pelas mãos do escritor paulista Oswald de Andrade, sobre quem fiz uma pesquisa sobre a sua trajetória intelectual entre os anos de 1920 e 30. Curiosa relação? Nem tanto, como procurarei mostrar, de agora em diante, no desenrolar desse texto.

UM ANTROPÓFAGO NAS PÁGINAS DO SUPLEMENTO

Em 13 de abril de 1968, o *Suplemento* chegava ao seu número 85 e, para essa edição, o impresso deu lugar a uma homenagem aos “40 anos da Antropofagia”, com Oswald de Andrade ocupando o centro das atenções. Importantes nomes da crítica literária brasileira, daquele momento e, com certeza, posteriores, se ocuparam a analisar e propor releituras do escritor paulista. Nessa turma, destaco o artigo escrito

por Laís Corrêa de Araújo, intitulado “Poesia por contato direto”, que nos remonta às principais discussões/propostas estéticas contidas tanto no *Manifesto da Poesia Pau-Brasil* (1924) e no *Manifesto Antropófago* (1928).

Outro importante autor, responsável por uma produção importante, incluindo a organização de alguns exemplares das *Obras Completas* do escritor paulista, e que contribuiu para o *Suplemento* a respeito dele, foi Benedito Nunes. É de sua autoria um longo ensaio intitulado “A marcha das utopias”, um importante texto que se ocupou menos com a figura de Oswald de Andrade e mais com os seus escritos dos anos de 1950, momento em que o escritor faz uma revisão da antropofagia proposta nos anos 20.

Outro autor importante que analisou o legado do escritor paulista foi o poeta seu conterrâneo Haroldo de Campos, em ensaio intitulado “Oswald de Andrade”, em que comparou a sua produção literária com a do escritor americano Ezra Pound, indicando entre os dois características de homens que inventaram a literatura moderna, autores de “separações drásticas, dos não li e não gostei”.

Por fim, vale a pena ressaltar brevemente que essa edição, mencionada anteriormente, contou ainda com os textos “Tarsila e a exposição antropofágica”, de Mário da Silva Brito, trecho retirado do livro *A Literatura no Brasil* (1959), em que o autor rememorou a transmutação do

“movimento pau-brasil para a Antropofagia” e enfatizou o escândalo da exposição da pintora no Rio de Janeiro em 1929; “Para a história do modernismo brasileiro”, de João Dornas Filho, publicado no *Diário de Minas*, em 1952, com ênfase na recusa de Carlos Drummond de Andrade à adesão à Antropofagia e a posterior criação do jornal *leite criolo*, inserindo em seu texto partes da carta em resposta do escritor itabirano a Oswald, e a conferência pronunciada em 1929 a bordo de um navio numa viagem à Europa por Jayme Adour da Câmara, um dos responsáveis ao lado de Raul Bopp pela direção da segunda fase da *Revista de Antropofagia*, que foi divulgada por Oliveira Bastos no extinto *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil* (1957) intitulada “Antropofagia – a revolta da sinceridade recalcada”.

Ao percorrer o acervo do *Suplemento*, levantamento somente possível graças ao fato de seus números estarem disponíveis *on line* para consultas, pude encontrar algo em torno de 40 textos que tiveram Oswald de Andrade como tema, o que tornaria inviável a análise de todo o material no curto espaço deste ensaio. Contudo, algumas questões se apresentam, a partir de tudo que foi dito até aqui, para pensarmos na importância do *Suplemento Literário* para a cultura nacional. Vejamos alguns pontos.

Essa primeira pesquisa, pequena e localizada, que fiz em 2013 sobre as releituras feitas e publicadas no *Suplemento* sobre Oswald de Andrade, me despertou para algumas indagações, que eu poderia dizer, hoje, claramente, que me motivaram a estudar este caderno de cultura. Primeiro, como já mencionado, pelo enorme acervo de escritores, artistas plásticos, ensaístas, historiadores, críticos, entre tantos outros, que puderam encontrar em suas páginas abrigo para as suas produções, tanto daqueles que naqueles anos idos de 1960 ainda eram estreantes na vida cultural do país, como os já consagrados. Sem sombra de dúvidas, não seria forçoso afirmar o caráter transdisciplinar do caderno, em um momento que essa discussão ainda nem se apresentava como central no campo da produção acadêmica, como hoje, ou no âmbito mais amplo da cultura.

Outro ponto que merece destaque relaciona-se ao poder de alcance da publicação. Encartado



O poeta Valdimir Diniz, com Murilo Rubião ao fundo. Redação do SLMG, 1979.

no diário oficial do Estado, o *Minas Gerais*, o *Suplemento* conseguiu atingir uma amplitude cultural talvez ainda não superada, mesmo se considerarmos o desenvolvimento da comunicação de massa, no âmbito de um jornal impresso. É impressionante a gama de contribuições que o caderno recebeu desde o início da sua publicação, em 1966. Uma rápida visita, mesmo que curiosa, ao Acervo dos Escritores Mineiros, onde se encontram a documentação mantida pelo criador do SLMG, o escritor Murilo Rubião, nos mostra uma volumosa quantidade de materiais guardados sobre a sua recepção e enaltecimento, inclusive com algumas cartas guardadas de colaboradores e fãs do caderno.

Uma terceira questão poderia ser localizada na formação e manutenção de leitores de literatura em todo território nacional, e mesmo para além de suas fronteiras. Aqui, um destaque maior vale a pena ser dado, para além desse caráter cosmopolita do caderno, para o lugar importante que conferido, em suas páginas, para a literatura latino-americana. Autores como Julio Cortázar, Gabriel Garcia Marquez, Jorge Luís Borges, Mario Vargas Llosa, dentre tantos outros, de todos os países do continente americano, foram publicados, traduzidos, resenhados e, em alguns momentos, entrevistados por integrantes do corpo editorial do caderno como, por exemplo, Humberto Werneck, Carlos Roberto Pellegrino e Jaime Prado Gouvêa, dentre outros.

Um último ponto, mas não menos importante e muito menos finalizador das possibilidades de apreensão do *Suplemento*, diz respeito ao trabalho que pode ser conferido ao caderno de cultura, e em acordo a uma discussão central para a história, sua atuação como um lugar

da memória cultural. Nesse ponto, vale a pena chamar a atenção para a criação, publicação e multiplicação dos cadernos especiais feitos desde a sua criação até os dias atuais, sendo isso mesmo um exemplo vivo e pulsante desse projeto. Vários escritores, entre eles Emílio Moura, Guimarães Rosa, Henriqueta Lisboa, Lúcio Cardoso, Carlos Drummond de Andrade, e temas, como o Barroco, a geração dos “Novos”, a Arte Sacra, entre outros, foram abordados nessas edições. Nelas, destacou-se também o trabalho gráfico de nomes importantes das artes plásticas, como Eduardo de Paula e Sebastião Nunes, responsáveis por belas capas coloridas de algumas edições dos cadernos especiais.

Criado em um tempo marcado pelos “anos de chumbo” e mantido, mesmo com algumas turbulências enfrentadas em seu percurso, até os dias atuais, talvez não seja forçoso perceber, e por que não?, talvez algum resquício daquela vontade de criação e manutenção de uma cultura tipicamente brasileira proposta por Oswald de Andrade. Nesses 50 anos de comemoração de um caderno de cultura com tão grande longevidade, ainda mais se pensarmos na tradição das revistas de cultura em Belo Horizonte que, quando muito, sobreviviam à terceira edição, o *Suplemento Literário* é digno de nossos aplausos e consideração. E, como afirmou Drummond em carta para Rubião em 1966, “merece ser lido” – e, diria eu, pesquisado.

VALDECI DA SILVA CUNHA

mineiro de Belo Horizonte, é pesquisador e doutorando em História Social da Cultura, ambos pela UFMG. Está preparando para publicação, em 2017, o livro *Oswald de Andrade: um antropófago comunista* (Ed. Prismas).

...a a nação. Quando outros argumentos não bastassem para provar tão grave assento, seria bastante recordar a invasão do Oidium, e aquella mais recente do Phylloxera.

Os paizes flagellados pelos sinistros ampolophagos não se arruinavam inteiramente, por que lá o exclusivismo cultural se centralizava apenas em certas zonas, as quaes pagaram bem a sua imprevidencia. O mesmo não se dá com o Brazil, onde o café é a unica verdadeira produção, de modo que, si esta for atacado por algum cryptogama ou insecto, o paiz se verá na duma contingencia de se declarar em falencia. Esta é a verdade nua e crua, segundo o dizer popular.

Ora, como nos arrojam o direito de critica, é justo que nos julgemos com auctoridade de indicar remedios aos males por nós a-signalados; e é por isso justamente que aconselhamos novas culturas, cujas vantagens e exigencias conhecemos muito.

Qual a cultura do trigo se impõe qualquer outra, já pelo escasso o colloca

As ondulações das campinas são aqui e alli turbadas pelos rochedos calcareos, nos quaes se encontram innumeras e extensas cavernas, algumas exploradas pelo sabio dinamarque, outras ainda completamente desconhecidas, debaixo do ponto de vista scientifico. E, em geral, para estas cavernas calcareas, das quaes mais tarde nos occuparemos, que convergem os correios e ribeirões que, apenas a descoberto em alguns pontos, têm quasi todo seu curso subterraneo.

Não é a famosa Lagoa Santa a unica que ali se encontra; dezenas de outras menos importantes surgem naquellas paragens, em situação bem semelhante á da grande Lagoa.

Quaes seriam pois as razões pelas quaes attribuíram-lhe nesses povos santidades e virtudes que não concederam a suas congeneres? Seria o indestructivel amor a tudo que tinha

...ncível tendencia que têm de expousar mais natural? lagos e val-terra- das fassio quan- os ali-occa até ar que func-

às vezes fontes es que talvez te-antidade da lagoa a, a não ser que ou-seu honroso qualifica-

r, o certo é que a quasi chamava a attenção dos ho-lais tarde a amenidade e cia de seu clima fez que lá notavel naturalista.

r curioso o juizo dos sabios eimos depois a campo o o sabio dinamarque, ha á sciencia, fazendo de-es sobre o futuro da-eglio.

nos pareceu razoavel com o titulo de-hon-

grao de calor com que nascem, e do mesmo Sol recebem.

E hé tão certo este pensamento, que a mesma experiencia o comprova: quando em Mayo principio estas aguas a esfriar manifestamente se alcança mettido o corpo em banho, serem ainda quentes as aguas inferiores estando as superficiaes mais frias; e pelo contrario, quando em Jero se tornou a experimentar quentes achá o corpo mais temperado as da superficie, que as ultimas. Motivo que me fez em varias conferencias requerer se baixasse o Leyto do seu desagadouro para a maior correnteza desta aguas se diminuir tão sobre abundante rio: de que emanaria para o bem publico alem de muitas, tres consequencias utilissimas.

A primeira que cogitando assim muita parte de tão extenso Lago, se descobriria o seu nascento, donde executariam as observações que faltão. A segunda que conservando-se em taes limitada porção de aguas o mineral que as imprença se executaria nos effeitos mais efficax a sua valentia. A terceira finalmente seria poder-se em menos quantidade de agua melhor conservar o calor que das entranhas da terra, e da actividade do sol se lhes communica.

Da surgente deste Lago não se vê manifesto sinal, nem em toda sua circumferencia a Corrente algua de outra agua que nelle se communique menos em tempos de chuvas as vertentes da, quella vasta planicie que no mesmo Lago forçosamente desagoda e specialmente.

Da parte do Sul quasi no seu principio se observa em tempo de seca hum lagadico que no Inverno corre não com pequenas aguas no mesmo Lago.

He tão bem de notar-se que não se vê nas suas aguas passaro algu dos que nas aguas pauludas são comuns e assim mais por tradição do primeiro povoador consta que nunca pide na sua fazenda conservar rã algua do gado immundo, porque emmagrecendo com aquellas aguas se via crescer mais para a morte que para os fructos da conveniencia e do gosto.

São estas aguas dota las de admiravel gosto, e de hua claridade tão dia ana que não só em vidros, serve de admiração, mas entrando-se no mesmo Lago em Canoa, com espectáculo certamente agradável se divisa em altura de muitas braças vagar diversa qualidade de peixes, e quasi se podem contar as ervas de que é alcatilado o seu fundo. He este na parte mais alta de 18 até 30 palmos em algumas partes de pedregulho que perto da praya se achá cuberto de muito limo e juncos, entre os quaes se observão huas bolas amarellas formadas daquello musgo a que vulgarmente chamão aguas vivas.

Incriveis e quasi encarecimentos parecem os prodigios que tem obrado este musgo e a mesma agua não só neste mesmo seo natural ms. em partes distantiissimas onde com extraordinarios impulsos se remetem, como refertrey em narração aparte por notas de pessoas fidedignas que me tem por cartas communicado.

Se não quizer attribuir-se a disposição da divina providencia o dilatar, e guardar o descobrimento de hum thezouro tão grande para este tempo em que mais se carecia nestas terras de hua prodigiosa Piscina que destruisse os

inveníveis achaques endemicos deste continente que vão fazendo tão deploraveis estragos não só nos Ethiopes, mas ainda nos Europeus. Poder-se ha dizer que a rudeza o sem discurso do primeiro povoador deste sitio Felipa Rodrigues de Macedo foy a unica causa de estar até o dia de hoje encuberta tão grande utilidade, ao mesmo tempo que desde a primeira da sua primeira chaya-

destas aguas, ainda que não tivesse estado que a rebeldia da sua queima não mais potentes auxilios da medicina mais leve melhora. Porém tão rude foi curso que, entendeu fortuito o que era prodigioso.

Quiz, todavia, o Céu dar-lhe segundo com que experimentasse a valentia do tinha entre maons, e permittio que os huas suidez quasi total, de forma que vates, em tom mediano, nem os si algua distancia percebia. Descontentes neste achague algus menes, até que fez o que não obrava o discurso: e foi, e banhar-se na Lagoa, quasi á noite, e nos ouvidos hua pequena gotta de agua ceu-lhe que (se darem-lhe estes uns re-lhe dissipava de repente um panno para se lhe formava a queima, effeito que citou a botar nos ouvidos a miúdo a agua que na repetição de poucos dias totalmente tão importuna molestia. Na que formasse a este 2º prodigio algum das aguas porque tão bem não cuidou e municallo.

Pelo que parece quiz o Céu confundir ignorancia com os exemplos dos mesmos cionares. Reparou que quasi todas as m das se sentia nas aguas hum não ordinario surto; observou a causa, e vio que um de Anta: hia lentamente nadando no não penetrando o misterio fez ao pobre espera para metallo, e podendo ser im (supposta a dilatada circumferencia de cabir no lugar da vigia um animal tão speto, permittio o Céu que fosse morrer do cassador para advertir-lhe mostr chea de chagas huas cicatrizando, e o todo sexadas, que os proprios irracionais dos do natural instincto buscavão o t que elle desprezava.

Erão passados já sete annos que neste Sitio Felipa Rolz desfructando balho de hua pequena engenhoca ter sua companhia hum mulato sorro; in hum dia a casa por divertir-se, e cheg caminho do Rio das Velhas reparou g entre as ervas pouco afastado da estrada negro que examinado poude proferir ter sido de hum Manoel Neto Covas que sara de sua fazenda e catyvelho por para o trabalho em razão de hua que dade yramente horrorosa e incuravel fre sima nos Negros chamada vulgarmente glia ... sendo as verdades chagas c ditas deusas como discutirei em um tratenho entre mãos das queixas endemicas prias da America. Movido o mulato da de chrystian conduzio no seu cavallo o fazenda mais proxima para lembrar-lhe de Deus do que para curallo: puzer hum casa em que se costumava gu milho, porém como fosse inaturavel o se chagas o mandavão lavar-se a miúdo n em cujas aguas que achava tepidas n dava deter-se por dilatado espaço o mo.

Poucos semanas contava de banhos, reparavão que mais desembaraçado p e que as chagas unhão já outra app até que admiravão finalmente ind horas em conhecido augmento, es poucos menes de todo, livre, e extin horrorosa queixa.

ensa Official do Estado
CAIO têm o prazer de
ia para o lançamento
do «Minas Gerais».
realizada, sábado, dia
s 11 horas, no Saguão-
cial.

LACAYAOES

Lagoa Santa e seus arredores

HOJEM, HOJE E AMANHÃ

Bem poucos são os mineiros que não terão ouvido falar desta formosissima lagoa, do poetico arraial que surge em suas encantadoras margens e das lendas mais ou menos mysticas com que o povo procura sempre cercar tudo que lhe parece fora do commum e do natural.

Ninguém ha, talvez, em Minas que não conheça, ao menos por tradição, esta pequena localidade que, pela amenidade de seu clima e patriarcal hospitalidade de seus habitantes, tornou-se o ninho querido do sabio naturalista dinamarque P. W. Lund, que de fraguissima e

HISTORICO-MEDICA QUE NO DESCUBERTO DAS AGUAS MINERAES DA LAGOA GRANDE

Offerece

A Magistral Dr. Roy Fidelisima D. João V. Antonio Chilli Romano, Mestre em Artes, Dir. em Medicina pela Universidade de Roma, approvado pelo conselho suoz da M. Magistral, e suoz da Pontificia Academia Hippocratica com o particular emprego de Utensilio.

A impulsos da Divina Providencia mais que por diligencia humana se publicarão no mez de março de 1749 as prodigiosas virtudes das aguas mineraes da Lagoa Grande.

He situado este Lago na altura de 19 graos e 1/2, e sete leguas distante da Comarca Real cabeça da comarca do Salará correndo pelo Rio

SUPLEMENTO



Capa: Carolina Lentz

Governador do Estado de Minas Gerais
Secretário de Estado de Cultura
Diretor-geral da Imprensa Oficial de Minas Gerais
Superintendente de Bibliotecas Públicas e Suplemento Literário

Fernando Damata Pimentel
Angelo Oswaldo de Araújo Santos
Eugênio Ferraz
Lucas Guimaraens

Suplemento Literário
Diretor
Coordenador de Apoio Técnico
Coordenador de Promoção e Articulação Literária
Projeto Gráfico
Escritório de Design
Diagramação
Conselho Editorial

Jaime Prado Gouvêa
Marcelo Miranda
João Pombo Barile
Plínio Fernandes
Gíria Design e Comunicação
Carolina Lentz - Gíria Design e Comunicação
Humberto Werneck, Sebastião Nunes, Eneida Maria de Souza, Carlos Wolney Soares, Fabrício Marques
Elizabeth Neves, Aparecida Barbosa, Ana Maria Leite Pereira, Jaeder Gomes (estagiário)

Equipe de Apoio

Jornalista Responsável
ISSN: 0102-065x

Marcelo Miranda – JP 66716 MG

Textos assinados são de responsabilidade dos autores
Acesse o Suplemento online: www.cultura.mg.gov.br

O SUPLEMENTO é
impresso nas oficinas da
Imprensa Oficial do Estado
de Minas Gerais

Suplemento Literário de Minas Gerais
Av. João Pinheiro, 342 – Anexo – CEP: 30130-180
Belo Horizonte, MG – Telefax: 31 3269 1143
suplemento@cultura.mg.gov.br



ELITE OIL: THE SUPPLY SIDE

01653

EDITORES DO SLMG

Murilo Rubião - 1966-1970

Rui Mourão - 1970

Libério Neves - 1970

Ildeu Brandão - 1970-1971

Angelo Oswaldo - 1971-1973

Mário Garcia de Paiva - 1973-1975

Wander Piroli - 1975

Wilson Castelo Branco - 1975-1983

Duílio Gomes - 1983-1985

Paschoal Motta - 1985-1994

Jaime Prado Gouvêa - 1994-1995

Carlos Ávila - 1995-1998

Anelito de Oliveira - 1999-2003

Fabício Marques - 2004

Camila Diniz - 2005-2008

Jaime Prado Gouvêa - desde 2009